



**Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Psicologia**

MÉRCIA CRISTIAN SOUSA DE ALMEIDA

**ADOLESCÊNCIA, FIGURA CULTURAL EXEMPLAR DA
POSIÇÃO TRANSICIONAL:
PARADIGMA DO SUJEITO MODERNO**

**Fortaleza-CE
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MÉRCIA CRISTIAN SOUSA DE ALMEIDA

**ADOLESCÊNCIA, FIGURA CULTURAL EXEMPLAR DA
POSIÇÃO TRANSICIONAL:
PARADIGMA DO SUJEITO MODERNO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Curso de Mestrado em Psicologia do Centro da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos psicanalíticos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro

**Fortaleza-CE
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
2006**



Fundação Edson Queiroz
Universidade de Fortaleza – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Mestrado em Psicologia

Dissertação intitulada “Adolescência, figura cultural exemplar da posição transicional: paradigma do sujeito moderno”, de autoria da mestranda Mércia Cristian Sousa de Almeida, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Dr^a. Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro UNIFOR – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Edna Linhares Garcia – UNISC

Prof^a. Dr^a. Leônia Cavalcante Teixeira – UNIFOR

Prof^a. Dr^a. Maria Celina Peixoto Lima – UNIFOR

Prof. Dr. HENRIQUE FIGUEIREDO CARNEIRO
Coordenador do Curso de Mestrado em Psicologia – UNIFOR

Fortaleza, 28 de dezembro de 2006

AGRADECIMENTOS

- A Clara Virgínia de Queiroz Pinheiro, minha orientadora, por sua clareza, dedicação, presença e estímulo para a realização com “gosto” deste trabalho.
- A Ana Elizabeth Cavalcanti, pela amizade e importância na minha formação psicanalítica, pela supervisão clínica e assessoria institucional, além das leituras e direções para este estudo.
- A Maria Cecília Ribas, pela interlocução precisa e pelos caminhos essenciais sobre a teoria.
- A Leônia Cavalcante Teixeira, por sua contribuição cuidadosa e pela transmissão teórica e supervisão clínica dos casos de consultório.
- A Maria Celina Peixoto Lima e a Edna Linhares Garcia, pela contribuição e atenção.
- Às companheiras do INCERE, pelas discussões dos casos clínicos, pela alegria de um trabalho conjunto criativo e pelo apoio para esta pesquisa.
- A Roberta Emília, minha prima, pela amizade e por acompanhar de perto a realização deste trabalho e pela ajuda na revisão final.
- Ao Dé, meu amor e companheiro, pela paciência e por seu apoio, incentivo e ajuda para a concretização desse trabalho.
- A Marcella, Eduardo e Paulo Ricardo, meus filhos pela colaboração, compreensão e carinho.
- Ao meu pai, *in memoriam*, e a minha mãe pelo amor e legado, que me ensinou o "gosto" pela vida e pelos estudos ; ao Aydes, meu irmão, pela amizade e carinho.

RESUMO

Objetivamos no presente trabalho estabelecer um paralelo entre adolescência e sujeito moderno. Trata-se de um estudo realizado a partir do referencial psicanalítico em interlocução com a antropologia. Esta articulação entre psicanálise e antropologia, parte do princípio de que a subjetividade é eminentemente histórica e que deve ser pensada como uma “acontecência”, ou seja, um interjogo permanente entre sujeito e cultura. Dessa forma adotamos, mais precisamente, a psicanálise na visão Winnicottiana, que nos ajudou a pensar na constituição subjetiva, dando a devida importância à dinâmica do ambiente particular e social. No primeiro momento do estudo situamos a problemática da adolescência em torno da questão de lugar e função social. Ou seja, a questão da transicionalidade “entre” a família e o social, a tradição e o futuro, a partir das categorias de ruptura, transição, risco, instabilidade e criatividade. Em seguida examinamos em que medida o sujeito moderno pode ser visto à luz destas categorias, considerando que o adolescente como um “espelho” e testemunho desta condição social que exige um trabalho contínuo de reorganização de seu estar no mundo. Por fim, articulamos os modos de subjetivação do sujeito contemporâneo, baseando-se nas formulações de Winnicott sobre o fenômeno transicional. Diante disso, concluímos que a adolescência é uma figura cultural com o potencial de inovação, que fala de forma precisa do processo de subjetivação na atualidade. Portanto, vimos que o ambiente cultural da Modernidade possibilitou plurais formas de existência e que pode ser vista em duas vertentes: num modo imaturo de submissão e dependência ao seu meio ou constituir-se de forma criativa e de abertura ao novo, que diz respeito tanto às realizações pessoais, quanto a uma coexistência na coletividade.

Palavras-chave: Adolescência; Sujeito Moderno; Psicanálise; Winnicott, D. W.; Transicionalidade.

ABSTRACT

The objective of this work is to establish a parallel between adolescence and the modern citizen. This study was carried through from the psychoanalysis point of view in interlocution with anthropology. This link between psychoanalysis and anthropology, part of the principle that the subjectivity is eminently historical and it must be thought of as "acontecência", meaning one permanent link between citizen and culture. We adopt, more necessarily, the psychoanalysis in the eyes of Winnicott, that helped us to think about the subjective constitution, giving importance to the dynamics of the particular and the social environment. In the first stage of the study, we pointed out problems of adolescence and the place of the question and social function. Meaning, the question of the transition "between" the family and the social being, the tradition and the future, extracted from the categories of rupture, transition, risk, instability, and creativity. After that we examine in which measure the modern citizen can be seen under the light of these categories, considering the adolescent as a "mirror" and certification of this social condition that demands a continuous work of reorganization of the state of the world. Finally, we articulate the ways of subjectification of the contemporary subject, drawing on the insights of Winnicott on the transitional phenomena and the potential space. We conclude that adolescence is a cultural figure with an innovative potential that speaks of necessity of the process of subjectification in the present time. Therefore, we saw that the cultural environment of modernity made possible plural forms of existence, and that it can be seen in two sources: in an immature way of submission and dependence on its part, or to consist of creative form and opening to the new, in that it speaks respect to personal accomplishments in such a way, that it speaks highly to a coexistence in the collective.

Key words: Adolescence, Modern Citizen, Psychoanalysis, Winnicott, D. W; Transitionally.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 ADOLESCÊNCIA | 16 |
| 1.1 O lugar do adolescente e da adolescência | 16 |
| 1.2 O olhar histórico | 29 |
| 1.3 A adolescência na perspectiva de alguns psicanalistas | 52 |
| 2 ADOLESCÊNCIA: PARADIGMA DO SUJEITO MODERNO | 71 |
| 2.1 Adolescência e sujeito contemporâneo | 71 |
| 2.2 “Adultescência: alongamento da adolescência | 87 |
| 3 O MEIO AMBIENTE CONTEMPORÂNEO | 109 |
| 3.1 Mundo adolescente: “entre” dois: Modernidade e tradição | 109 |
| 3.2 Contemporaneidade: abertura e risco. Destino: criatividade ou repetição (À guisa de conclusão) | 130 |
| REFERÊNCIAS | 163 |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 169 |

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é estabelecer uma correlação entre adolescência e sujeito moderno. Partimos, então, de um deslocamento da forma de abordar a adolescência marcada por uma descrição que a define por critérios fisiológicos e psicossociais. Dessa maneira, a noção hegemônica de adolescência é aquela que trata de um período crítico de transição “entre” a infância e a vida adulta que determinam as particularidades de uma faixa etária (após a puberdade); ou como uma fase que consiste num trabalho psíquico que num determinado momento (impossível de ser definido cronologicamente), fará a passagem da condição da adolescência para a condição adulta.

A questão da adolescência é tratada por diversos pontos de vista e, geralmente, é pesquisada por esses dois ângulos de visão tradicional, que especificamos acima, definindo-a como um fenômeno natural e universal.

Entretanto, há uma tendência oriunda da articulação da psicanálise com a antropologia, que propõe uma apreensão da adolescência como uma condição social, ou seja, algo que aponta para o “lugar” do indivíduo, na trama social.

Tal formulação acerca da adolescência é nosso objeto de estudo, que será delineado, através das idéias de Michelle Cadoret (2003), que toma a caracterização da adolescência, tendo em vista as categorias de ruptura, transição, risco instabilidade e criatividade.

Pudemos ver que o sujeito adolescente com a sua presença na sociedade evidencia, em seu testemunho na cultura moderna, um trabalho psíquico de passagem – o “entre” dois, em transição permanente – que se refere ao drama social, às dificuldades e aos impasses de foro íntimo, próprios do sujeito moderno “entre” o passado e o futuro, a tradição e o novo.

Nesse sentido, fizemos uma análise teórica, a partir da Psicanálise em interface com a Antropologia, tendo em vista uma leitura dos conceitos de adolescência, que hegemonicamente privilegiavam os aspectos que falam de uma fase individual e transitória de instabilidade, turbulência, insegurança e indefinição, que é bem emblemática das especificidades do sujeito adolescente, circunscrita justamente na cultura moderna.

De acordo com Margareth Mead (1995), essa experiência do adolescente, que se denominou adolescência, não correspondia às características vistas em determinadas sociedades, como por exemplo, na Ilha de Samoa (Pacífico Sul), investigada por ela.

Ou seja, a adolescência na perspectiva desta autora é uma construção cultural. Isso não quer dizer que ignoramos as características do indivíduo no período pubertário e pós-pubertário, em crescimento e amadurecimento biológico e psicossocial, que existe independente do período histórico, apesar do psicológico não ser nem pensado em determinadas épocas e sociedades.

Apesar das divergências, consideramos as teorias que estabelecem uma análise sobre a adolescência ressaltando a complexidade da constituição

subjetiva num devir e numa experiência contínua – numa “acontecência” – que é eminentemente histórica na medida em que é plural e se diversifica ao longo dos tempos. Ou seja, que tanto muda as experiências vividas no contexto sócio-histórico, como a conceituação dos fenômenos humanos, de acordo com o contexto particular e cultural.

Em outras palavras, o que queremos dizer é que a “acontecência” é ao mesmo tempo individual e social e em interconexão direta com os aspectos das organizações sociais em curso (não lineares), e do meio ambiente familiar e cultural, num interjogo permanente entre sujeito e cultura.

Neste estudo, escolhemos outro par de óculos para ver a adolescência, diferente do que se costuma usar. Olhamos a adolescência com lentes que nos permitiu ver nesta experiência subjetiva – o paradigma do sujeito moderno.

Defendemos a idéia de que o sujeito adolescente é exemplar da questão da transicionalidade própria do humano e encena uma condição social que se faz paradigmática do sujeito moderno, uma vez que é descrita como uma entidade em processo de autonomização e em ‘trânsito’ de um lugar a outro – a inevitável transição da infância (saída de casa) um lugar seguro e estável (para a rua), a vida de um estatuto adulto.

Assinalamos, então, que esse processo de constituição subjetiva em transição e individuação, é bem ilustrativo da condição do indivíduo moderno, que vive a abertura ao novo e a exigência contínua de uma transicionalidade,

ou seja, mudança de lugar e função social, posição de risco e de instabilidade, mas acima de tudo, um terreno fértil para a criatividade.

Dessa forma, fizemos um breve passeio nas formulações históricas sobre a adolescência e o adolescente, e, em seguida, sobre algumas produções de psicanalistas eleitos por nós.

Posteriormente, propomos problematizar a perspectiva da adolescência, situando-a como um lugar na rede da sociabilidade, que diz respeito à condição social do sujeito, tratando mais precisamente do âmago do drama da subjetividade moderna na contemporaneidade. Ou seja, a partir das categorias que destacamos da caracterização da adolescência, de ruptura, transição, risco instabilidade e criatividade, examinamos em que medida o sujeito moderno pode ser visto a luz destas categorias, que evidenciaram na contemporaneidade a condição ambivalente, de duas forças antagônicas inerentes à subjetivação.

Para falar sobre tais questões, adotamos a visão Winnicottiana em seus conceitos do fenômeno transicional, que se dá no espaço potencial. Winnicott privilegia os aspectos da relação “entre” indivíduo/ambiente, com um olhar que considera a provisão ambiental desde a tenra idade, como fundamental para situar a posição que o indivíduo se constituiu, de confiança e segurança em si e no mundo, ou não. E essa posição e condição do sujeito no social, será pensada neste trabalho, em duas vertentes: a sombria que é a posição de submissão e dependência, e a satisfatória, que é a necessidade do indivíduo se sentir realizado, apesar de ser um exercício infundável, arriscado e

penoso, mas que possibilita a criatividade e o sentimento de sermos nós mesmos.

Falamos da abertura do mundo moderno, que possibilitou pensar as múltiplas maneiras de subjetivação e de sofrimento psíquico, que surgem dia-a-dia de modo diverso de tempos atrás, como por exemplo, o alongamento da adolescência (“adulescência”), ilustrada pelo filme “Aos treze” de Catherine Hardwincker (2003), e por matérias veiculadas pela mídia que descrevem o efeito da cultura nas subjetividades, não deixando de falar, também, das conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo, com Richard Sennett (2005).

Por fim, falamos de alguns aspectos históricos que nos modificaram (valores, crenças, e formas de sociabilidade) associadas ao individualismo de Louis Dumont (1997), que potencializou o universo da dupla injunção contraditória que compreende os problemas e as dificuldades próprias do humano.

Fizemos uma breve explanação da virada do indivíduo tradicional para a nova modalidade de existência do indivíduo autônomo moderno – na moral individualista – explicitando o fundamental papel do individualismo, que nos serviu como a “idéia-chave” para situar a condição marcadamente transitória de problematização de lugar e função social do indivíduo adolescente e do sujeito adulto contemporâneo.

Ambos têm particularidades de um período da marcha da vida, porém vivem num contexto cultural, que parece individualizar a forma de se

subjetivar, num movimento contraditório e paradoxal – entre o passado e o futuro; a casa e a rua; a família e o social; a dependência e independência etc.

A partir da metáfora utilizada por Contardo Calligaris (1999), em seu texto: “A psicanálise e o sujeito colonial” – que ilustra magistralmente a subjetivação do homem moderno – pudemos situar melhor o drama que vive o homem contemporâneo em geral; considerando que o indivíduo vive “entre” as duas facetas de uma mesma moeda – a nostalgia do passado e o projeto individual futuro – e que contém, o lado sombrio e o lado satisfatório da condição humana.

Dando continuidade, ao nosso pensamento, e retomando as duas vertentes que falamos acima, à guisa de conclusão, novamente articulamos os modos de subjetivação do sujeito contemporâneo a luz do pensamento de Donald Winnicott (1975; 1990; 1993; 1999), concluindo, que a adolescência é a figura cultural que revela ao mundo uma posição de contínua problematização de lugar e papéis na rede social. E que o sujeito adolescente serve como um testemunho de um ambiente cultural da contemporaneidade, ou seja, uma condição social onde permite um potencial de inovação e criatividade, porém, fértil para fabricar tanto heróis como vítimas.

Para ilustrar o lado sombrio da contemporaneidade, lançamos mão do livro J. D. Salinger (1999), que escreveu pós-segunda guerra mundial em 1945: “*The Catcher in the Rye*” (O Apanhador no Campo de Centeio) que diz das inquietações de um adolescente chamado Holden, que desvela as falsas soluções e a hipocrisia do mundo adulto, e que só consegue pensar em um

lugar e uma função que gostaria de exercer no projeto futuro. Ser o Apanhador no campo de centeio.

Tratando, então, nesta pesquisa da adolescência como o paradigma do sujeito moderno, da instabilidade inevitável de busca a todo instante de reapropriação de lugar e de função na cena social, indicamos o lado obscuro da velocidade frenética de mudanças, e do estar no mundo, que gera inevitavelmente, “falhas” do tecido social e a incapacidade de transmissão intergeracional.

Dessa maneira, colocamos em evidência que as categorias de definição da adolescência têm um denominador comum com as categorias que caracteriza o homem contemporâneo.

Em outras palavras significa dizer que hoje estamos vivendo uma peregrinação de riscos que gera angústias, mas também, que leva a abertura e à criatividade, oportunizando construir e inovar, ao mesmo tempo, que leva a nostalgia do passado e que poderá levar ao desencantamento e a descrença com o projeto futuro. E esse sentimento de apatia, cede à exigência massificadora dos valores culturais vigentes, que aliena e paralisa o sujeito. Embora exerça um efeito apaziguador, mas que vai em contramão da criatividade e da capacidade do indivíduo de se revelar e de se reinventar.

Na melhor das hipóteses, de acordo com o pensamento de Winnicott, um ambiente facilitador para uma constituição subjetiva satisfatória do indivíduo seria aquele que permitisse a liberdade de expressão, o desenvolvimento da ação criativa que o faz se sentir real, confiante em si

mesmo e no mundo, em prol de um projeto coletivo, de trocas e de invenção responsável, que pressupõe cuidados mútuos.

Portanto, esta perspectiva escolhida por nós incidirá sobre a maneira de ver as coisas e as pessoas, que é extremamente complexa, maleável e variável de acordo com cada contexto e experiência em curso, sendo simultaneamente individual e social, particular e geral, pulsional e cultural, atual e histórica.

E isso nos remete ao que consideramos a grande invenção da psicanálise e que confere a ela uma indiscutível pertinência e atualidade. O poder de criação conferido à palavra e as narrações, que possibilita o rompimento com o habitual e a construção de novas maneiras de narrar e de descrições do mundo e dos homens, na experiência inter-relacional (única), em que a representacional, universal e mecanicista perspectiva dá lugar ao inesperado, ao novo e ao contingente.

Portanto, esperamos que esta pesquisa possa ser útil para uma reflexão sobre quais lugares e funções sociais que o homem contemporâneo está ocupando no cenário atual, tanto no que diz respeito às instituições e as funções exercidas nas relações, pessoais e sociais, como também na prática clínica e profissional em geral.

Concluimos defendendo a idéia de que o ambiente cultural da Modernidade possibilitou uma invenção responsável e criativa de si e do mundo, através de uma experiência ética que mantém os vínculos de coexistência na coletividade, funcionando como um contraponto a posições

rígidas e totalitárias que rejeitam o novo, e que leva a submissão e a intolerância.

1 ADOLESCÊNCIA

“... sempre cego a quase todos por ver demais o mesmo.”

Tarso de Melo (2004).

1.1 O lugar do adolescente e da adolescência

A questão da adolescência pode ser abordada por múltiplos pontos de vista e geralmente é tratada a partir de dois ângulos. Em relação ao indivíduo adolescente que se define por critérios fisiológicos e psicossociais determinantes de uma faixa etária, ou como uma fase que não pode ser definida cronologicamente, mas que consiste num processo psíquico individual de transformação e passagem da condição da adolescência ao estatuto adulto.

Dessa forma, verificamos que essas duas visões estão ancoradas na idéia hegemônica no pensamento científico, como se a adolescência fosse um fenômeno individual, universal e transitório.

Entretanto, conforme Áries (1973), essa concepção de adolescência não é universal, e sim histórica, no sentido de que, num determinado período –

transição do século XIX para o século XX – passa a ser pensada como uma etapa da vida, ou seja, uma categoria individual e transitória, circunscrita justamente na cultura moderna, que deu origem ao indivíduo social num processo de individuação. Adolescência, nesse sentido, é definida como o período crítico de transição entre a infância e a vida adulta, começando num acontecimento biológico (a puberdade) e terminando num acontecimento psicossocial (evolução e manejo da relação de dependência rumo à independência), em que o indivíduo se autoriza a agir em nome próprio assumindo as responsabilidades e papéis adultos.

Nesse sentido, Mead (1995) ao estudar o adolescente mostrou que a adolescência como costumamos pensar na civilização ocidental, não passa de uma invenção cultural complexa e variável. A adolescência inventada na Modernidade evidenciou características vistas em determinadas sociedades, que não correspondiam a um fenômeno natural e universal. Segundo a autora existem outras experiências da adolescência bem diferentes das que conhecemos, como o exemplo da Ilha de Samoa, no Pacífico Sul, investigada por ela, que comprova que aquela sociedade tribal não gera angústias do tipo que acometem os jovens da sociedade ocidental civilizada e não dizem de uma experiência universal e natural. Para ela a descrição e o modelo da adolescência como um modo subjetivo atormentado e perdido que denota instabilidade, insegurança e indefinição, nem sempre existiu (Mead, 1995)

Por outro lado, somando ao pensamento de Mead (1995), destacamos que há uma tendência oriunda da articulação da Psicanálise com a Antropologia, que propõe uma apreensão da adolescência como uma condição

social, ou seja, algo que aponta para o lugar do indivíduo, na trama social. Tal formulação acerca da adolescência constitui o nosso objeto de estudo.

Essa concepção “esfumaça” a idéia de que a adolescência é universal e individual, na medida em que ela é um fenômeno de sociabilidade, que diz respeito aos laços sociais, questões da ordem de lugar e de função social na relação com outro no meio ambiente.

E essa noção de adolescência como um lugar na rede da sociabilidade constitui, também, o objeto de estudo de Cadoret (2003). E tal objeto para ela, deve ser considerado em sua dimensão cultural, histórica e situacional. Por exemplo, “as situações dos habitantes das periferias atuais [a autora se refere à França], nos confrontam com complexidades situacionais”. (Cadoret, 2003, p. 81).

Portanto, Cadoret (2003) propõe em sua pesquisa sobre a adolescência, a perspectiva que parte da dupla referência: a psicanalítica e a antropológica. Essa perspectiva nos parece fundamental e pertinente para examinar, a partir da imagem e da condição social do adolescente, esse fenômeno de sociabilidade, que reatualiza a história incessantemente dos lugares dos homens, não somente a história imediata, como do passado colonial, mas também das histórias como um todo.

Ao falar da questão que engloba a crise da adolescência no contexto da contemporaneidade, Cadoret (2003) reconhece um jogo complexo dos aspectos sócio-culturais, que, segundo ela, remete a uma reproblemática da noção de lugar dos indivíduos na sociedade, dizendo que esse fenômeno é

ao mesmo tempo, individual e social, particular e geral, pulsional e cultural, atual e histórico e da transmissão e da criatividade.

A adolescência vista na perspectiva de um processo psíquico individual transitório de uma etapa da vida – ao contrário da concepção que elegemos como o nosso objeto de estudo – passou a ser reconhecida e representada como um período difícil e de forte presença nas sociedades, mais do que outras idades. Além disso, as descrições e caracterizações do adolescente e da adolescência, aludem, freqüentemente, e não é de hoje, a conflitos com o mundo, com os pais e com os adultos (Justo, 2005).

Aliás, quando falamos sobre esse período da vida, nesse ângulo de visão como algo individual e universal, imediatamente associamos a imagens de turbulências, conflitos, revolução e tantas outras imagens que se referem a essa fase da vida, como um período singular da adolescência, representando um momento de vivência de grandes crises que aludem a movimento, mudança, ruptura e desestruturação; porém, trazendo a idéia de que é algo positivo, que faz parte da potencialização da vida e da dinamização do sujeito e do seu mundo. Nesse contexto, observamos a diferença no sentido de crises de outras idades, como é o caso da crise do envelhecimento ou da aposentadoria, que está associada a imagens de degradação, desvitalização, enfraquecimento etc. (Justo, 2005).

Entretanto, a noção de crise da adolescência é ambígua, na medida em que vê como algo normal ou problemas passageiros as condutas mais atípicas (efeitos específicos da puberdade e da juventude) e, nesse sentido, tem evitado uma categorização psiquiátrica rápida demais. Mas também, tem

servido como encobridor de casos que apontam para sofrimentos psíquicos severos com dificuldades comportamentais, que deveriam ser acompanhadas e cuidadas pelos familiares e profissionais, a fim de evitar problemas mais graves, que nos remete às cristalizadas patologias de adultos (Jeammet & Corcos, 2005).

Segundo esses autores, o ponto de vista de turbulências e crises naturais dessa fase pertencia mais a uma visão romântica da adolescência, do que a uma realidade da vivência dessa experiência, propriamente dita, e de constatação científica. Eles puderam considerar, a partir de estudos longitudinais, acompanhando crianças deprimidas até o fim da adolescência, ou, até a idade adulta, altos índices de morbidade psiquiátrica posterior. Trata-se então, segundo o estudo desses autores, da idéia de que a crise do adolescente, quando se manifesta para além dos parâmetros normais, não seria mais do que o resultado de um processo de maturação de elementos patológicos, já presentes e organizados desde a infância. E nesse sentido eles dizem:

Neste sentido pudemos considerar a adolescência como uma criação da época moderna, cuja individualização, como etapa da vida, que tem suas características particulares, seria própria deste século (Jeammet & Corcos, 2005, p. 31).

Esses autores ao falarem da dupla dimensão da adolescência ligada as transformações biológicas da puberdade e das mudanças que dão acesso a uma maturidade psíquica – de uma identidade sexual adulta, de lugar e função social, de produção de trabalho e de reprodução de filiação – falam da evolução da marcha da vida, do processo de desenvolvimento que o ser humano é confrontado.

Nesse sentido, pensam na adolescência como um fenômeno natural, porém, consideram que os efeitos do contexto sociocultural repercutem nas modalidades de expressão da crise da adolescência. E dizem:

No entanto, a crise existe na medida em que a adolescência corresponde a uma exigência de mudança. (...) Os incômodos físicos da puberdade, suas conseqüências psicossociais são tantas que a psique precisa de um trabalho de integração desses novos dados que induz que o adolescente não pode mais ser, nem funcionar de agora em diante, como antes. (...) Os dados básicos, seu arranjo recíproco e os modos de funcionamento que deles resultam são modificados, e isso, independentemente dos desejos e da vontade do adolescente. Portanto há crise porque esses dados são de tal forma que impõem a mudança ao adolescente (...) o efeito mutativo é inevitável. A crise é inerente ao próprio processo de desenvolvimento, mas não se traduz necessariamente por uma expressão comportamental conturbada. Ela traduz o fracasso relativo do aparelho psíquico de gerir a crise e, neste sentido, é sinal de vulnerabilidade, senão de patologia.

Em outras palavras, não acreditamos que a adolescência seja uma criação de uma época da história de uma determinada sociedade. Ela corresponde a uma exigência de um 'trabalho psíquico' inerente ao desenvolvimento de todo e qualquer ser humano, com a qual todo indivíduo é confrontado e para qual toda e qualquer sociedade se esforça para encontrar uma solução (Jeammet & Corcos, 2005, p. 33-34).

Esses autores pensaram nas especificidades dos púberes e pós-púberes no período de desenvolvimento e de mutação biológica e psicossocial, mas se impressionam pela constância com a qual as sociedades se preocupam em enquadrar cuidadosamente esse percurso, como se esse período de flutuação comportasse um perigo potencial de abertura possível e, portanto, de perigo para a transmissão da cultura. Adotamos, assim, uma perspectiva da adolescência com o olhar não nas particularidades do adolescente, mas como exemplar e testemunho de um modo subjetivo do sujeito contemporâneo, que vive uma flutuação e uma instabilidade, exigindo mudança e adaptação imediata.

Erikson (1976), por sua vez, traz grandes contribuições para pensar pontos críticos que fazem parte da tensão entre o mundo individual psíquico e o mundo exterior e, para ele, viver crises, faz parte do desenvolvimento tanto dos indivíduos como de suas instituições.

Erikson (1976) sugere que, antes de nos reportarmos a crise da adolescência, é necessário nos questionarmos caso a caso e em quais fatos

repousa essa noção de crise. Por isso, crise não deve ter o significado de catástrofes iminentes, como se costumou pensar. Ele considera que existem duas maneiras de pensar em crise: a dimensão patológica normal e a dimensão patológica traumática e anormal.

Ou seja, a natureza de crise que estamos trabalhando em nosso objeto de estudo é pensada na dimensão de parâmetros normais e está de acordo com o pensamento de Jeammet e Corcos (2005), porém, ao contrário da idéia que pensa na adolescência como uma etapa da vida individual e transitória. Não ignoramos as especificidades do adolescente no período pubertário e pós-pubertário, mas nesse estudo, consideramos a adolescência como um retrato da condição social dos indivíduos em geral, e mais especificamente na Modernidade e nos dias atuais, que deu origem a exigência de inovação e de mudança de lugar e função social, permanentemente. Os pontos de contato com o nosso pensamento, a partir do que dizem esses autores:

Determinadas crises existem na medida em que a corresponde tipicamente a uma “exigência” de mudança. Ainda que o adolescente pareça não ter mudado, esse estado é em si mesmo uma mudança, pois corresponde a uma rejeição ativa desses parâmetros novos, ou pelo menos à sua não integração. (...). Portanto, há crise porque esses dados são de tal forma que impõem a mudança ao adolescente, de maneira mais ou menos rápida, mais ou menos importante, mas de tal sorte que o efeito mutativo é inevitável. A crise é inerente ao próprio processo de

desenvolvimento, mas não se traduz necessariamente por uma expressão comportamental conturbada. Ela traduz o fracasso relativo ao aparelho psíquico de gerir a crise e, neste sentido, é sinal de vulnerabilidade, senão de patologia (Jeammet & Corcos, 2005, p. 31 e 33).

Do nosso ponto de vista, o universo do mundo moderno, inaugurou uma condição de vida com uma abertura e uma certa exigência de mudança, que hoje é particularmente mais acentuada, na medida que o indivíduo é continuamente exigido a se fazer e a se reinventar de acordo com a vivência e “acontecência” na relação com o outro e o mundo.

Jeammet e Corcos (2005), na citação acima, remete ao adolescente em sua especificidade de transformação fisiológica e psicossocial transitória e individual, a uma etapa da vida que exige uma mudança de lugar social, ou seja, de um círculo social restrito – a família – para uma experiência mais ampla – a sociedade e o mundo.

Isso significa dizer, que em suas particularidades, a entrada do jovem no mundo dos adultos pressupõe a conquista de individualização, autonomia, independência da vontade, de aquisição da capacidade intelectual para se autoregular e se autogerir, sem a necessidade da aprovação ou consentimento do outro (pais ou modelos parentais).

Assim, a visão hegemônica da adolescência como uma experiência individual psíquica e transitória, passou a ser representada e pensada em

relação íntima com o espaço social, tanto pela ciência, quanto, pelo senso comum. Talvez, porque mais do que outras idades, o adolescente tem uma maior sensibilidade acerca da realidade a sua volta e sendo assim expressa e retrata o drama social, ou seja, a condição complexa do indivíduo bastante suscetível a influências sociais, e, portanto, de transformações e mudanças de lugar social, em trânsito permanente.

Portanto, o nosso objeto de estudo – para além das particularidades do adolescente (púbere ou pós-púbere) – vê a adolescência como uma posição e uma condição social de autonomização do indivíduo moderno, e podemos dizer que essa nova condição e posição social é o lugar do abandono, de conquistas, indefinição, abertura e possibilidades múltiplas, por vezes contraditórias e paradoxais, já que é o lugar do “entre” dois: a casa e a rua; o passado e o futuro; a família e o laço social, a dependência e a independência etc.

Diante disso, o conceito de “fenômeno transicional” de Winnicott (1975) será utilizado nesse estudo como o eixo articulador de um pensamento promissor para reconhecer a complexidade da constituição subjetiva e a significância da dimensão do viver, que não depende nem da realidade interna, nem da realidade externa; mas propriamente, de um espaço em que ambas as realidades se encontram e separam o interior do exterior. É no espaço potencial chamado por ele de “terceira área do viver” que ocorre o fenômeno transicional, é o próprio brincar e as realizações culturais no mundo compartilhado, derivado da brincadeira. E o brincar para ele que é o natural, o universal e a própria saúde.

Portanto, defendemos neste estudo a idéia de que a adolescência pode ser vista como paradigma do sujeito moderno, em termos da sua representação na cena social de indivíduos que vivem na fronteira – o “entre” – ou seja, a transitoriedade na passagem de um estado a outro, que pressupõe transição, rupturas com os modelos do passado, num processo de expansão, de transformação e de “acontecência”. Um devir complexo e único a cada instante, que podemos chamar de “realidade potencial”, em que na ação criativa, o indivíduo vive os fenômenos transicionais, as experiências culturais compartilhadas, rumo a um projeto futuro.

Nesse sentido, vemos nas categorias em que é descrita a adolescência, um denominador comum com o que se define a Modernidade, ou seja, ela se define como um momento de rupturas e de transição significativas de mudanças das organizações sociais, que renovam e reconstróem valores e ideais sociais. É diante dessas considerações, que propomos nesse estudo, tratar a adolescência como paradigma do sujeito moderno.

Abordaremos a noção de adolescência como exemplar da condição social, como um produto da cultura, inspirando nos estudos de Cadoret (2003) – que vê o adolescente como um testemunho – um grupo minoritário em moratória ou em revolta em suas manifestações sociais, em consequência do déficit de integração social. Ou seja, uma revelação do nosso teatro cotidiano, que vive uma promessa de renovação do laço social e um perigo de uma catástrofe sócio-simbólica.

Uma condição de indivíduo do mundo ocidental moderno, que vive o risco, imprevisível do mundo lá fora (saído de casa), em movimento e com a

ânsia de locomoção, de ir em frente, andar atrás de alguma coisa simultaneamente e permanentemente “entre”: o passado e o futuro, a tradição e o novo, a família e a socialização, a dependência e a independência.

Nestas circunstâncias, a aceitação dos riscos pode ser perigosa, mas para os jovens, e por que não, para os indivíduos contemporâneos, o perigo é o ingrediente do experimento. Erikson diz:

As coisas elementares são perigosas e se a juventude não pudesse entregar-se de alma e coração ao perigo tampouco poderia empenhar-se na sobrevivência dos valores genuínos – um dos primordiais mecanismos orientadores da evolução psicossocial. O fato elementar é que só quando a fidelidade descobre o seu campo de manifestação é que o ser humano está tão pronto quanto, na natureza, por exemplo, a pequena ave, quando pode confiar em suas próprias asas e ocupar o seu lugar adulto na ordem ecológica. (Erikson, 1976, p. 249).

Portanto, voltando ao nosso objeto de estudo – a adolescência paradigmática do sujeito moderno que se refere à reproblemática do lugar e da função social, pinçamos e privilegiamos para essa pesquisa, como a idéia-chave do nosso estudo, os aspectos comuns à experiência do sujeito moderno,

que são as seguintes categorias em sua expressão manifesta¹: ruptura, transição, abertura, risco, instabilidade, e criatividade.

Essas categorias serão pensadas no contexto atual em suas particularidades do imediatismo e de incertezas, que as potencializou, visto que na atualidade, de fato, o indivíduo vive no mundo veloz, que traz impasses à vida do homem de toda ordem, mas também, ao mesmo tempo, possibilita, a abertura, o agir criativo e genuíno.

Pensar na subjetivação do homem contemporâneo, portanto, é tratar das ambivalências, das incertezas, das contradições e de dois pólos presentes na subjetividade, por exemplo: o desejo de viver a estabilidade (perdida) e o desejo de liberdade (para inovar), que leva à instabilidade. Viver sob o risco de se encontrar na condição ambígua e paradoxal de possibilidades de escolhas “entre” dois, eternamente, que poderá oscilar, de forma permanente, ou mesmo, definir um lugar de submissão (repetição) ou de criatividade (abertura).

Cadoret (2003) ao falar do contexto contemporâneo reconhece um jogo complexo dos aspectos sócio-culturais, que segundo ela, leva a uma reproblemática da noção de lugar dos indivíduos na sociedade. E a posição que pode oscilar ou experimentar e estar, será pensada nesse trabalho, em duas vertentes: a sombria (submissão) ou a satisfatória (criatividade), a qual trataremos melhor no terceiro capítulo.

Diante dessa perspectiva encontramos uma enorme contribuição para o nosso estudo, no pensamento de Cadoret (2003), já que toca na idéia-

¹ O sujeito moderno da nova moral individualista, segundo Dumont (1997), passou a viver uma nova organização do pensamento que privilegiou a autonomia e a interioridade, como também, uma visão crítica e relativizada sobre as coisas dadas.

chave da questão do que propomos sobre a adolescência como paradigmática do sujeito moderno, ou seja, pelo próprio testemunho da condição de lugar dos indivíduos modernos, expressa e manifesta em transição permanente e em busca de se readaptar a outro lugar e função social.

Nesse sentido, da mesma forma que o adolescente, encontra-se o adulto, com problemas de lugar e de função social, em que a transmissão intergeracional está fragilizada e “capenga”, frente aos impasses das idealizações e das organizações sociais.

1.2O olhar histórico

Faremos um passeio a partir de algumas perspectivas teóricas de alguns autores que pensaram sobre a adolescência em relação à época e ao contexto cultural. Num breve esboço, propomos um percurso, sobre alguns aspectos da evolução das organizações sócio-históricas, para situar o leitor no terreno em que emergiu a conceituação da adolescência, no contexto cultural da virada do século XIX para o século XX, sofrendo variações dessa experiência e das conceituações até a atualidade.

Vejamos, a seguir, como Áries (1973) pensou sobre a origem histórica da noção da adolescência. Segundo ele, a noção de infância e

adolescência nem sempre existiu e essa visão ou idéia dessa fase da vida, bem distinta da vida adulta, é uma invenção moderna construída e significada pelos homens, a partir de complexas transformações sócio-históricas, entrelaçamento com vários aspectos, econômico, político, religioso, familiar etc.

O homem da época clássica se reconhecia como imagem e semelhança de Deus e era guiado pela fé e referência Divina, ou seja, se organizava na tradição acreditando nos valores transgeracionais e na vida após a morte. A razão era pautada por Deus (Áries, 1973).

A criança era destinada, desde sempre, a dar seqüência àquelas tradições familiares e religiosas ditadas pela experiência histórica da própria comunidade. Era sua missão suceder o pai, defender seus bens e propriedades, manter um título e ter um filho varão para dar continuidade à linhagem. A crença era de que a vida tinha duas dimensões: na terra e – após a morte – no céu (Áries, 1973).

Desse modo, escreve esse autor, as crianças crescidas (os jovens), não eram motivo de preocupação para os adultos, exceto na necessidade de discipliná-los para que pudessem corresponder plenamente ao que a família e a sociedade deles esperavam como sucessores do que já era estabelecido e determinado. As civilizações técnicas e científicas desde a Idade Média, já começavam a sentir a necessidade de descrever e explicar as idades da vida em categorias fisiológicas e psicossociais bem delimitadas (Áries, 1973).

Segundo Áries (1973), a idade do homem naquela época era uma categoria científica da mesma ordem que o peso ou a velocidade o são para os

contemporâneos e só na Modernidade se estabeleceu, a consciência e o sentimento da infância e adolescência como seres dependentes e inferiores ao adulto. Era um sistema de descrição e de explicação física que não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais.

Sobre esse tema, Áries nos mostrou textos da Idade Média no clássico de Granville:

‘... As idades correspondem aos planetas, em número de 7: A primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando a criança nasce e dura até os sete anos. (...) a segunda idade (...) chama-se pueritia (...) e essa idade dura até os 14 anos. (...) Depois segue-se a terceira idade, que é chamada de adolescência (...) dura até 28 anos (...) e pode estender-se até 30 ou 35 anos. Depois segue-se a juventude, que está no meio das idades, embora a pessoa aí, esteja na plenitude de suas forças, e essa idade dura até 45 anos, segundo Isidoro; ou até 50, segundo os outros. (...) Depois segue-se a senectude, (...) que está a meio caminho entre a juventude e a velhice. (...) e nessa idade a pessoa não é velha mas passou a juventude (...) Após essa idade segue-se a velhice, que dura, segundo alguns, até 70 anos e segundo outros, não tem fim até a morte. (...) a última parte da velhice é chamada de senies (...) o velho está sempre tossindo, escarrando e sujando, até voltar a ser cinza da qual foi tirado’. (Granville, 1556, citado por Áries, 1981, pp. 36-37).

Esse jargão, atualmente, pode parecer vazio e puramente verbal, mas se atentarmos para as descrições e definições das idades da vida, ainda hoje, verificamos que o discurso científico na atualidade, ainda insiste em definir as faixas etárias em categorias fisiológicas e psicossociais delimitadas, embora constatemos a complexidade, variações, plasticidade e a elasticidade das características das idades da vida ao longo dos tempos.

O “ranço” do saber positivista da ciência, ainda insiste em seu estatuto de saber absoluto e permeia os pensamentos científicos de nossa época, com a pretensão de apreender os fenômenos humanos numa lógica dualista e dicotômica onde as fronteiras são bem demarcadas, como por exemplo: corpo/mente, orgânico/psíquico, natureza/cultura, infância/adolescência/vida adulta etc.

Voltando ao processo histórico e a emergência do sentido dado à adolescência, sabemos a partir dos escritos, que até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância.

Na língua francesa, as palavras vindas do latim puer e adolescens eram empregadas indiferentemente, e somente em Meados do século XVI, que passou a diferenciar enfance, jeunesse e vieillesse (infância, juventude e velhice). A palavra “juventude” significava “força da idade” e falava de uma idade mais tardia, mas não havia um lugar e uma noção da adolescência enquanto um estatuto social diferente da infância e da vida adulta (Áries, 1973). De acordo com o autor, até o final do século XIX, não se possuía a idéia do que hoje chamamos adolescência, ela era confundida com a infância.

Vejam, a título de curiosidade, o significado dado ao adolescente nos dicionários da língua portuguesa.

No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 88), o adolescente é relativo ao processo de adolescência, de maturação, de amadurecimento; adulto de espírito jovem, ou pessoa que age como adolescente e que ainda não atingiu todo o vigor.

No dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira, 1986, p. 48), o adolescente é aquele que “está no começo, que ainda não atingiu todo o vigor”; portanto, aquele que antecede à juventude (jovem adulto). Etimologicamente, a palavra “adolescência” vem do latim *Adolescentia*.

E dando continuidade, vejamos agora, numa outra perspectiva, que está de acordo com o nosso objeto de estudo, a partir do que escreveu, também, Cadoret (2003) sobre a adolescência. A autora nos remete a construção cultural do sentimento e da noção de adolescência, e nos indica como os adolescentes revelam a partir de suas experiências manifestas, os efeitos complexos do universo da cultura moderna, ou seja, uma nova condição, função e posição social, intermediária e transicional do homem moderno. Ela diz que da Antiguidade à Era Cristã, colocou a família como um dispositivo que liga diretamente o indivíduo à cidade e que instaura uma instituição social tomada em um conjunto coordenado, ordenado, em que é difícil a integração de posições intermediárias e situações “entre” dois. Entretanto, aos 18 anos, o jovem deve se renovar por uma reinscrição e vir a se tornar um cidadão completo. Essa designação, como um efêbo, é

sancionada somente pela idade e não remete a um estatuto particular e temporário (Cadoret, 2003).

Na Idade Média ao Período Clássico, houve ruptura e passagem de um estado a outro da experiência do jovem na sociedade, que tiveram vários traços das fábulas e dos romances corteses. Mas o período era ainda de grandes epidemias, guerras, crises econômicas e comerciais. As turbulências, as rupturas, as mudanças impostas pelas circunstâncias violentas, conduziram a emergência de revoltas dos filhos mais novos – geralmente ocorriam no período da puberdade. Essas rebeliões da época medieval dos jovens (atores sociais masculinos), em bandos de 3 ou 4, geralmente entre 18 e 24 anos, eram consideradas como um movimento urbano, coletivo e ritualístico de iniciação, que permitia aos jovens dar vazão aos seus impulsos de desejo e de reação contra a ordem social e matrimonial que lhes eram desfavoráveis. Era uma situação de surpreendente tolerância em relação à delinqüência sexual dos jovens, já que a urbanização relançava as exigências da ordem (Cadoret, 2003).

Para Cadoret (2003), a preocupação da Igreja pelo controle dos jovens, como da sociedade civil, vai evoluir para a preocupação educativa, que passa a considerar cada vez mais essa massa demográfica infanto-juvenil como uma classe de indivíduos minoritários, que necessitam de controle e ajuste, então, com o peso é relançado às questões de segurança. E diz:

A evolução marca uma desconfiança e um receio dos adultos contra os jovens, o desvio e a loucura. Este foi o ponto central da tese foucaultiana. A ação educativa prepara o jovem para a atribuição de um lugar, de espera, então um esquema já bem moderno (Cadoret, 2003, pp. 21-22).

Cadoret (2003) reconhece tanto a adolescência, como o louco e o migrante, o grupo minoritário, ou seja, os testemunhos das falhas simbólicas do laço social. De acordo com essas colocações, algumas questões influenciaram essa mudança do olhar para os jovens, tais como: a questão econômica, a normativa e a educativa. A autora continua afirmando:

É verdade também, que, ao mesmo tempo, um certo funcionamento de invasão de um racionalismo, colocado repentinamente a serviço da normalidade social e política, começa igualmente a funcionar para a loucura e os loucos. A tese de Foucault é bem conhecida e trata-se dos fenômenos de aliança, mas precisamente acrescentando aos fenômenos que dizem respeito de preferência, a educação das crianças contra os seus vícios, a sansão dos desvios dos adolescentes por suas irresponsabilidades perigosas, e dos migrantes por suas diferenças inconvenientes. Os dados históricos mostraram que no século XIX os fenômenos da industrialização e da urbanização tiveram uma forte influência nas transformações da situação dos

adolescentes em relação ao contexto intra-familiares e com as mudanças do tecido social (Cadoret, 2003, pp. 22-23 e 81).

Entretanto, diante dessas considerações acima de Cadoret (2003), sobre a complexidade do jogo sujeito e cultura, e sobre as questões de lugar e função social do homem clássico e tradicional, chega-se a uma constatação. Um século mais tarde – Meado do século XX para o século XXI – a lógica, que explicou os desvios e a crise do adolescente e que criou o conceito da adolescência como uma fase da vida individual, não é mais suficiente.

As mudanças de atitudes e de comportamentos dos adolescentes ocidentais – em cada época – variam significativamente, ao ponto, de não ser mais possível pensar nessa experiência, como se fosse a mesma desde a sua invenção. O pensamento de Jeammet e Corcos (2005) é o seguinte:

Essa reorganização do espaço relacional com a busca de uma nova distância (...) família ou o que estiver em seu lugar (...) faz parte integrante do trabalho na adolescência. Essa característica é o ponto central de uma fenomenologia de atitudes e comportamentos do adolescente. As pessoas em quem investiam, ao menos aquelas diretamente ligadas à infância, são objetos de um fenômeno de atração-repulsão, tanto mais marcado quanto é mais forte a natureza pulsional do investimento. O fenômeno pode dizer respeito diretamente à pessoa em quem se investiu, seus substitutos ou pares, ou ter relação com os atributos da pessoa,

profissão, valores e ideais (...) É esse fenômeno que se encontra nos mínimos detalhes nas mudanças de expressão dos afetos na adolescência ou nas condutas de oposição comuns (Jeammet & Corcos, 2005, p. 46).

Por outro lado, diante do que foi dito acima por esses dois pensadores, podemos dizer, que essa caracterização fenomenológica dos adolescentes ocidentais civilizados (púberes e pós-púberes) – que têm as peculiaridades do crescimento e amadurecimento no aspecto bio-psicossocial – não faz oposição à perspectiva que adotamos sobre a adolescência como paradigma do sujeito moderno, mas sim complementa. A visão que adotamos para o nosso objeto de estudo não exclui os aspectos particulares desse tempo pubertário e pós-pubertário, mas indica que eles são descritos por uma caracterização comum ao que caracteriza a condição do homem contemporâneo.

Vejamos agora, com um relevo especial, ao estudo antropológico de Mead (1995), sobre a adolescência que coloca em “xeque” essa noção hegemônica das ciências sobre a conceituação dessa experiência, inventada no Ocidente.

O estudo cuidadoso sobre a adolescência reconhece a pluralidade e as variações dessa experiência, ao longo dos tempos, desde a sua invenção e de acordo com a circunstância particular e cultural de cada espaço geográfico.

Vale salientar que em sua pesquisa na Ilha de Samoa, Mead (1995) verificou a existência de outras experiências da adolescência bem diferentes das que conhecemos, comprovando que a sociedade tribal nativa da ilha não gera angústias do tipo que acometem os jovens da sociedade ocidental civilizada.

Para Mead (1995) a descrição e o modelo da adolescência como um modo subjetivo atormentado e perdido que denota instabilidade, insegurança e indefinição, nem sempre existiu e não dizem de uma experiência universal e natural. A concepção da adolescência difícil e sem rumo, segundo seus estudos, não é nenhuma necessidade fisiológica ou uma fatalidade ontológica, e sim um modelo e uma produção de nossa cultura.

Portanto, a partir dessa perspectiva Mead (1995) se alerta para a necessidade de não olhar a adolescência como modelo único, haja vista, a experiência de outras adolescências, bem diferentes das da cultura ocidental civilizada, que por sua vez, modificou bastante desde a sua invenção.

Durante os últimos 100 anos, pais e educadores têm desejado apreender as dificuldades da infância e da adolescência e trataram de adequar a educação às necessidades da criança, antes que pressioná-los a um inflexível padrão educativo. Essas forças moveram a esta tarefa: o desenvolvimento da psicologia, as dificuldades e inaptações da juventude. A psicologia indicou que podia ter muito êxito mediante o conhecimento da forma em que as crianças se desenvolviam, das etapas que atravessavam, e o que o mundo adulto poderia esperar razoavelmente da criança de 2 meses e a de 2 anos. As ameaças dos sacerdotes da Igreja, os agudos lamentos do filósofo

social conservador, os documentos dos tribunais de menores, das organizações de ajuda social, todos indicavam que devia haver algo com o período, que a ciência denominou: adolescência. O espetáculo de uma geração jovem que divergia cada vez mais das normas e ideais do passado, marchando à deriva sem as amarrações das normas familiares respeitadas mediante os valores religiosos, aterrorizou com o seu lado reacionário, induzindo o propagandista da esquerda a realizar cruzadas missionárias entre os jovens indefesos, o que inquietou até os mais despreocupados (Mead, 1995, p. 37).

Mead (1995) observou em seus estudos, que esta situação de indecisão e instabilidade da juventude era mais evidente na civilização dos Estados Unidos, porque lá ocorriam múltiplas correntes imigratórias, enquanto que na Europa não se dava assim, pois era uma civilização mais antiga e estável.

É interessante assinalar que Mead (1995) propõe olhar o contexto que desenvolve uma imagem sobre o adolescente e afirma que as condições de vida dos norte-americanos induziram o psicólogo, o educador, o filósofo e a sociedade a oferecerem explicações aceitáveis sobre os problemas dos filhos em idade de crescimento. Observaram a conduta dos adolescentes de nossa sociedade, anotaram os onipresentes e óbvios sintomas de desassossego, e os proclamaram característicos desse período (adolescência).

Entretanto, Mead (1995) esclarece que essa tendência de tratar a adolescência como uma fase individualizada e passageira, passou a ser interpelada por outra maneira de estudar o desenvolvimento humano, através do enfoque antropológico, que estava ganhando terreno, estudando o homem

em seus mais diversos marcos sociais. O que os antropólogos desejam verificar é nada menos que o efeito da civilização sobre os indivíduos.

Certamente, Mead (1995) se inquietou com essa tendência hegemônica de pensar a adolescência e assim resolveu se dedicar ao estudo sobre a adolescência. A fim de investigar como outras culturas olham o adolescente e como eles se situam e se manifestam na sociedade, Mead decidiu ir à Alemanha, à Rússia e à Samoa, situada a uns três graus do Equador, habitada por um povo polinésio moreno.²

Mead (1995, p. 47) partiu em suas investigações com a seguinte interrogação: “As perturbações que afligem os nossos adolescentes se devem à natureza da adolescência mesma ou aos efeitos da civilização?”

Durante suas pesquisas sobre alguns povos primitivos dos Mares do Sul desde 1925 a 1933, Mead (1995) pode obter uma importante compreensão de como se molda o caráter por obra dos mais diversos marcos sociais, dentro dos quais nascem os seres humanos, maleáveis e que se diversificam em grandes variações produzidas em uma única estrutura.

A opinião de Cadoret (2003) aproxima-se do que pensa Mead (1995), atribuindo a necessidade de verificar a apreensão da adolescência num determinado contexto, adotando a mesma perspectiva antropológica em interface com a Psicanálise. E ela indaga:

² Para os antropólogos, o método investigativo é ir a civilizações diferentes e também eleger povos primitivos, cuja sociedade não alcançou nunca a complexidade da nossa.

Como pensar a unidade do planeta e da diversidade do mundo que o constituem, ultrapassando as constatações desencantadas das perdas culturais, e evitando as injunções que assinalam em direção de projetos regressivos da sociedade? (...). Ideólogos universalistas puderam dar origem a dispositivos de pesquisa consensual. (Cadoret, 2003, p. 80).

Mead (1995) em suas observações sobre os modos de vida dos samoanos, disse que teve um olhar atento – principalmente no se refere – ao processo segundo ao qual a criança chega sem cultura à cena humana e se converte em um membro adulto de alta significação nessa sociedade.

Os antropólogos consideram que as sociedades tribais facilitam a entrada dos púberes na vida adulta, em virtude de cerimônias e rituais, bem definidos e institucionalizados, que os preparam para assumir as funções bem definidas de adultos.

Sendo assim podemos dizer que, a maturidade e a conquista de independência atrelada a fases e idades é bastante variável dependendo do contexto cultural e de caso a caso. Haja vista, as crianças púberes tribais, que conquistam sua independência bem cedo, após passar pelas provas ritualísticas. E até mesmo, as crianças de baixa renda e em situações precárias, que assumem responsabilidades de adulto precocemente, e se tornam independentes e maduras bem antes do que se espera para uma criança ou até mesmo para os jovens púberes.

Hoje, em nossa sociedade ocidental atual não existe claramente o ritual que acolhe o jovem num lugar e função social reconhecida como num estatuto de adulto. E talvez, essa seja uma das razões das falhas ambientais do nosso tempo; as falhas da transmissão, que quando não são exercidas pelos mais velhos, não preparam os jovens para a passagem à independência que se espera a idade adulta, uma vez que os contemplam como ainda não prontos para serem adultos.

O contexto da contemporaneidade, cada dia mais apresenta dificuldades de assumir responsabilidades no que diz respeito a suas gerações futuras.

Vale ainda salientar que inexistem critérios validados universalmente para definir os aspectos psicossociais do “estatuto de adulto” em nossa sociedade. Ser pós-púbere (já totalmente crescido e desenvolvido), autônomo e parecer independente, não é critério suficiente para definir um pós-adolescente (adulto).

Sem a pretensão de definir a condição de adulto em critérios totalizantes, queremos apenas levantar reflexões, já que sabemos que, do ponto de vista maturacional orgânico e psíquico, estamos eternamente em desenvolvimento e em movimento, nos adequando às realidades vividas, e em permanente evolução, revolução e inacabamento, que na atualidade cada vez mais esfumaça as fronteiras das idades da vida.

A complicação que a Contemporaneidade traz para esta época, já bastante atribulada:

... É que se tornou cada vez mais difícil entender o que é maturidade, isto é, o que é ser um adulto. Até começo do século XX, havia uma menor diversificação dos papéis sociais, que eram determinados pela herança cultural e familiar, o que favorecia uma integração mais imediata à vida adulta. O baile de debutante é um bom exemplo de como essa passagem era feita de forma mais definida (...). Na atualidade, o que se reconhecem como signos da idade adulta são apenas imagens, referidas à aparência ou ao desempenho; são ícones totalmente desprovidos de conteúdo subjetivo (Pinheiro; Barbosa; Venturini, 2006, pp. 120-121).

Assim podemos dizer a partir de Mead (1995) que nas sociedades tribais essa passagem da infância para a vida adulta não significa um problema e não é vista da mesma forma que a nossa sociedade a representou simbolicamente. O jovem na fase de passagem da infância à vida adulta, para essas sociedades têm um lugar social a ocupar na coletividade, desde que para tal se submeta a ritos de passagem bem instituídos.

Nesse contexto, de sociedades não civilizadas ou mesmo pré-moderna, os aspectos psicológicos não são nem um pouco considerados, mesmo porque a existência singular e psíquica, ambas não são nem pensadas. Dessa forma, o modelo de indivíduo moderno autônomo do individualismo, voltado para si (em sua interioridade), que rompe a relação entre as partes e o todo – não condiz com a cultura dessas sociedades tribais, que ainda se organizam enquanto totalidade – mas se trata do que se estabeleceu nas

sociedades ocidentais, que explicaremos a partir da perspectiva de Dumont (1997).

Nas sociedades tribais, há um modelo de organização social onde os valores e crenças são estáveis e pautados na coletividade, sendo assim, os púberes têm um lugar reconhecido pelos adultos e ingressam na sociedade, como pares, através de rituais iniciáticos, que o autorizam a ocupar um lugar de igual para igual com o adulto.

Os indivíduos nessas sociedades tribais – no processo de constituição da identidade – se espelham em modelos da tradição. A “tolerância” é uma qualidade que salta aos olhos de qualquer observador ou pesquisador que se arrisca a uma imersão nessas tribos primitivas (Mead, 1995).

Dolto (1990) também aborda a questão dos rituais nas sociedades primitivas:

O ritual de passagem servia a uma comunidade que precisava preservar todos os seus membros e assim encontravam um meio de prender ao clã todos os jovens, fazendo-os enfrentar riscos no seio da tribo: os riscos da iniciação. Provas terríveis. Quem sair vivo será um sujeito formidável. Isso implica um modelo dado pela sociedade (Dolto, 1990, p. 80).

A Antropologia se dedicou a demonstrar que, em todas as culturas, existe a ritualização, como um processo que implica a encarnação de símbolos, associações simbólicas, mediante gestos e ações que dão sentido especial ao indivíduo e a comunidade, num dado contexto. Os rituais buscam dar uma expressão simbólica a uma ruptura, ou seja, são ritos de passagem, em que indivíduos que mudam em algum aspecto significativo, necessitam e buscam uma reintegração social, uma encarnação de um novo lugar e função social que obtenha reconhecimento e sentimento de pertencimento (Martins, 2002, p. 124).

Estamos de acordo com Dolto (1990, p. 80), quando sugere que em nossa sociedade, existem outros arranjos e configurações familiares e que o modelo de organização hoje, é mais complexo e dificulta que o filho suceda a um lugar que ele possa se sentir autorizado a agir em nome próprio, como outrora em relação aos seus semelhantes adultos. E, sendo assim, o ritual de passagem não se justifica mais.

Contudo Dolto (1990) diz que o projeto é um ideal que não é moderno, mas eterno. Sendo assim, concordando com Freire (2004), podemos dizer que é parte da condição humana e da subjetividade, estar entre o passado e futuro, portanto, se projetar no futuro. E o que caracteriza o adolescente é que ele se fixa num projeto longínquo, que ele se imagina num tempo e num espaço diferentes daqueles em que viveu até agora.

O projeto moderno, segundo as palavras de Bauman, prometia libertar o indivíduo da identidade herdada.

Não tomou, porém, uma firme posição contra a identidade como tal, contra só ter uma identidade, mesmo uma sólida, exuberante e imutável identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo. (...) A identidade do indivíduo foi lançada como um projeto, o projeto de vida moderno (Bauman, 1998, pp. 30-31).

Nesse sentido, Dolto (1990) fala do sujeito adolescente como aquele que se fixa num projeto longínquo, se aproxima ao que demonstra Calligaris (1999) em seu texto *A psicanálise e o sujeito colonial*, ou seja, a posição entre o passado e o futuro, que se encontra o sujeito moderno em nossa cultura.

Utilizando-se da colonização das Américas, Callicaris (1999) realiza uma metáfora do sujeito moderno, segundo a qual os colonizadores, insatisfeitos com seus modos de vida tradicionais, procuram sua ascensão social arriscando em terras desconhecidas, caçando o supérfluo e ganhando méritos. A viagem de Colombo marca o início da subjetividade moderna, quando o sujeito moderno passa a ser definido pelo mundo que ele mesmo faz e transforma. O sujeito moderno não se define pelo lar onde nasce, mas por suas aventuras. É o sujeito saído de casa.

Para ele o sujeito moderno é o sujeito saído de casa, em que o projeto vem a fazer parte integral do seu ser. O que nos levou a relacionar, diante dessa metáfora usada por Calligaris (1999), um denominador comum

entre a caracterização e a condição do adolescente em nossa cultura, com a condição do sujeito contemporâneo.

Pensamos que o fascínio que o adolescente exerce para a sociedade moderna é porque revela algo comum ao homem moderno. E sendo assim, podemos fazer um paralelo entre esses dois conceitos – adolescência e sujeito moderno, tendo como pano de fundo, o Individualismo Moderno que se instaurou na civilização ocidental.

Nesse sentido, as idéias de Calligaris (1999) nos serviu para estabelecer uma relação entre a caracterização dos jovens saídos de casa para o laço social, com o homem moderno colonial, que saiu de casa para se aventurar em terras nunca exploradas antes. E essa escrita de Calligaris foi um texto-chave para articulação do nosso pensamento, que veremos melhor no terceiro capítulo.

Voltando a história sócio-cultural, vimos que a cultura é uma construção que se dá num processo dinâmico e complexo e que sofre transformações, ao longo do tempo. Por exemplo, aos poucos a organização foi se modificando delegando uma maior responsabilidade aos estabelecimentos de ensino para manter a disciplina de seus filhos. (Áries, 1973).

No século XX, segundo Roudinesco (2003, pp. 106-107), conseqüentemente surgiu uma nova ordem simbólica, menos coercitiva que o poder patriarcal. Até 1970, essa nova ordem foi receptáculo de uma evolução da sociedade que homologou o declínio da função paterna em favor de uma

autoridade parental dividida. “Assistiu-se então durante todo o século XX, a uma maternalização da família nuclear”

Portanto, disse Roudinesco (2003, p. 167), na aurora do século XXI, que as mulheres haviam adquirido o poder de atentar contra o caráter sagrado do sêmen masculino, para a satisfação do prazer no sexo, sem a preocupação com a maternidade, e podia haver a recusa, se assim decidem, o próprio princípio de uma transmissão. “A ordem procriadora ficou então inteiramente reservada ao poder das mães, detentoras atualmente da responsabilidade exorbitante ora de designar o pai, ora de o excluir”.

A livre disposição de seu corpo, de seu ventre, de seu sexo tornou-se desde o século XX uma reivindicação prioritária. As técnicas e o saber científico aniquilam a possibilidade de transmissão. Há uma destituição do saber dos pais, sobre o que é melhor para os seus filhos.

Alguns exemplos da história mais recente da humanidade ilustram como alteram as noções sobre as fases da vida. Veremos no segundo capítulo, o alongamento da adolescência, que já têm o termo “Adultescência”, reconhecido como uma nova palavra da língua inglesa. Roudinesco diz:

Com o aumento da longevidade, a noção de adolescência se impôs como uma etapa intermediária entre infância e a idade adulta. Mais tarde, as diferentes ‘idades’ da vida não cessarão de se desdobrar, diferenciar, diversificar (Roudinesco, 2003, p. 103).

Pensando sobre tais questões Perrot (1993) escreveu que na Contemporaneidade há a ruptura de todas as formas de transmissão de capital, seja ele econômico, social, cultural ou simbólico. Para ela hoje, já não se transmite mais quase nada aos filhos: nem fortuna, nem profissão, nem crenças, nem saberes. Os pais estão destituídos do saber sobre os filhos, perderam seus papéis de iniciadores do saber do que os filhos precisam. O que altera profundamente o relacionamento familiar. E diz Perrot: “Estamos condenados a inovar” (Perrot, 1993, p. 80).

Nesse sentido, de acordo com Calligaris (1999), a adolescência não passa de uma formação cultural das mais poderosas de nossa época e é emblemática para revelar uma condição social do homem moderno.

Para Calligaris a adolescência é uma entidade enigmática sustentada pela imaginação de todos, e um mito inventado, como uma criatura (objeto de medo), mas também de admiração e inveja, já que alimenta uma espécie de culto desse tempo da vida e dá forma aos sonhos de liberdade do homem contemporâneo. O autor reforça dizendo que “a adolescência é o prisma, pelo qual os adultos olham os adolescentes e pelo qual os próprios adolescentes se contemplam” (Calligaris, 2000, p. 9).

Por outro lado, como já sabemos, a adolescência descrita na perspectiva tradicional, é pensada como o espaço do “entre” dois – período de transição “entre” a infância e à vida adulta – onde a “mãe modernidade” promete que em algum lugar no futuro, a plenitude almejada será alcançada e se obterá os frutos da felicidade por um projeto acabado e pronto.

Do nosso ponto de vista, de acordo com a perspectiva de Cadoret (2003), hoje, já não dá mais para explicar e definir a adolescência como foi explicado pela grande maioria dos teóricos das ciências humanas. Penot alerta:

Nossa atenção, deveria ser muito chamada, por esta concomitância histórica entre o nascimento da psicanálise e a generalização social do fenômeno “adolescência” no limiar de nossa era neo-industrial. Um tal, coincidência me parece indicativa do fato de que as formas clínicas do sofrimento adolescente têm particularmente vocação para resgatar as vias de uma teoria psicanalítica do sujeito. Este valor exemplar, protótipo das modalidades da crise introdutória à idade adulta, me parece confirmando pelo fato de que, na história individual de cada um dos nossos pacientes adultos, as passagens críticas da vida tendem geralmente a retornar algo dos traços da problemática adolescente do sujeito ali onde ela ficara. Ao constatar, por outro lado, a insistência por parte de certos colegas em sistematizar a oposição, em termos dinâmicos, econômicos e mesmo estruturais, entre adolescência e a idade adulta, parece que esse argumento repousa sobre a idéia estranha segundo a qual o estado de adulto deveria se definir como uma idade sem crise – uma espécie de neo latência de alguma forma (Penot, 1995, pp. 34-35).

Por essa razão utilizaremos as proposições Winnicottianas como o fio condutor de nosso pensamento sobre a subjetivação no universo do mundo

individualista. E porque acreditamos que a abordagem psicanalítica à luz das idéias de Winnicott (1975), possibilitou ampliar a psicanálise e permitiu pensar a subjetividade como algo aberto, plural, num movimento contínuo, ou seja, em “acontecência”, na relação intersubjetiva em entrelaçamento complexo com os aspectos internos pessoais e externos, junto ao meio social, articulando sujeito e cultura, em seu entorno no ambiente cultural. No espaço potencial, denominado como o “espaço intermediário”, que é antes de tudo, um espaço lúdico em que mãe e bebê brincam de forma sobreposta e que, sustentado pela experiência ilusão/desilusão, possibilita aos dois inventar e reinventar, de forma permanente, a si mesmos e a realidade. Da mesma forma que acontece as experiências culturais e as invenções no agir criativo, no espaço compartilhado e intermediário “entre” sujeito e cultura.

Em suma, pensamos que é importante observar por quais lentes e perspectivas estamos olhando a adolescência. A adolescência não existia como a vemos e a entendemos hoje e a experiência dos adolescentes pode ser bem diferente em outras culturas, como o exemplo de Samoa.

A Modernidade provocou – a adolescência – atingindo o jovem do Ocidente como o testemunho da condição de reapropriação de lugar e função social do indivíduo moderno. As organizações sociais do individualismo (Dumont, 1997) passaram a acenar para a individuação e a autonomização em relação a uma ordem social, em que os indivíduos artífices de si mesmos se constituem em plurais modalidades de existência e em outro modo de sociabilidade, em que os arranjos de laços sociais são complexos e em

“acontecência”. O que tornou problemática as fronteiras, que situam o lugar, papel e função social dos indivíduos.

E sendo assim, entendemos que os púberes e pós-púberes de hoje, manifestam seus conflitos e sofrimentos psíquicos em resposta a fatores bem distintos dos problemas dos jovens da sociedade tradicional para os da atualidade e até mesmo de 50, 10 anos atrás.

Isso porque, de lá para cá, os indivíduos sofreram drásticas e constantes influências das transformações sócio-cultural, demonstrando o quão os fenômenos humanos estão diretamente intrincados ao complexo contexto cultural, econômico e político de cada época.

Pensando sobre tais elementos, o que acabamos de expor, condiz com a nossa proposta para o estudo em questão que parte da premissa que a adolescência é o testemunho das reais condições de existência do indivíduo na Modernidade contemporânea.

1.3A adolescência na perspectiva de alguns psicanalistas

É interessante assinalar que, embora pareça e indique a pregnância da tendência tradicional de ver a adolescência, essa visão não invalida a proposição do nosso objeto estudo, já que estendemos essa caracterização psicossocial do adolescente ao homem contemporâneo moderno, defendendo

a idéia de que essa noção da adolescência é o retrato do “lugar” do indivíduo moderno.

Logo de início, se faz necessário lembrar que o pai da psicanálise, Freud, não definiu a adolescência. Segundo Alberti (1996), o termo – adolescência – surgiu na psicanálise com Ernest Jones, sendo vinculada ao discurso da genitalidade e dos fenômenos de mudança corporal produzidos pela puberdade, quando o sujeito se depara com o real do sexo.

Freud (1905/1976) em *Três ensaios sobre a teoria sexual* metaforizou esse processo que acontece na puberdade, como um túnel perfurado ao mesmo tempo pelos dois lados. De um lado a reedição inconsciente do Édipo, de outro, o encontro com o real das mudanças corporais, fenômenos concomitantes que exigem do sujeito modificações psíquicas. Ele modificou a visão “vitoriana” que se tinha até então sobre as crianças e construiu um saber sobre o desenvolvimento infantil e do adolescente através da teoria da sexualidade (Freud, 1905/1976 citado por Outeiral, 2003, p. 71).

... Seus estudos abrangem vários aspectos, entre eles, desenvolvimento, masturbação, escolha de objeto, homossexualidade, fantasias da puberdade, surgimento das neuroses, rituais, sonhos da puberdade, aspectos adolescentes de pacientes adultos e, mesmo, relato de pacientes adolescentes (Outeiral, 2003, p. 71).

A partir de Freud e com Lacan, diferente da psicologia do ego, a adolescência não se refere mais somente a uma faixa etária que transita pela mera passagem do tempo culminando inexoravelmente na fase adulta. Ela se refere às modificações subjetivas que o sujeito tem que operar para dar conta das metamorfoses que o levam ao exercício da sexualidade genital de fato, e das mudanças na relação com o outro, agora já não mais só a nível imaginário.

Nessa perspectiva, a noção de adolescência passou a ser vista como um tempo de trabalho psíquico, de um tempo lógico de elaborar o real das mudanças corporais no encontro com o outro sexo, que confronta o sujeito com perdas: dos pais imaginários da infância, do corpo infantil, do “faz-de-conta” que já não vela mais a castração, a completude que não é possível.

Segundo Penot (1995) a adolescência se deixa geralmente definir – seja a partir do fenômeno fisiológico da puberdade, que consagra a ruptura manifesta com a infância, seja em função de critérios sociológicos, que a situam num estatuto aquém daquele considerado como sendo o do adulto.

Para Penot (1995), a pertinência da adolescência como conceito metapsicológico se anuncia muito incerta, já que as definições e descrições mais comuns desse fenômeno são de ordem fisiológica (puberdade) ou sociológica (modos, responsabilidades), que comporta aspectos extremamente complexos, mutáveis e permeáveis ao contexto sócio-histórico. A visão do autor nos parece interessante na medida em que acentua a reproblemática de lugar na história.

Dessa forma Penot (1995), considera o fenômeno da adolescência como exemplar de uma passagem crítica por excelência, própria para esclarecer a condição de crise do sujeito humano em geral, por desnudar o nosso teatro cotidiano, nossos valores, hábitos e fragilidade de nossas crenças.

Nos remetendo agora ao Winnicott (1999a), apesar dele não tratar a adolescência como nós trabalhamos nesse estudo, sabemos que ele traz idéias originais sobre a adolescência, muito pouco consideradas no meio psicanalítico, mas que hoje despertam a atenção de muitos. Ele trata a crise da adolescência como um estado patológico normal, que dura apenas um tempo, sendo o tempo o seu remédio natural. O autor pensou na adolescência como uma evolução à maturidade emocional que se espera aos adultos. Para ele se trata dos jovens púberes em crescimento, em que se espera que esses evoluam da dependência rumo à independência, e assumam a responsabilidade, de se fazer por si próprio, sem necessitar do consentimento e aprovação do outro, porém contribuindo para a vida coletiva em sociedade.

Winnicott não se propôs a abordar a adolescência pelo viés da metapsicologia. A partir de sua vasta experiência clínica, o que lhe chamou a atenção foram as questões das carências do meio ambiente como detonadores de crises mais ou menos preocupantes na adolescência. Ele assinala os efeitos da carência do meio familiar e diz que o adolescente interroga a psicopatologia do adulto ou o absurdo do mundo no qual vive. O autor entende a organização subjetiva do indivíduo privilegiando o impacto do ambiente sobre o desenvolvimento humano e com isso ofereceu uma enorme contribuição para a

compreensão psicanalítica do sujeito, que nos estudos de Freud era muito maior sobre o indivíduo e seu mundo interior.

Dessa forma é interessante assinalar que as idéias de Winnicott (1993; 1999) apontam para uma experiência do indivíduo em relação ao mundo externo, como uma estrutura – ambiente-indivíduo – ou seja, o par que provê cuidados e que varia infinitamente de acordo com cada realidade, época, crenças e valores sociais.

Suas idéias nos chamam a atenção, mais ainda, para algo do ambiente importante a ser considerado e investigado na constituição subjetiva do indivíduo e que permite pensar a subjetivação nos mais variados arranjos sociais, como nos últimos tempos, que não correspondem mais somente aos sofrimentos das histéricas do tempo de Freud, com os fundamentos criados a partir de uma época em que o eixo estruturador do sujeito estava nas referências estáveis, quando a família se reduzia ao modelo nuclear (pai-mãe-filho).

O nosso objeto de estudo, ao tomar a adolescência como um testemunho da condição social e do lugar do indivíduo na trama social - considera o pensamento de Winnicott sobre a imaturidade rumo a maturidade, a dependência rumo a independência, exatamente este viver “entre” dois, no espaço intermediário, no lúdico do espaço potencial, que o indivíduo se autoriza a falar em nome próprio, a criar e a brincar, do contrário quando não é capaz de brincar e de agir criativamente, se encontrará na imaturidade e na dependência que gera a apatia a descrença o vazio de um viver falso.

Recapitulando, torna-se necessário enfatizar que hoje, uma carência no ambiente familiar e social, já não corresponde a falhas de tempos atrás (Winnicott, 1999b). Esse pediatra e psiquiatra inglês possibilita pensar sobre a carência ambiental do mundo atual, do universo do Individualismo Moderno, tratado aqui neste estudo a partir de Dumont (1997).

Não pretendemos negar as particularidades daqueles que estão em crescimento e que necessitam do suporte dos mais velhos. Ao contrário disso, queremos mostrar que com o Individualismo Moderno acentuaram-se as polaridades dependência/independência, sossego/desassossego, estabilidade/instabilidade, submissão/criatividade etc. E essas duas forças inerentes à condição subjetiva do homem, serão vistas por nós como uma condição do sujeito moderno sob o ângulo de duas vertentes: a satisfatória que leva a independência, maturidade e criatividade e a outra vertente sombria que leva a dependência, imaturidade e submissão.

Sendo assim, os novos tempos e os novos arranjos sócio-culturais da atualidade, são terrenos férteis para gerarem heróis e vítimas (sujeitos independentes e dependentes) e isso dependerá da provisão ambiental desde a tenra idade (Winnicott, 1975).

Octave Manoni escreve em *A adolescência é analisável?* (1999, p. 22) que Winnicott pensa a adolescência como um estado patológico normal, um momento privilegiado de uma certa oposição à sociedade, uma intransigência de forma mais acentuada, devendo a sociedade aceitar as crises de adolescência, como fato normal, sem tentar evitá-las, buscando um remédio para isso.

Ao se tratar de momento crítico na vida, Winnicott (1993a) abre possibilidades para pensar a partir de falhas ambientais que são edificantes e parte integrante do que constitui o sujeito saudável e integrado, ou seja, não se tratam das falhas graves e catastróficas que causam danos ao sujeito. Entretanto, ele defende que faz parte da vida, vivenciar as falhas ambientais. E o mal-estar causado pelas falhas do ambiente, traz incômodo, sofrimento e a desagradável oscilação prazer e desprazer. Essas são duas dimensões antagônicas, mas, suplementares que ocorrem simultaneamente na vida do humano.

E Heidegger nos diz: 'A essência do ser (o dasein) é o inacabado, isto é, a presença simultânea do nascimento e da morte'. Os ensinamentos da psicanálise concordam com o pensamento de Heidegger, segundo Brochier em diálogo com Manoni em Deluz (1999, p. 39).

Assim podemos dizer que aquilo que nos chama a atenção no pensamento de Winnicott (1975; 1990; 1993; 1999) é que ele traz uma imensa contribuição para pensar esse modo subjetivo do adolescente e do sujeito contemporâneo, dando a devida importância ao ambiente como algo que sinaliza a falha da provisão ambiental. E isso nos remete a tempos precoces que deixaram marcas, desenvolvendo uma organização psíquica em que não se adquiriu a confiança em si próprio e no mundo, o que impossibilita o desenrolar do amadurecimento e da independência. Essa independência dos modelos parentais permite o indivíduo assumir funções com responsabilidade para contribuir para a sociedade ou, do contrário, quando há falhas graves

posteriores, dos cuidados e da provisão ambiental, o indivíduo reclama e apela à sociedade a sua volta.

Portanto, ele vê que esse modo conflituoso e rebelde que fala de especificidades de uma fase da vida – a adolescência – pode, ou não, ser desastroso e preocupante. E não deve assumir um caráter ontológico do adolescente problemático, difícil e perigoso que precisa de cuidado especializado. É preciso ver caso a caso, quando os comportamentos anti-sociais aparecem e funcionam como o S.O.S do jovem ao mundo.

Nesse sentido, pretendemos colocar em questão a adolescência como sinônimo de crise, como se fosse uma vertente sombria universal e inerente da experiência humana.

A palavra crise para Erikson (1976) designa um ponto crítico necessário ao desenvolvimento tanto dos indivíduos como de suas instituições e que não deve ter o significado de catástrofes iminentes como se costumou pensar. Existem duas maneiras de pensar em crise: a dimensão patológica normal e a dimensão patológica traumática e anormal. Então indagamos: esse modo de ser em crise do adolescente, não seria um modo exemplar de crise normal como o são tantas outras ao longo da vida do indivíduo e que podem ter características patológicas ou não?

De fato, pensamos que, apesar das vicissitudes do mundo contemporâneo, a adolescência, como um testemunho da condição social e do “lugar” transitório do indivíduo e seu meio em nossa sociedade, não está fadada ao caráter ontológico de uma experiência patológica traumática e

anormal, embora saibamos que no mundo atual, sem as referências confiáveis e presentes na vida dos jovens, o “adolescer” seja mais difícil e evidencia os problemas cruciais do nosso tempo.

Winnicott privilegiou a cultura como o lugar por excelência da construção da experiência e da expressão subjetiva, ou seja, o espaço potencial do jogo, onde é possível encontrar, inventar, trocar, jogar e brincar. Ele não examina o adolescente isoladamente; este é situado num contexto em relação ao adulto e ainda participa do que está se passando ou se tramando numa outra cena (inconsciente de uns e outros). E sublinha Winnicott:

... o adolescente interroga a psicopatologia do adulto e que só os escritores que falaram da sua própria adolescência são susceptíveis de trazer alguma luz sobre o que se costuma chamar de ‘crise’, ‘crise’ que é tanto a dos pais, quanto a do adolescente” (DELUZ et al. 1999, p. 12).

Maud Manoni (1999), considera que Freud privilegia os avatares das pulsões, bem exatamente ali onde Winnicott faz intervir o *espaço potencial* localizado entre o indivíduo e o meio. E enfatiza Manoni, que a parte do jogo é a condição da verdade do sujeito³.

³ O trecho consta da Apresentação na obra DELUZ et al. *A crise de adolescência*.

Vejamos agora Bauman (1998) que escreveu magistralmente sobre as dimensões críticas das incertezas da vida contemporânea e evidência os problemas cruciais de nosso tempo, que podem atingir graves conseqüências na vida, mas predispõe a reavaliação de todos os valores na busca de alcançar a sabedoria para uma coabitação humana cuidadosa. Ele disse:

Vivemos hoje (...) na atmosfera do medo ambiente. (...) Hoje uns vinte países ricos, mas aflitos e incertos de si próprios, enfrentam o resto do mundo, que já não se inclina em venerar as suas definições de progresso e felicidade, mas cresce a cada dia mais dependente deles (...). A desregulamentação universal (...) a desatada liberdade concedida ao capital e às finanças à custa de todas as outras liberdades, o despedaçamento das redes de segurança socialmente tecidas (...). Nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é inteiramente segura, nenhuma perícia é de utilidade duradoura, a experiência e a prática se convertem em responsabilidade ... (Bauman, 1998, p. 33).

Como vimos de acordo com Lipovetisky (2004, p. 37), por um lado, no nosso ambiente cultural da atualidade existe um declive, inegavelmente perigoso, que leva do individualismo ao 'cada um por si', ao culto do sucesso e do poder econômico a qualquer meio, negando os valores morais, indicando um individualismo irresponsável.

Por outro lado, Winnicott apreendeu em sua vasta experiência clínica, que o tempo constituía o melhor remédio para a adolescência. Isso quando acompanhado com a presença de um adulto que “toma conta” e dá o suporte necessário. Ao tentar acompanhar a crise, em vez de curá-la, ele partiu do princípio que esse jovem estava experimentando a independência das figuras parentais. Nessa fase é quando o indivíduo experimenta uma acentuada e aguda oscilação entre a dependência e independência, e esse estado subjetivo é conflituoso, precisando de um ambiente democrático para permiti-lo descobrir e encontrar na cultura e na sociedade o seu lugar e o agir criativo responsável.

Para Winnicott (1993) a base para o desenvolvimento emocional satisfatório do indivíduo está no meio ambiente familiar, através da função materna exercida pela mãe ou seu substituto, desde o nascimento, amparado pelo pai, que dá o suporte à mãe e que exerce também esta função junto a ela. Mais tarde, as falhas no período precoce da vida podem ressoar no adolescente, se o adulto prescindir do cuidado e da tarefa de “tomar conta” ou mais tarde e de transmissão, no momento em que os jovens estão se preparando para fazer parte ativa na sociedade, podendo neste caso ter um destino obscuro.

Roudinesco (2003) diz que a família e suas desordens não são novas, mas mesmo que se manifestem de forma inédita é, ainda hoje, a instituição humana mais sólida da sociedade e reivindicada como o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações

sexuais e de todas as condições. Embora saibamos que a instituição família tenha sofrido muitas alterações, surgindo diversas configurações familiares e mudanças de papéis e função do pai e da mãe, hoje, em grande parte, ambos (pai e mãe) estão voltados para o trabalho e para o projeto pessoal.

Na época moderna, a família ocidental deixou portanto de ser conceitualizada como o paradigma de um vigor divino ou do Estado. Retraída pelas debilidades de um sujeito em sofrimento, foi sendo cada vez mais dessacralizada, embora permaneça, paradoxalmente, a instituição mais sólida da sociedade (Roudinesco, 2003, p. 198).

Para Rassial (1997, p. 13), em *A passagem adolescente: da família ao laço social*, a adolescência é menos uma crise única, do que exemplar, que o adulto parece querer esquecer para sublimar a barreira ilusória que o separaria da criança. Na mesma medida que o convívio com adolescentes não é sem riscos aos olhos do Estado, como o mostra a morte de Sócrates. Do lado da teoria são raros os textos que não reduzem a adolescência a ser apenas o último estágio da infância, ou que não se isolam em uma aproximação empírica, reenviando toda etiologia ao sócio-cultural, ao limite do jargão policial. E neste sentido, do nosso ponto de vista, ele se aproxima em alguns pontos do que pensa Penot (1995) e Winnicott (1999) sobre o drama da adolescência. E diz Rassial (1997):

O drama da adolescência não é aquele da ignorância. Ao contrário, é o do saber em demasia, mal recalcado, e de seu retorno brutal, após alguns inúteis anos a elaborar seu esquecimento, que agitam esse jovem e perturbam o seu meio. Mas se esse saber aparece sob o aspecto, ao pior catastrófico e no mínimo insolente, é porque ele é saber dos limites, saber da incongruência, da promessa edípica, do intempestivo da questão do ser, da incompletude da ciência proposta como saber ideal, da incoerência dos discursos socialmente mais dominantes. (...). Compreendemos as condutas mais patológicas do adolescente somente na condição de considerá-las como busca de uma nova virtude. Antes de qualquer teoria do supereu adolescente, convém olhar tanto as manipulações languageiras, quanto a agitação psicopática nas suas funções socializantes, tentativa de um novo laço social que faça fracassar os limites que são impostos aos jovens. O que avalia tanto mais quando constatamos que, na maioria dos casos, não há necessidade de uma intervenção, até mesmo de que é necessário que nenhuma intervenção tenha lugar para que essas condutas desapareçam com a idade (Rassial, 1997, p.18-19).

A psicanalista Françoise Dolto (1990) em sua contribuição teórica sobre a adolescência, a vê na perspectiva tradicional como uma fase de mutação, em que o sujeito adolescente passa por uma mudança a respeito da qual não consegue falar e que poderá ser prolongada segundo as projeções, de que são alvo os jovens.

Dolto trata das questões fisiológicas e sócio-históricas da adolescência e mostra que as implicações da mudança no corpo, das crenças, costumes, ritos de passagem, mitos e modelos ideológicos, afetam o comportamento do adolescente e da sociedade. Seu pensamento a respeito da adolescência explica uma fase da vida que passa para a fase esperada (a vida adulta), embora possa se prolongar.

Já Alberti (1996), por sua vez, diz que a adolescência se define como o paradigma dos impasses do sujeito diante da confrontação com a impossibilidade de relação de completude entre os sexos. A adolescência para ela é descrita pela faixa etária que começa na puberdade e pela crise gerada pela emergência do real do sexo, que muitas vezes leva ao suicídio (passagem ao ato), como uma opção de sair da cena social, em resposta da impossibilidade de suportar o real da incompletude.

E, por outro lado, a psicanalista Tubert (1999, p. 15) vislumbra outra perspectiva que se aproxima do que propomos, ela faz uma crítica à psicologia evolutiva e à concepção positivista que procuram certas uniformidades empíricas aparentes que operam uma fragmentação do processo fisiológico e histórico em etapas e propõe pensar a adolescência como uma estrutura ou configuração que não começa nem acaba num momento da vida, impossível de ser determinado num momento exato. “Como vimos, isso está vinculado ao questionamento das concepções clássicas da psicologia evolutiva e, conseqüentemente, a uma revisão do conceito da adolescência”.

Tubert (1999) explica que a estrutura da adolescência é produto de uma história que se inicia no nascimento da criança e diz de um momento de

transição marcado pela puberdade biológica que traz uma transformação radical e um salto qualitativo da vida do sujeito. Isso pode ser visto como a condição de maturidade e independência do indivíduo.

Levinsky (1998), fala sobre a adolescência na perspectiva tradicional como algo universal. Para ele qualquer que seja o contexto sociocultural, a adolescência será sempre um período de crise e de desequilíbrio. E essas características são devidas tanto às mudanças fisiológicas, quanto às repercussões psicológicas de inserção do jovem na comunidade adulta.

Não invalidando esse ângulo da visão tradicional de Levinsky, que pensa as particularidades de mudança dos púberes, estamos de acordo com a visão dos autores que elucidam a adolescência sob o ponto de vista, que esta figura cultural interpela os adultos implicando no incômodo de vermos, como num espelho, a imagem de nós mesmos, homens contemporâneos em transição permanente.

Ficamos surpreendidos ao encontrar no pensamento de Erikson em *Identidade, Juventude e Crise* (1976) a atualidade e a coerência de suas idéias ao publicar os seus estudos sobre o indivíduo e a sociedade numa perspectiva psicanalítica que articula sujeito e cultura, trazendo grande contribuição para quem se interessa pelo tema e que trata das diversidades das representações sociais das experiências e vivências – nas idades da vida – em cada contexto. Os estudos de Erikson, sobre a adolescência na Contemporaneidade, considera nos mais diversos contextos sociais e culturais, trazendo um entendimento das expressões do jovem contemporâneo como algo dinâmico, ou seja, ‘efeito’ dos nossos tempos.

Erikson (1976) ao descrever a adolescência, examinando o período individual após a puberdade, defende que numa primeira fase, o adolescente procura mais fervorosamente homens e idéias em que possa ter fé, o que também significa homens e idéias em cujo serviço pareça valer a pena provar que seria digno de confiança. Na segunda fase estabelece a necessidade de ser definido pelo que se pode querer livremente, que indica a fase de busca de autonomia “Eu sou o que posso querer ser”. E finalmente, chega à fase do desejo de fazer algo funcionar e fazer com que funcione bem. “A escolha da profissão assume um significado que excede a questão de remuneração e status” (Erikson, 1976, p.130).

Nesse sentido o pensamento de Erikson sobre essa busca de autonomia e reorganização de lugar e função social do adolescente, quando chega a uma solução satisfatória alcançando a independência almejada, nada mais é do que aquilo que defendemos sobre a vertente positiva da condição do sujeito contemporâneo, em transição de lugar e função, ou seja, aquele que age criativamente e assume os riscos de seus atos com o sentimento ético necessário à posição madura do indivíduo.

Os indivíduos, para Erikson (1976), ao chegarem à fase do fazer o que querem, sendo éticos e responsáveis pelo que farão, são capazes de inventar e de reinventar com o sentimento de identidade íntima e pessoal, seguros de si e do mundo externo, com um sentimento de identidade e de continuidade de ser, e de estar ativo e intensamente vivo. E ele diz:

A história das culturas, civilizações e tecnologias é a história de tais consolidações, ao passo que os inovadores só aparecem em períodos de acentuada transição: os excessivamente privilegiados em sua concepção para permanecerem amarrados às idéias do sistema vigente; os excessivamente honestos ou excessivamente incompatibilizados para não verem as simples verdades da existência que se ocultam atrás da complexidade das necessidades cotidianas; e os excessivamente compassíveis para esquecer 'os pobres' que ficaram de fora (...). mas que ligação possível poderá a adolescência como tal ter com a nação africana ou de um organismo científico? É isso um mero emprego analogístico em referência a uma nação que se diz estar em sua adolescência histórica e econômica (...). E se não for possível dizer que uma nação é adolescente, poderá um tipo de crise de identidade individual ser compartilhado por uma parcela significativa da população jovem? (...). A história dos últimos vinte anos parece indicar que existe (...), um setor de todo grupo etário que reflete os nossos termos e aparatosamente exhibe um conflito que outrora era considerado silencioso, íntimo e inconsciente (Erikson, 1976, pp. 16-17 e 31).

Do nosso ponto de vista Erikson (1976) se aproxima das idéias de Cadoret (2003), já que ela trata da adolescência como um testemunho e resposta aos dramas sociais, embora, ele trate também das especificidades do adolescente após a puberdade.

É a propósito disso e das complexas imbricações dos fatores individuais, pessoais, culturais e históricos das transformações e reapropriação de lugar e função social, que Cadoret (2003) reconhece tanto na adolescência, como no louco e no migrante, o grupo minoritário, testemunhos das “falhas simbólicas” do laço social. Já que esses atores sociais se encontram à margem, num espaço de suspensão, intermediário num “entre” dois: a família e a sociabilidade. E essas expressões manifestas desses testemunhos, em especial do sujeito adolescente nesse “vaivém” e “entre” dois, nada mais é do que, a condição e o drama individual e coletivo dos indivíduos modernos/contemporâneos na trama social, que variam nas conceituações e nas experiências vividas, de acordo com as referências dos valores e crenças ao longo dos tempos, na cultura e espaço geográfico.

Portanto, esta breve revisão sobre o olhar de alguns autores, como o de Freud e pós-freudianos sobre a adolescência, serviu para situar o leitor no terreno de algumas descrições psicanalíticas sobre a adolescência.

Verificamos, assim, que a maneira predominante de pensar sobre a adolescência está ancorada na percepção tradicional da adolescência como um fenômeno individual, universal e transitório.

Alguns autores transitam entre a percepção tradicional e a tendência mais recente, que propõe a adolescência como um espelho ou testemunho da condição social, construída na nova moral do mundo do Individualismo Moderno.

Dentre os autores que trouxemos para este trabalho, que nos ajudaram a pensar a adolescência como uma condição social, destacamos Cadoret (2003) como a fonte que facilitou a organização de nossas idéias, já que encontramos nessa autora, uma noção de adolescência – produto da cultura – uma condição social do homem moderno contemporâneo. E Winnicott (1997), que nos ajudou a pensar na importância da provisão ambiental satisfatória, desde o nascimento e na relação direta e fundamental de que esse ambiente familiar e/ou cultural seja um ambiente democrático. Sendo assim, o ambiente dá o suporte para a experiência na “acontecência”, no particular e no coletivo, possibilitando a abertura para o novo e à criatividade, que é a própria saúde do indivíduo e da sociedade que “toma conta” de modo ético e responsável.

E, evidentemente, não deixamos de reconhecer a contribuição importante de Mead (2003), Penot (1995), Jeammet e Corcos (2005), Erikson (1976), dentre outros.

2 ADOLESCÊNCIA: PARADIGMA DO SUJEITO MODERNO

“A autonomia do homem, transformou-se na tirania das possibilidades”.

Hannah Arendt.

2.1 Adolescência e sujeito contemporâneo

Parece razoável tomarmos como princípio de nossas reflexões sobre o homem contemporâneo – seguir a sugestão de Penot (1995) – olhar a adolescência não pelo que isso comportaria de específico e de particular em cada tempo, mas bem mais em razão da exemplaridade que esse modo subjetivo psicológico desnuda no nosso teatro cotidiano, dos nossos valores, hábitos e fragilidade de nossas crenças.

Tudo indica que o “adolescer” hoje, não acomete só o adolescente, mas também, o adulto, embora saibamos, que o adolescente expresse mesmo

um momento privilegiado para a compreensão das injunções sociais no sujeito, em confronto com a experiência vivida e com as dificuldades próprias em nossa cultura do Individualismo Moderno.

O adolescente vive mudanças drásticas - se faz na “acontecência”, nas relações intersubjetivas – em trânsito rumo a um projeto futuro, mas tem um longo tempo pela frente. Tal qual o adolescente, o sujeito dito adulto contemporâneo – se faz na “acontecência” – numa vida em trânsito com um projeto futuro, porém, com menos tempo pela frente.

Estamos vivendo um tempo, em que há transformações drásticas e velozes no que concerne à experiência do indivíduo no mundo, nos chamando a atenção para um contexto geral de conflitos e dramas sociais em conseqüências de mudanças agudas e de amplitude cultural. Diante desse contexto somos levados a indagar sobre os efeitos dessa nova realidade nos modos de subjetivação dos últimos tempos.

De fato, observamos o desenrolar de uma nítida experiência de rupturas e dissoluções de certezas desde a Modernidade e ainda mais crítica hoje, por ocorrerem mudanças numa velocidade de *vídeo-clip*, colocando o homem desenraizado e numa crise de lugar que gera conflito relativo à transmissão intergeracional.

A Modernidade em vários aspectos fundamentais apresenta certas discontinuidades com as culturas, as instituições e os modos de vida pré-modernos, que segundo Giddens (2002), o seu extremo dinamismo é uma das

características mais marcantes que separa a era moderna de qualquer período anterior.

Portanto, defendemos a idéia de que o indivíduo diante desse contexto moderno segue numa vida em trânsito na corrida permanente em busca de reapropriação de um novo lugar, sob o imperativo e a exigência de renovação, de capitalizar experiências próprias em busca de um lugar ao sol. Nessa corrida, o indivíduo poderá corresponder imperiosamente, ou não, aos novos ideais culturais, como também, poderá ter um sentimento de inadequação, oscilando entre duas forças e posições (da repetição ou da abertura) ou se encontrando numa posição mesma de submissão ou de criatividade.

Tratamos da adolescência nesse trabalho como exemplar dessa condição social do indivíduo moderno/contemporâneo, inspirado nas palavras de Penot (1995). E seguimos nos apoiando nas idéias de Winnicott articulando com o pensamento de Cadoret (2003), nessa perspectiva que reconhece na adolescência, o testemunho das agruras da sociedade moderna, que trouxe à tona o aspecto indesejável da individuação, com o aumento do risco, da instabilidade, das incertezas, mas, ao mesmo tempo, de abertura às múltiplas possibilidades das experiências do homem no mundo.

O ponto central da questão do nosso estudo, como já foi dito, é a problemática da ocupação de lugar e função social, sob a égide do Individualismo Moderno. Do nosso ponto de vista, e concordando com o pensamento de Figueiredo (2001), a realidade atual expressa a potencialização da mobilidade e de uma temporalização inevitável, de desassossego do

humano, por estar a cada momento, a cada lugar, em transição para outro lugar, continuamente, na incumbência de procurar equilibrar as forças das relações – embora antagônicas; do indivíduo/sociedade, mundo interno/ mundo externo, dependência/independência, prazer/desprazer etc. – são suplementares.

Figueiredo escreve em seu artigo *Mal-Estar e Subjetividade Brasileira* que Jacques Derrida, em sua análise de Rousseau na gramatologia (1973) denominou de “lógica da complementaridade”, de modo que em que cada pólo é sempre um apelo de suplemento endereçado ao outro, e que cada pólo procura no outro a suplência de suas fraquezas ou o controle suplementar de seus excessos, ou seja:

... Na verdade esta mobilidade, este desassossego, esta temporalização inevitável em que cada ‘momento’, cada ‘pólo’, cada ‘lugar’ nos remete ao seu outro, é a outra face do mal-estar, é aquela quota de dilaceramento, de desprezo, de insatisfação com que pagamos, quando estamos preparados para isso, o preço das felicidades possíveis (Figueiredo, 2001, p. 66).

Por outro lado, Maffesoli (2006) explica a sua maneira de ver a atualidade sobre o homem na procura de felicidades possíveis, dizendo que este homem sofre com a nova ordem moral de sociabilidade. Segundo ele, isto significa um declínio do individualismo nas sociedades de massa, em que num

grupo social, indivíduos se reúnem pela necessidade de identificação com um grupo. Ou seja, a característica do social, é aquela condição em que o indivíduo pode ter uma função na sociedade e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação e de um grupo estável. A característica da sociabilidade é aquela que a pessoa (*persona*) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional, quanto no seio das diversas tribos de que participa, mudando o seu figurino, de acordo com os seus gostos (sexuais, culturais, religiosos), assumindo um lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* (2006, p. 133).

Nessa perspectiva, Maffesoli defende que na atualidade a comunidade vai se caracterizar menos por um projeto voltado para o futuro, do que pela efetuação *in actu* da pulsão de “estar-junto”.

Os agrupamentos contemporâneos, para ele, são apenas uma sucessão de tribos que expressam até a saciedade, o prazer da horizontalidade, o sentimento de fraternidade, a nostalgia de uma fusão pré-individual” (Maffesoli, 2006, p. 9).

Quando o ambiente cultural muda em seus valores e crenças, e diante disso transforma suas maneiras de se organizarem, novos arranjos de redes sociais e de laços inter-individuais entrelaçados com as complexas tramas do teatro social, dão um contorno e uma sustentação e união da comunidade. Como exemplos disto, vejam, os agrupamentos identitários

diversos, dos fracassados, não desejáveis, estigmatizados e excluídos, são muito bem ilustrados no filme de *Art Linson* “O Clube da Luta”.

É o que Maffesoli (2006) chamou de unicidade, ou da união em pontilhado, e que Hannerz chama de contatos breves e rápidos. O que, naturalmente, induz a adesão e o afastamento, a atração e a repulsa. E tudo isso não acontece sem conflitos de toda ordem.

... a heteronomia do tribalismo está substituindo a autonomia (individualismo) do burguesismo.(...) nela se efetuam ‘contatos breves e rápidos’. Conforme os interesses do momento, conforme gostos e ocorrências... (Maffesoli, 2006, p. 205).

Maffesoli chama a atenção para o conservadorismo de alguns teóricos que constatavam esse tribalismo, em uma “faixa etária”, a de uma adolescência prolongada. Na opinião de Maffesoli, essa é uma maneira desses teóricos negarem uma profunda mudança de paradigma que está se operando. O falar jovem, o vestir-se jovem, os cuidados com o corpo, as histerias sociais são, amplamente, partilhados. Cada um, qualquer que seja a sua idade, sua classe, seu *status*, é, mais ou menos contaminado pela figura da criança eterna. Em suas reflexões sobre a Atualidade, Maffesoli considera que a estrutura patriarcal vertical está sucedendo uma estrutura horizontal, mais fraternal (Maffesoli, 2006).

Por outro lado, do nosso ponto de vista, essa mudança de paradigma que a adolescência se presta como um modelo exemplar e um testemunho dessa condição social que está se operando, também significa dizer que estamos vivendo um tempo mais democrático, menos hierarquizado das relações humanas, embora, isso não signifique que não tenhamos mal-estares e outras dificuldades.

Isso que vem sendo encenado por um agrupamento de indivíduos ditos adolescentes, não é nada mais nada menos que a radiografia do nosso teatro cotidiano, que revelam aos adultos o drama da cena social contemporânea. Esse vaivém contante (reversibilidade) que tem efeitos colaterais indesejáveis, ou indesejáveis num “entre” o estático e o dinâmico, que no pior das hipóteses, pode resultar num destino de uma posição que causa efeitos sombrios a vida do homem contemporâneo.

Sendo assim, podemos dizer, diante da perspectiva de Maffesoli (2006) que os aspectos que envolvem o processo adolescente o qual abarca tanto o adolescente quanto sua família e a sociedade na contemporaneidade, é o processo e a expressão de uma série de rupturas de paradigmas de idéias, pensamentos, valores morais e estéticos, ou seja, é a expressão do paradoxo que aponta para grandes forças ambíguas e ambivalentes do “elã vital”, do jogo indivíduo/ambiente que tem como parte o potencial inato do indivíduo (Winnicott, 1993), para simplesmente viver, correndo riscos, mas criando alternativas para além e aquém das convicções, dos projetos de todos os tipos, dos objetivos mais ou menos impostos.

A condição de estar em busca de reapropriação de lugar e papel social é o que denominamos “mundo adolescente contemporâneo”, condição de indivíduos saídos de casa, que vivem em trânsito num processo de se fazer no projeto futuro e para além e aquém deste projeto, em que há a experimentação individual de vivências na relação com o outro e com a sociedade, num vaivém de atitudes contraditórias, ambivalentes, com paradoxos insolúveis. E isso nada mais é do que a vida e sua inesgotável riqueza.

Tentemos ver então, as duas vertentes da sociedade moderna contemporânea, em seus aspectos da trama do teatro social. Vejamos a vertente crítica e sombria do mundo veloz, do “tudo-vale”, que parece levar muitas vezes a uma desobjetivação e a uma condição à deriva, como no refrão de uma música, que diz: “(...) deixa a vida me levar, vida leva eu (...)”, de Serginho Meriti e Eri do Cais.

Essa parece ser a faceta que adocece homens feitos às pressas, sem vínculos, sem relações consistentes (que só acontece na superficialidade) e sem o encontro de sujeito para sujeito. Ou talvez seja, uma confusão institucional, hoje, que ora encarna a posição autoritária e ditadora, ora negligencia e se desimplica das responsabilidades de ser um agente responsável pela transmissão de valores morais e éticos em favor pessoal e da sociedade. Esse é o lado indesejável do “tribalismo” a que se refere Maffesoli (2006), que causa o fenômeno do agrupamento de pessoas frágeis, imaturas, dependentes do objeto (em busca de grupo de pertencimento e de

reconhecimento) e sem vínculos de espécie alguma ao se aglomerarem dando um certo contorno ao seu ser.

Recentemente, surgiu uma nova tribo denominada “*Emo*” (termo abreviado do inglês *emotions hard core*), uma nova expressão cultural que situa aqueles jovens emotivos com muita sensibilidade (em geral uma tendência à depressão), que se vestem, tem gostos e comportamentos, bem caracterizados, que identificam quem é membro da tribo. Geralmente têm o cabelo cobrindo a metade do rosto (apático) e são arredios a estranhos.

O termo foi originalmente dado às bandas do cenário *punk* de Washington, DC, que tocavam um estilo mais emotivo que o normal. Existem várias lendas que tentam explicar a origem do termo “emo”, mas uma que prevalece é de que num dos primeiros *shows* em Washington, DC um fã gritou para uma banda :“*You’re emo!*” (Você é *emo!*). Os mitos veriam bastante quanto a banda em questão, sendo provavelmente a *Embrace* ou a *Rites of Spring*. No que diz respeito à voz, essas bandas intensificaram o estilo *emocore*. Os fãs do *hardcore* depreciam os fãs do “emo” e os chamam de “molengas” (*wimps, weaklings*).

Vejam o que Cavalcanti e Rocha dizem sobre uma reportagem publicada no jornal do Comércio em 1997, que fala das repercussões inusitadas do interesse dos adultos e do impacto no imaginário contemporâneo sobre o autismo.

Os Moluscos-Lama (M-L), como são conhecidos, espalharam-se por todos os cantos estão antenadíssimos com a década de 90. (...) Quando não estão fazendo arte, os M-L ficam autistando. O termo é uma derivação do verbo autistar, criado por eles para definir comportamento semelhantes ao dos autistas. 'Autista é ficar parado, olhando para o tempo, pensando qualquer coisa ou coisa nenhuma' (...). Os integrantes do grupo dizem se identificar com alguns comportamentos dos autistas: dificuldade em iniciar e manter um diálogo; o discurso não tem nexos; repetição de frases e palavras que ouve; não faz contato com os olhos; agressividade em relação a si ou aos outros (Cavalcanti & Rocha, 2001, p. 28).

Diante dessas expressões na cultura, de modos de sociabilidade, podemos dizer que algo deficiente de nossa estrutura social atual traz outros sofrimentos aos jovens e a sociedade em geral. O ambiente familiar que se encontra em desordem (falha), quando deveria ser facilitador para o desenvolvimento do indivíduo rumo à maturidade e à independência esperada na vida adulta, e se depara com a impossibilidade de exercer uma satisfatória função de “tomar conta” e se adaptar às necessidades individuais da criança e do jovem. A inconsistência dos aparatos institucionais, que deveriam dar sustentação à organização da sociedade e ao indivíduo, está se reestruturando, se refazendo e nesse “vaivém” forma um novo contexto cultural.

Vejam o que Antonio Carlos Silva diz ao se indagar sobre o mito da autoctonia na constituição do sujeito:

Diante deste mundo atual – caleidoscópico apelativo de imagens recortadas, desconexas, que se sucedem como vídeos-clips – mundo bombardeado pelas frequências graves de filmes e propagandas, pergunto-me: será que o mundo que ora projetamos para o futuro não é exatamente esse mundo autista de singularidades, sem objeto, sem relações? Mundo em que inexistem o semelhante – povoado de rostos imóveis e inescrutáveis, sem expressão, sem afeto: com-ge-la-dos. Ou será o nosso um mundo implacável de ficção científica, primitivamente cruel, sem preocupação nem solicitude para com o outro? (...) Estamos em face do extremo, nos limites do humano (Silva, citado por Cavalcanti & Rocha, 2001, p. 30).

Essa série de traços sombrios da nossa cultura reafirma o pólo negativo da existência humana, por outro lado, queremos mostrar que hoje, apesar dessas novas desordens, indica também uma outra vertente; o pólo positivo de uma realidade que oferece e incentiva novas possibilidades. Jacques Derrida (2004) falou sobre o valor da herança do passado, daquele que é apaixonado pela tradição, mas que quer se livrar do conservadorismo:

Dupla injunção contraditória e desconfortável, portanto para esse herdeiro (...). Ela ordena dois gestos ao mesmo tempo: deixar a vida viva, fazer reviver, saudar a vida, 'deixar viver'. (...). Saber 'deixar' (...) é uma das coisas mais belas, mais arriscadas, mais

necessárias que conheço. Muito próxima do abandono, do dom e do perdão (Derrida, 2004, p.13).

Diante dessas colocações que fizemos acima, cabe-nos, na verdade, reconhecer a complementaridade destas duas forças, estar “entre” dois: o passado e o futuro; a tradição e a modernidade etc. Os rumos e os destinos que o indivíduo poderá tomar serão múltiplos e variáveis em relação às vertentes que mencionamos.

Ao dar continuidade às nossas reflexões, teremos o cuidado, ao abordar sobre a experiência da incerteza e da instabilidade do mundo atual, de não entrar no engodo do discurso maniqueísta, do bem e do mal.

Ao falar da faceta sombria da vida moderna na atualidade, não nos deixaremos contaminar por visões trágicas e catastróficas da experiência humana, na medida em que sabemos que as dificuldades, as barreiras e as crises, diante das mudanças e rupturas, fazem parte das vicissitudes da vida.

As saídas satisfatórias dos indivíduos diante dessas durezas da vida, de acordo com Winnicott (1990; 1993b), vão depender do passado do sujeito, ou seja, da sua história no período precoce da tenra idade, da provisão ambiental familiar, como também das contingências, ou seja, e de possíveis fatos catastróficos imprevisíveis que podem ocorrer na vida do indivíduo.

Não é nosso propósito nesse estudo querer explicar o mecanismo econômico e dinâmico do psiquismo e o processo de constituição subjetiva do

homem, todavia, faz-se necessário chamarmos a atenção para algumas particularidades e dificuldades do desenvolvimento emocional do adolescente, causadas por determinadas falhas ambientais, desde o nascimento e na infância.

Portanto, defendemos a idéia de que Winnicott ampliou e contribuiu para o saber da Psicanálise e para uma leitura dinâmica da constituição subjetiva do indivíduo em relação ao ambiente e a cultura. Dessa maneira, tiramos proveito de suas idéias, cientes de que ele não tratou da adolescência extatamente da mesma maneira que nós escolhemos tomá-la nesse estudo. Mas Winnicott a sua maneira, falou de muitas coisas, que nos traz a luz elementos essenciais para a compreensão do jogo entre indivíduo e o seu meio, que revela a própria condição do interjogo complexo do indivíduo e a sociedade.

É interessante assinalar esse grande interesse pela adolescência e pelos problemas do adolescente, que segundo Winnicott (1993) tem uma conexão direta entre o desenvolvimento de nossa consciência social e das condições sociais específicas da época em que vivemos.

Nesse sentido, Winnicott propõe que a característica marcante dessa faixa etária é a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, e até mesmo a coexistência dos dois extremos num mesmo momento. Os adolescentes não sabem no que se tornarão, não sabem onde estão e estão a esperar. Começam da estaca zero, ignorando tudo da história anterior. O adolescente tem a necessidade de evitar falsas soluções, “o faz de conta” e tem a necessidade de se sentir real (Winnicott, 1993b).

O ambiente desempenha um papel de imensa importância nessa faixa etária (pós-puberdade) e é fundamental para o seu bom desenvolvimento existir a continuidade da presença e do interesse do pai e da mãe (da família) pelo adolescente. Winnicott diz que muitas das dificuldades por que passam os adolescentes são conseqüências da má provisão ambiental.

Talvez tenhamos, hoje, poucas avós disponíveis para dar o suporte que as crianças precisam ter, suprimindo a impossibilidade dos pais (ocupados com a vida profissional), que não estão dando conta dessa função de modo satisfatório. É um erro pensar que a proximidade dos avós com os netos pode estragar ou interferir no modo dos pais em educar os filhos. Ao contrário, as crianças sempre se beneficiam quando podem contar com parentes que residem perto, ou com avós que podem visitar e cuidar.

O valor à independência na nossa cultura pode levar pais a evitarem a ajuda dos parentes mais próximos ou ter um preconceito com a ajuda dos mais velhos. E a solução que encontram é preencher o dia das crianças com afazeres extra-escolares, como por exemplo: esportes, música, línguas etc. É o que chamamos hoje de “mini-executivos”, que não têm tempo para brincar ou para ficar “à toa” em casa.

Escutamos muitas vezes em nossa clínica psicanalítica, as queixas das crianças que gostariam de poder ficar em casa. Elas gostam de falar sobre os avós e estão sempre querendo ir visitá-los. Verifica-se que as crianças e jovens sempre se beneficiam quando podem contar com a presença, cuidado e afeto dos avós ou parentes próximos.

Como propõe Winnicott, a integração do eu, o sentimento de confiança e segurança em si e no mundo, necessita de um suporte e de um cuidado ambiental, desde a tenra infância, quando são indispensáveis o afeto e o conforto da família, dos avós ou parentes que podem dar esse suporte.

O fator tempo para o investimento afetivo, para a convivência fora do automático e do mecânico dos afazeres das obrigações diárias em relação aos filhos – que necessitam de alguém, uma figura parental para “tomar conta” – é essencial. É necessário tempo também para assimilação das mudanças velozes dos valores éticos, das crenças e dos novos ideais culturais que atropelam o sentido de nossas ações, dando uma sensação de “marionetes tarefeiras” do dia-a-dia e ao longo da “acontecência”.

O fundamental às necessidades básicas do indivíduo é tão simples de dizer, mas tão escasso atualmente e difícil de acontecer. É ter tempo para o afeto e para o investimento da atenção necessária à criança, atendendo as suas necessidades para que possa se desenvolver com as bases de confiança e segurança em si e no mundo, vivendo de forma criativa.

Portanto, é ter tempo disponível para se dedicar a si mesmo, fazendo aquilo que é prazeroso, numa condição de repouso e de relaxamento, que encontramos na brincadeira ou no lúdico, fora das obrigações de trabalho, para que se obtenha a condição emocional satisfatória, para compartilhar e ter a capacidade de renúncia aos interesses individuais, em favor do outro.

Um ambiente facilitador satisfatório é uma condição *sine qua non* para o início do crescimento e do desenvolvimento individual desde o

nascimento. Não há crescimento emocional, no entanto, a não ser em relação à provisão ambiental. A perfeição para Winnicott (1999) pertence às máquinas e as imperfeições são próprias da adaptação humana às necessidades que o ambiente facilitador irá atender, com as suas falhas estruturantes.

A idéia da *dependência individual* é básica em tudo isso; no início, ela é quase absoluta e vai gradual e ordenadamente sofrendo alterações: de uma dependência relativa caminha para a independência. Essa não se torna absoluta, e o indivíduo visto como unidade autônoma não é, na realidade, independente do ambiente, ainda que existam maneiras pelas quais o indivíduo maduro possa se *sentir* livre e independente, ficando feliz por possuir uma identidade pessoal (Winnicott, 1999, p. 146, o grifo é do autor).

Essas e outras idéias sobre a importância do ambiente na vida das pessoas, não descartam as particularidades do período de imaturidade e de dependência do adolescente em relação aos pais ou substitutos em nossa cultura ocidental. Sabemos que esse tempo para o jovem é o tempo em que ele se prepara para ser um ator e autor de suas ações na cena social e que durante esse tempo de “suspensão”, não sabe o que vai ser ou o que vai querer ser no futuro, já que o presente é tão incerto e instável.

Portanto, há de encarar o lado obscuro e cruel da fragilidade em que se encontram muitos adultos, ou de quem quer que exerça a responsabilidade

e o dever das figuras parentais, em sua função de “tomar conta” e de cuidar das crianças e dos jovens. Muitos deles estão impossibilitados para dar o suporte necessário que os jovens estão esperando e necessitando para ingressar na sociedade.

Em suma, é inegável e inevitável admitir que alguns traços da cultura atual trazem efeitos nefastos aos indivíduos em sua necessidade pela carência de provisão ambiental, todavia, acreditamos que ainda assim, não esgota a possibilidade do homem criar e reinventar novos caminhos e alternativas para uma vida criativa, em “acontecência” e na complexidade de cada contexto pessoal e cultural.

2.2 “Adultescência”: alongamento da adolescência

A perspectiva tradicional hegemônica, ao contrário da visão que estamos trabalhando sobre a adolescência, como já foi dito, defende esse estado da adolescência como um período da vida ou como um trabalho lógico.

O começo da adolescência é facilmente observável do ponto de vista fisiológico e é sabido que essa fase representa o momento mais significativo no imaginário social, como o período de mudanças mais drásticas e uma fase mais difícil de adaptação ao novo lugar social.

Certamente, os jovens púberes parecem ser a caricatura desse modelo de existência em metamorfose, e, geralmente, por esse motivo, a adolescência é definida como um problema ou um modo crítico de transição, que tem se prolongado anos a fio.

Por essa razão, a adolescência é emblemática para indicar uma problemática de mudança de lugar, de crise psíquica do humano em geral.

A adolescência – como a conhecemos hoje no Ocidente – foi construída por crenças e sentidos dados a ela através da ciência e dos tratados e manuais que pretenderam estabelecer critérios para apreender esse fenômeno de forma universal. Diferente do nosso olhar sobre esse tema nesse estudo e isso nos remete a três aspectos importantes a serem pensados:

1 A complexidade das referências cronológicas e psicossociais que procuram delimitar a entrada e a saída da adolescência.

2 A adolescência retratada como um tempo de passagem de aguda e crítica transição, marcado pela indefinição, instabilidade, risco, perda de lugar social definido, mas também, motor que incita a resistência, ao discurso social que não lhe convence, levando a transgressão edificante e criativa, ou na pior das hipóteses, à transgressão perversa. E dessa forma, isso caracteriza as duas vertentes possíveis em que o indivíduo poderá se instalar, ou até mesmo, algo ambivalente e contraditório da experiência coletiva contemporânea.

3 A adolescência como o lugar social de ideal de autonomização, de abertura e de beleza. O jovem assume a caricatura do belo, do novo, realizando o desejo e o sonho do adulto de jovialidade e de liberdade, de uma

posição sem compromissos mais sérios (de férias permanentes), despertando inveja porque o adolescente está num momento privilegiado na marcha da vida – “entre” o passado e o futuro – tendo o futuro como um longo horizonte de múltiplas possibilidades.

Ora, quanto ao primeiro aspecto citado acima, a ser refletido, vejamos quanta mudança ocorreu na história da Humanidade com o avanço da medicina.

Como propõe Birman em *Tatuando o Desamparo – a juventude na atualidade* (2006), vivemos, hoje, muito mais tempo que nossos antepassados e conseqüentemente houve a extensão da duração da vida. Além do mais, estamos verificando um encurtamento da infância e um alongamento da adolescência, o quê indica uma transformação fundamental no que concerne às idades da vida.

Isso impõe uma série de reflexões e questionamentos acerca dos aspectos sociais e psicossociais que modificaram e que corroboraram num período de diversas transformações nos vários âmbitos da vida.

Na visão de Birman (2006) as idades da vida se relativizaram, portanto, a biologia perdeu a sua dimensão de absoluto e efetivamente se relativizou no seu estrito determinismo, tornando impossível qualquer pretensão de delimitar padrões essencialistas e universais das idades da vida e de sistemas de organização social, que mudaram substancialmente.

O segundo aspecto que chamamos a atenção é para o momento crítico que estamos vivendo desde a instauração da Modernidade, e que hoje,

supomos ser um momento histórico mais crítico, porque na evolução dos tempos, o sujeito da sociedade pré-moderna, tinha um estilo de vida confortado pelos princípios e certezas da tradição, que não davam espaço para transgressões e questionamento ao que já estava estabelecido, restando à sociedade apenas segui-la. E com a Modernidade isso mudou e mudou mais ainda na Contemporaneidade que pode ser chamada, modernidade tardia (Giddens, 2002), ou Pós-modernidade (Bauman, 1998), como queiram. Vejamos a seguir como se deu a evolução das organizações sociais.

O sujeito moderno da moral individualista, conforme Dumont (1997), passou a viver uma organização da experiência de si mesmo fundada na autonomia e na interioridade, tendo uma visão crítica e relativizada sobre as coisas dadas pelas instâncias externas (autoridades), ou seja, de coisas que não vem da sua interioridade (Pinheiro, 2001).

É interessante assinalar que diante disso, a Modernidade ampliou e possibilitou a abertura para outras maneiras de exploração, de se organizar, de pensar e apreender a realidade, num processo de auto-regulação, exigindo um maior esforço e coragem do indivíduo para se arriscar, enveredar e adaptar ao novo. Embora, tenha uma força conservadora que persista ainda na crença da capacidade do homem em alcançar a verdade absoluta através do conhecimento racional, em que as teorias científicas empíricas ainda eram respaldadas por uma certa estabilidade do mundo.

Entretanto, ao contrário disso, a sociedade pós-moderna, segundo Bauman (1998), vive hoje uma época de incertezas e de múltiplas escolhas em que a tradição enfraquece e perde o seu domínio, e a qual a busca da verdade

e das certezas sobre os fenômenos em geral se depara com a complexidade, com a multiplicidade de saberes, esbarrando na limitação do conhecimento.

Desde sempre, e mais especificamente com a Modernidade, já sabemos que surgem novos conhecimentos e novas conclusões sobre a natureza das coisas e isso ocorre porque o conhecimento é um processo dinâmico, e também, porque constatamos através de pesquisas e estudos, que tudo se transforma e contém uma flutuação e variação em suas leis de constituição, de acordo com cada realidade e contexto estudado.

Então, diante dessa perspectiva e de acordo com Calligaris (2000), podemos dizer que a adolescência é uma invenção moderna e ao mesmo tempo uma revelação do nosso tempo. Ou seja, uma incômoda entidade enigmática, sustentada pela imaginação da civilização moderna, que espelha algo de nós mesmos sujeitos contemporâneos. Ou seja, essa entidade “a adolescência”, se presta de testemunho das dificuldades do indivíduo moderno de se satisfazer com o projeto, que num “vaivém” exige mudanças e a adaptação do indivíduo a cada novo lugar e função na trama da sociedade.

Nós trabalhamos com a idéia de que com a Modernidade e mais especificamente, na atualidade, houve uma crescente potencialização do aspecto desejável e indesejável da condição humana em transformação contínua e em transição permanente de um lugar para outro. Situação essa, que pode levar ao desenvolvimento da capacidade criativa do homem ou à repetição, apatia e submissão.

Ao dar continuidade a essas reflexões sobre a condição social do homem moderno atual, resgataremos o pensamento de Freud (1915/1996) sobre a transitoriedade.

Para ele a transitoriedade é uma condição inerente à mobilidade das coisas da natureza e da forma humana, que pressupõe idas e vindas em mutação constante, que constitui: o belo e o feio, a tradição e o novo, a memória e o esquecimento, a alegria e o sofrimento, a felicidade e a infelicidade, a dependência e a independência, e que significa a existência da ambigüidade, da ambivalência presente na vida, revelando as forças contraditórias que fazem parte da complexidade do drama do homem e da sociedade. Ou seja, paradoxos insolúveis a pretensão intelectual do homem em dar cabo a coisas que a linguagem não explica, mais que faz parte da vida (Freud, 1915/1996, p. 345).

De acordo com as proposições Winnicottianas, sobre os fenômenos transicionais como o espaço do jogo entre indivíduo e meio ambiente a provisão ambiental atende a dependência do indivíduo em cada fase do desenvolvimento, adequando as suas necessidades, ou fracassa nisso. E sendo assim Winnicott (1975) escreve o seguinte:

Descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor do viver. Essa variável nos seres humanos está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases

primitivas da experiência de vida de cada bebê (Winnicott, 1975, pp. 102-103).

Para explicar mais de maneira mais clara ao leitor, sobre o que Winnicott (1993) quer dizer de provisão ambiental desde o nascimento, vejamos o que ele chamou de objeto subjetivo. Winnicott chamou de objeto subjetivo, quando um bebê cria um objeto nos estágios mais primitivos, e esse é um período de onipotência, no estágio da tenra infância, quando ainda não há a diferenciação “eu - não eu”. Ou seja, a criança procura algo e encontra o seio, e assim criou-se o seio. Ele tem a ilusão de ter criado o seio se houver o sucesso dessa operação, ou seja, quando a mãe se adapta às necessidades do bebê e oferece o seio nas horas mais ou menos certas, permitindo ao bebê viver a sensação da onipotência de criar o objeto (Winnicott, 1975).

E diante disso, Winnicott (1975) se depara com um paradoxo e fala da aceitação do paradoxo, que não sente necessidade de solucioná-lo. Acontece que o bebê cria um objeto, sem nem mesmo ter noção do “eu-não eu”. Mas o fato é que esse acontecimento, percebido, naturalmente, nos leva a acreditar num impulso criativo, o qual dá para a criança a sensação e a prova de que está viva (Winnicott, 1993, p. 16; 1975, p. 102).

E dando continuidade aos três aspectos levantados por nós, vejamos agora, o terceiro aspecto, o ambiente cultural atual que vê a adolescência como o ideal social, ao mesmo tempo, que é temida e invejada, (Calligaris, 2000).

Os adultos contagiados pelo ideal da jovialidade e liberdade de ser dos jovens estão se comportando como eles, vestindo uma caricatura de pessoas descoladas e livres da cegueira e da alienação da massa (rebanho), resistindo ao imperativo social, talvez, como uma forma de manifestar a resistência, questionando sobre o lugar de submissão, que o discurso vigente impõe. Ou seria mesmo, uma dificuldade do adulto em ocupar um lugar e uma função social de transmissão intergeracional, já que é tomado por uma certa exigência de se adaptar às mudanças e às idéias vigentes, numa reorganização têmporo-espacial que gera insegurança e instabilidade?

Pensamos que diversas e complexas razões causam conflitos e situações problemáticas à vida do sujeito contemporâneo. Complexas razões dificultam os mais velhos em sua função de exercer a transmissão intergeracional e de ocupar papel e posição de indivíduo maduro e com uma independência esperada, que o autoriza a agir eticamente em favor de si e da coletividade. Podemos dizer que uma dessas dificuldades é a tentativa de conciliar a vida afetiva e familiar com a vida profissional. É o que falaremos no terceiro capítulo, sobre o lado obscuro do mundo do trabalho e da moral capitalista na perspectiva de Sennett (2005).

Hoje, vemos um evidente alongamento da adolescência, de maneira que esse fenômeno, por várias razões, passou a chamar a atenção e a ser chamado nos tablóides britânicos como “adullescência” e foi reconhecida pela editora *Oxford University* como uma nova palavra da língua inglesa. O termo mistura em inglês, a palavra *adult* (adulto) e *adolescent* (adolescente), que passou a definir a juventude estendida e prolongada.

Não podemos desconsiderar a dificuldade que os jovens (e por quê não, também dos adultos) têm encontrado, hoje, de achar trabalho, ou de alcançar o sucesso esperado do ideal vigente de poder econômico, a fim de que lhes dê a condição que esperam de segurança a longo prazo e que corresponda ao ideal de fazer carreira, para que possam seguir acreditando na possibilidade de realizar os seus projetos futuros.

Mas, mesmo diante disso, a “adullescência” pode ser vista, também, sob a perspectiva da vertente positiva, de que hoje estamos vivendo um tempo em que se propicia mais, a realização do potencial criativo inato. E na Contemporaneidade parece que sabemos muito bem do que os jovens estão falando.

Erikson (1976) disse que Freud chamou a atenção da conversão do “passivo em ativo” e há nisso uma nova forma de experimentação juvenil, que com freqüência parece declarar o seguinte: “Quem disse que sofreremos de uma crise de identidade? Nós a escolhemos, temo-la ativamente, estamos jogando de ‘fazê-la acontecer’” (Erikson, 1976, p.27).

Recentemente multiplicaram-se matérias em jornais e artigos de profissionais de diversas áreas que falam sobre o fenômeno da “adullescência”.

Segundo Versiani (1998) um jornalista (não identificado) escreveu que a pertinência do conceito “adullescência” se devia da observação de que os homens e mulheres estão se casando mais tarde e tendem a ter mais oportunidade de se envolver e se interessar por coisas vistas como jovens. Ou

seja, a linha divisória entre a adolescência e a fase adulta está cada vez menos nítida.

E esse jornalista londrino disse o seguinte:

Essa juventude estendida não é mais encarada pela sociedade como uma condição triste, como já foi no passado. Por alguma razão nas últimas tendências culturais a 'pena' é dirigida a pessoas que tem um estilo de vida mais convencional. O público de meia-idade está cada vez mais, buscando entretenimento e estilos de vida dos jovens.

Talvez isso signifique uma espécie de lucidez do nosso tempo, que na vertente positiva, permite um ambiente em que propicia a criatividade e viver o “espaço potencial”, o espaço intermediário de Winnicott (1975), que concilia a externa, penosa e dura realidade à realidade interna, levando indivíduo à criatividade e a fazer da dureza, algo mais prazeroso, como o sentimento de sentir real, e poder dizer “Eu fiz”.

E isso acontece no jogo constante das duas forças do que é agradável e desagradável à existência humana. Por outro lado, isso implica a complementaridade do que é bom com o que, não é. E encarar isso, sem disfarces e falsas soluções – sem o “faz de conta” que não convence - é o que permite o fazer genuíno, e o sentimento de continuidade de ser e de que a vida

vale a pena de ser vivida. É viver o espaço potencial, as experiências culturais compartilhadas que deriva do brincar e que é a própria saúde.

Portanto, há a exaltação exagerada das coisas jovens no meio cultural como se fosse um ideal almejado, porque alude a uma fase bela, potencial e criativa. Ou seja, a adolescência lembrada como algo bom perdido e deixado para trás, como se fosse uma “feliz-idade” que permitia a rebeldia, a liberdade de se manifestar contra o mundo sério e cheio de compromissos dos adultos, é do nosso ponto de vista, a ambivalência do desejo de independência e poder econômico, ao realizar o projeto futuro e a contradição desse sentimento, ao invejar a fase descompromissada, lúdica e criativa dos jovens, antes de assumirem um lugar e uma posição de adultos com as responsabilidades da profissão e da função de prover uma família.

O fenômeno da “adulescência” parece ser, então, o efeito de complexas circunstâncias sócio-históricas que constroem novas modalidades de subjetivação, que podem ser vista sob duas vertentes. A vertente positiva diz da expressão de modos de subjetivação, com saídas para driblar e encontrar novos caminhos e formas de buscar a singularidade e a felicidade que lhe convém. Ou do lado da vertente sombria, que pode significar regressão, o retorno à dependência, à insegurança e à submissão ao outro.

Assim sendo, e para clarear melhor a articulação do nosso pensamento sobre articulação permanente sujeito e cultura, se faz necessário considerar a influência direta em nós, das mudanças das narrativas históricas e das diferentes lentes de observação, que constroem sentidos e apreensões bem distintas da realidade.

E vejam só um exemplo de uma bem humorada reportagem, de como as narrativas sociais mudam no decorrer do tempo e como nos influenciam em nosso comportamento e pensamento!

No começo do século XX a regra era querer parecer mais velho e ter a aparência de uma idade mais avançada, escreveu o professor de História da USP, Nicolau Sevcenko, em 20.09.98, na Folha de São Paulo. A propaganda de um creme para deixar os cabelos grisalhos, chamado Barbalho dizia: “Somente o creme Barbalho tornará todo grisalho vosso cabelo juvenil, garantindo-lhe o respeito de um ar sisudo e senil em cargos de grande efeito!”.

Nilolau Sevcenko escreve:

Toda uma linha de outros produtos se propunha, no início do século, a entender a grande demanda pelo envelhecimento precoce! Tônicos para encorpar e ganhar peso, corantes para as barbas e bigodes ralos, óculos e monóculos de vidros grossos e até uma sinistra pomada amarela para amarelar dentes e unhas! Na sociedade de arrivistas da *belle époque*, a cena pública foi invadida por uma legião de ‘recém-enriquecidos’, os beneficiários dos efeitos somados da revolução científico-tecnológica de fins do século, da expansão imperialista e da Grande Depressão. Na pressa de substituir as elites senhoriais, na correria pelo assalto dos cargos e posições, na ganância pela multiplicação de suas posses e capitais, na sanha para transformar em poder e privilégios a sua força econômica, era preciso disfarçar tanto a

obscuridade da sua origem, quanto o caráter repentino de sua arribação. Era preciso recobrir-se de uma pátina que simulasse estirpe, tradição e autoridade (Sevcenko, 1998, o grifo é do autor).

Segundo esse professor de história, nesse mundo patriarcal e machista o destino das mulheres era casar muito cedo e por isso deveriam assumir ares de matronas, daí todo um acervo de encheamentos.

Anquinhas, nádegas e seios de borracha, espartilhos, camadas sucessivas de combinações, anáguas e saíotes, forros, estofos, rendas e muselinas, coroado pelos cabelos presos e cobertos por véu, ou chapéus que encobria o rosto sob uma gaze fina.

A primeira mudança dramática desse cenário veio com o cinema. Nunca mais o mundo seria o mesmo! E até o fim da Segunda Guerra, o padrão dominante era dos adultos de aparência jovial. Sendo adultos e jovens, eles representavam uma sociedade segura de seus valores e confiantes na suas mais caras convicções.

A grande mudança veio depois da guerra. A extensão e duração do conflito e os entraves para a readaptação à vida civil trouxeram um enorme impacto sobre a estrutura familiar e repercutiu na geração seguinte. O jovem conseguia emprego, mas as universidades e os altos cargos estavam

reservados as famílias dominantes ou grupos organizados. A terra da oportunidade prometia mais do que conseguia cumprir.

Os filmes dos anos 60, segundo Sevcenko (1998), representavam para os jovens a insurreição contra a hipocrisia, a desigualdade e a estupidez consumista. “É o pico do fim do consenso cultural, veio, com a extinção de um quadro fixo de valores que implodiu a possibilidade de quaisquer nexos coerentes e hegemônicos de significação”. Com a expansão das comunicações, a imagem se libertou dos sentidos.

A juventude, a rebeldia, a autenticidade, passam a ser traduzidas em imagens que se pode comprar e vestir. O melhor, portanto, é compor um “bocadinho” de cada imagem (do adulto maduro e do jovem rebelde).

Ser “adultescente” é a receita ideal para a admiração e o sucesso! “Ter o melhor dos dois mundos, sem mais compromissos além da nota fiscal.”

Esse artigo traz a luz o quanto o contexto cultural influi nos modos de subjetivação e deixa claro o quanto os valores e as crenças de cada época determinam alguns aspectos dos fenômenos humanos, não impedindo de ver, é claro, a ambivalência, a complexidade da implicação do sujeito no social e no singular de cada realidade. O que não impossibilita que apreendamos um perfil da sociedade, que se encontra repleta de indivíduos as voltas com um sentimento de inadequação e frustração aos valores morais hegemônicos.

Então vejamos o lado sombrio, que acontece quando os jovens estão jogados a própria sorte, sozinhos, a deriva, logo naquele momento, quando esperam do adulto um apoio e um modelo para se identificar e se

reconhecer no olhar do outro, com a aprovação para a passagem ao estatuto de adulto. Muitas vezes, esses jovens encontram nos pais ou substitutos, uma espécie de regressão, vestidos e se comportando como eles, ou incapacitados de dar conta da própria crise pessoal, ou seja, da própria vida.

Utilizaremos como ilustrativo disso, o filme: “Aos Treze” da diretora Catherine Hardwincker (2003), que mostra uma adolescente às voltas com os problemas típicos dessa fase de mudança psicossocial, mas num contexto familiar caótico, onde os (pais e/ou adultos) se encontram imersos em suas próprias crises e problemas, como numa espécie de incapacidade de exercer satisfatoriamente a função de “tomar conta” e investir uma atenção permanente aos filhos e poder assim, transmitir os valores e referências a serem seguidos.

Nesse filme trata-se de uma família americana contemporânea da classe média baixa. A história relata o drama da dinâmica de vida de uma mãe separada (chamada Mel) que tem um casal de filhos adolescentes para sustentar e educar. Do nosso ponto de vista, o foco central que a diretora trouxe, foi o problema das identidades vacilantes do adolescente em busca de modelos no processo de identificação e a ausência desse modelo nos pais “ausentes” (ou muito atordoados em seus problemas pessoais), ou seja, o desencontro entre eles e as conseqüências disso nas drogas, no uso do corpo como o fim para se fazer existir etc.

O distanciamento de Mel de seus filhos é em razão de sua vida confusa (órfã de mãe desde menina) envolvida com um namorado imaturo e com os seus afazeres diários, trabalho, amigos etc. Cada um (ela e seus filhos), na rotina frenética do dia-a dia.

A cena que se coloca ao espectador é de uma mãe jovem, moderna, que se veste como as jovens adolescentes, afetuosa e esforçada na sua função de cuidar e prover o necessário e o que está ao seu alcance para seus filhos, porém, incapaz de se desvencilhar de seus problemas pessoais. Mel é carinhosa, generosa e acolhe em casa amigas desestruturadas, que parecem não ter com quem contar na vida e recorrem a ela. Mel se divide para atender a tudo, a todos e a seus anseios e desejos. Seu namorado é um homem viciado em drogas, que não consegue dar conta nem da própria vida, numa espécie de adolescência prolongada, não consegue ter projetos afetivos duradouros e profissionais.

O ex-marido de Mel, pai de seus filhos, é um homem totalmente ausente, bem sucedido financeiramente e está às voltas com seu projeto de vida individual. Só comparece à cena do filme uma única vez, após várias frustrações dos filhos, na espera dele vir buscá-los para o final de semana juntos. E a sua vinda só acontece quando Mel se desespera e suplica a sua intervenção como pai e responsável pelos filhos, ao perceber que perdeu o controle sobre a vida de Tracey, num momento onde o problema já estava grave e instaurado.

A tensão percorre a trama da história dessa família. “A casa torna-se um centro de “multiuso”, onde os membros da família podem viver, por assim dizer, separadamente” (Bauman, 2004, p. 84).

O silêncio, a solidão e a dificuldade de diálogo entre eles e a falta de oportunidade de encontrar condição para uma conversa fora da superficialidade, é mostrado quando Tracey procura a mãe para ler um poema

que escreveu. O turbilhão de demanda a sua volta, a impede de escutar o que a filha tem a lhe dizer. É tomada pelo impacto que as palavras fizeram ressoar a seu ouvido, sem nem mesmo se dar conta do que estava ouvindo. Então para e a olha profundamente, como raras vezes acontece. Pede para ela ler de novo. E se dá conta que tem a sua frente uma menina moça que tem muito a dizer. E Tracey lê para mãe o seu poema:

Ele estava aleijado, mas apenas seu corpo estava ferido. Não é simples, nem algo fácil de explicar. “Vamos deixar assim”, diz ela. E fecha o livro sagrado de mentira. Ela cobre seus olhos. Negando o que achava que tinha acontecido (Aos treze, 2003).

Mel escuta impactada a profundidade dessas palavras, que desvelam as falsas soluções e a hipocrisia do mundo adulto, e responde à Tracey: “É muito pesado. Me assusta um pouco. Mas é bonito... Vamos comentar quando eu voltar...”

Mas o tempo não pára e a corrida desenfreada, continua, sem que a mãe consiga enxergar as necessidades da filha, de ordem afetiva e de atenção, de conversas diárias consistentes, em que se faz possível a transmissão de referências que a sustente, que lhe dê o contorno e o limite que precisa daquele a quem mais confia.

A adolescente do filme “Aos treze” ficou rondando com a esperança de que alguém ou o mundo lá fora, pudesse vê-la e ouvi-la. Continua sua

errância e se aproxima das garotas mais vistas e badaladas da escola, para tentar entrar na tribo. Não têm êxito. Precisa ter os atributos comportamentais, visuais e a indumentária que a caracterize como integrante daquele grupo. Melhor dizendo, daquele “agrupamento”, pois não passa de uma aglomeração de indivíduos, que dividem o mesmo gosto, interesse e valores, mas sem nenhum vínculo e laço entre eles.

Em suma, o desfecho não poderia ser outro. A deriva, a jovem encontrou na garota do colégio, (carente e abandonada à própria sorte), o ícone, o modelo da irreverência e da coragem que Tracey precisava para se arriscar fora de casa e para se espelhar e ser vista.

Daí em diante se envolveu com a nova amiga (Evie), a ponto de levá-la para casa e se tornarem as “melhores amigas”. Evie é uma jovem que sofre pela solidão e desamparo de figuras parentais e vive aos cuidados de uma tutora que não tem a disponibilidade e condição (de diversas ordens) de “tomar conta” dela. Tracey passou a repetir o comportamento da amiga, sem pensar, já que a rebeldia e a transgressão de Evie parecia algo bom e um grande “barato”! Tracey se drogou, se tatuou, se furou, colocou “*piercing*” na língua e no umbigo, deixou-se usar como objeto sexual e se isolou, ainda mais, em sua solidão. Seu sofrimento chegou a tal ponto, que passou a “se cortar” para aliviar a dor psíquica.

Quando a mãe acordou, o estrago já estava feito, mas supostamente ainda não irreversível.

Jeammet e Corços (2005, p. 16) em sua vasta experiência clínica no Serviço de Psiquiatria do Adolescente e do Jovem Adulto do *Institut Mutualiste Montsouris* (Hospital-Dia Geral de Paris) – em cuja equipe se dedica ao atendimento de adolescentes que sofrem do que ele chama de “patologias do agir” – abrange o atendimento desde a toxicomania, o alcoolismo, a dependência de medicamentos, mas, sobretudo, as perturbações do comportamento alimentar, ou até mesmo “os cortes na pele” e as tentativas de suicídio. Para eles, todas essas manifestações de sofrimento, independentes da estrutura psicopatológica – termo que preferem substituir, por “organização” – representam uma tentativa desesperada, de se dar contornos, ou impor um limite corpóreo a uma vida sem limites, sem regras, repleta de contradições e arbitrariedades do ponto de vista das condutas moral e psicológica.

A propósito dessas apreensões que vêm as dificuldades causadas pelas falhas da provisão ambiental, falaremos a seguir, sobre o que escreveu Sennett (1999) em *A corrosão do caráter*.

Sennett (1999) escreve nesse livro sobre as conseqüências do trabalho no novo capitalismo e começa contando a história de um encontro que teve com um filho de um faxineiro de um aeroporto, que ele já conhecia há tempos e sabia do pensamento desse senhor a respeito da vida familiar e do trabalho.

Sennett encontrou o filho desse senhor, depois de um longo tempo, e o viu bem sucedido, realizando o sonho do pai, que trabalhou anos a fio de sua vida, lavando banheiro de um prédio num centro comercial. Após algumas conversas com esse jovem adulto, chamado Rico, observou que ele estava

muito angustiado com a “falta de tempo” disponível que ele e sua esposa estavam tendo para se dedicar a seus filhos. E Rico disse:

Chegamos em casa às sete, jantamos, tentamos encontrar uma hora para o dever de casa das crianças, e depois para tratar de nossa própria papelada. (...). Ele se preocupa (...) com o abandono das crianças, cujas necessidades não podem ser programadas para encaixar-se nas necessidades de seu trabalho. (...). perseguia-o o receio da falta de disciplina ética, sobretudo o temor de os filhos se tornarem ‘pequenos ratos’, rondando ao léu pelos estacionamentos dos shopping centers à tarde, enquanto os pais permaneciam fora de alcance em seus escritórios (Sennett, 1999, pp. 20-21).

O que levou Sennett (1999) a relatar e a descrever esse encontro com esse jovem pai de família americano foi porque ele encontrou nesse episódio uma importante ilustração de um personagem real, com uma reação emocional frente a um drama de consciência em conciliar a experiência do trabalho e da vida familiar, com relação à administração do tempo, com as diversas posições que precisa ocupar na vida, que é um dilema universal de nossa época.

Ou seja, é exatamente o crônico “mal-estar” que Freud já dizia em *O Mal-Estar na Civilização* (1930), do sujeito moderno frente às exigências das civilizações e da cultura moderna. Uma contínua exigência de reapropriação de

lugar e de função, que revela nesse homem comum, desse encontro com Lipovetisky, o drama da sociedade na atualidade. E Sennett diz o seguinte:

As condições de disponibilidade de tempo na moral capitalista, criaram um conflito entre caráter e experiência. O que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entreMeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo. A instabilidade pretende ser normal, e o empresário (...), aparece como o Homem Comum ideal. A experiência do tempo desconjuntado ameaça a capacidade das pessoas em transformarem seus caracteres em narrativas sustentadas. Talvez a corrosão de caracteres seja uma consequência inevitável. “Não há mais longo prazo”, e isto desorienta a ação a longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso e divorcia a vontade do comportamento (Sennett, 1999, pp. 32-33).

Finalizando esses pensamentos sobre o lado sombrio e difícil do mundo atual, queremos considerar que pode parecer contraditório e pessimista demais, e até mesmo, “catastrófica” essas colocações que trouxemos até aqui. Mas não se trata disso. Quisemos trazer o lado real da vida como ela é. Do jogo da vida “ambiente-sujeito” sem nos enganarmos com as “falsas soluções”, que os adolescentes ou mesmo qualquer indivíduo tanto odeiam!

As exigências a qual somos submetidos constantemente de adaptação aos ideais vigentes, da moral do mercado capitalista e da moral individualista, no mundo de hoje, podem levar a desestabilização daqueles que estão crescendo e se desenvolvendo para ingressar ao mundo dos adultos, ou até mesmo, pode trazer um sentimento de ruptura de continuidade de ser, daqueles que são reconhecidos como adulto, mas se encontram fragilizados, por diversas e infinitas razões.

Do nosso ponto de vista, a realidade contemporânea aponta para um sujeito que está se constituindo como se fosse num “estatuto transitório” de imediatismo, que poderá gerar uma sobreposição geracional, em que na pior das hipóteses, leva a uma desautorização e incapacidade do adulto em exercer a sua função de transmissão intergeracional, ao contrário de outrora.

Enfim, pensamos que o sujeito contemporâneo por vias complexas e diversas da história individual e do meio cultural, poderá se encontrar numa condição de incapacidade criativa, de apatia e repetição, ou poderá, estar “se fazendo” num modo onde há a maturidade e a independência satisfatória, permita viver o risco e a abertura que possibilita a inovação.

3 O MEIO AMBIENTE CONTEMPORÂNEO

Que os jovens modifiquem a sociedade a ensinem os adultos a ver o mundo em forma renovada: mas aonde existe o desafio de um jovem em crescimento que haja um adulto para encará-lo. E não é obrigado que isto seja agradável.

D. Winnicott (1975)

3.1 Mundo adolescente: “entre” dois: Modernidade e tradição

Como ponto de partida para reflexões sobre o mundo contemporâneo, traremos a luz algumas mutações profundas das organizações sociais, que levaram ao Individualismo Moderno. O individualismo vai permear como a base de sustentação de nossas idéias nesse trabalho, dentre outras, e servirá como o fio condutor do que propomos nesse capítulo.

E com isso pode parecer contraditório, ao ter trazido anteriormente, a perspectiva de Maffesoli (2006), que entende a Atualidade, como um declínio do individualismo nas sociedades de massa. A visão de Maffesoli, se a interpretamos corretamente, não invalida a perspectiva que adotamos, nesse estudo, ao falar da adolescência como paradigma do sujeito moderno sob a égide do individualismo. Ao contrário, ele trouxe uma nova visão que soma às nossas idéias da complexidade, da ambivalência e do paradoxo que não podemos solucionar, dos destinos possíveis das novas organizações sociais, num “vaivém”, que têm intrínseco dois pólos suplementares, um lado que toma uma vertente obscura e sombria das relações humanas e, outro lado satisfatório, que indica o tempo atual mais rico para a criatividade e possibilidades diversas da existência humana.

Portanto, diante dessa ressalva, veremos as explicações que escolhemos sobre o individualismo em Dumont (1997) e sobre os grandes descentramentos que sofreram a Humanidade com a virada da Era Clássica para a Modernidade a partir de Hall (1997).

De fato, com o advento da Modernidade, houve rupturas e perdas de crenças cegas e inquestionáveis sobre as verdades, libertando o indivíduo de seus apoios estáveis na tradição (como dogma) e das estruturas institucionais que ditavam rígidos limites de identidade, mas isso não significa um rompimento radical, no sentido de um esquecimento do passado.

A Modernidade inaugurou um modo de existência do homem – autônomo e individual – que o levou a sair de um estado amparado pelo que já era estabelecido, para o estado de desamparo e de liberdade rumo ao

autoconhecimento e a auto-regulação, num movimento contínuo e permanentemente transitório.

Em outras palavras, segundo Bauman (1998), a Modernidade é a impossibilidade de permanecer fixo. Ser moderno significa estar em movimento. Nesse mundo todos os habitantes são nômades, mas nômades que perambulam a fim de se fixar.

Na perspectiva sociológica de Hall (1997) consideram-se mudanças nos modos de subjetivação, para o que entendemos de sujeito moderno, a partir de novas descobertas do conhecimento.

As grandes invenções e descobertas, para Hall, que marcaram a morte do sujeito tradicional clássico (“em casa”) e o nascimento do sujeito moderno (que “saiu de casa”) em trânsito constante, a caminhada para o seu fim e, conseqüentemente, para o nascimento da dita Pós-modernidade⁴ (“lugar-não-lugar”), o deserto dos nômades.

Existe no pensamento de Hall a idéia de que há um movimento, uma passagem de determinados modos de subjetivação da sociedade, para outras modalidades subjetivas e isso ocorre por influências de complexas circunstâncias históricas, que nos modificam, como também modificam a conceituação de sujeito.

Mas, Bauman (1998) diz que:

⁴ O que Bauman chama de Pós-modernidade, optamos por chamar neste trabalho de atualidade e contemporaneidade. E as colocações entre parênteses, são artifícios ilustrativos usados por nós.

... as vidas dos homens e mulheres pré-modernos continha pouca incerteza. Num mundo virtualmente inalterado dentro do horizonte da vida individual, seus habitantes, desde o berço, designados para itinerários de vida claramente catalogados, esperavam pouca surpresa enquanto viviam (Bauman, 1998, p. 219).

Portanto, a Modernidade inaugurou uma nova condição de existência, em que o indivíduo é um valor social e com a exigência de se constituir num processo de “se fazer” na trama social, que potencializou com a modernidade tardia os traços de individuação e de autonomização, exacerbando o risco e a instabilidade, o que não é nada agradável ao homem. Ou seja, um modo de ser incerto e em transição – trânsito permanente e contínuo – que significa viver eternamente sob o efeito de transitar de um lugar a outro; de um estado de coisas a outras; de uma condição a outra, que poderá ser vista na vertente obscura, sob a perspectiva de Maffesoli (2006), como uma nova forma de sociabilidade, em que os agrupamentos, ou o que ele chama de “tribalismo”, é o próprio centro criador do sentimento de pertencimento, que hoje é uma saída criativa, bem ou mal, como uma possibilidade de contorno da existência para muitos. Melhor dizendo, é sombria e mal, quando esta posição subjetiva é de repetição, de submissão e paralisação cristalizada, que adocece o sujeito.

Uma questão justamente central no que diz respeito ao adolescente é essa caracterização de estar em condição transitória: “entre” a infância e a

idade adulta; a casa e a rua; a família e o laço social; o passado e o futuro; a dependência e a independência etc.

Como propõe Cadoret (2003), a idéia de um processo constante de viver em trânsito na Modernidade, é também, tão arbitrária quanto a de um processo constante de progresso. Segundo ela, constata-se, ao contrário, há circularidades incessantes “entre” a tradição e a Modernidade, mostrando que sua intrincação é dinâmica e conflitual, tanto individualmente como coletivamente.

O adolescente e a juventude são ainda o ponto de referência. Cadoret (2003) constatou, por exemplo, um retorno das crenças em suas manifestações, em particular, nos países que ficaram submetidos muito tempo a ideologias sócio-políticas do tipo marxistas, países em completa decomposição. O fenômeno não diz respeito apenas a faixas etárias, que manifestaram de novo, crenças antigas, até mesmo escondidas porque são proibidas. As igrejas ortodoxas russas são assim cheias de jovens, alguns jovens “popes”, verdadeiros ícones vivos e as seitas religiosas recrutam facilmente esses jovens.

Contudo, hoje em dia, uma grande parcela de jovens, segundo Cadoret (2003), não está realmente, “nem em resistência”, “nem em cumplicidade” com a destruição de valores, mas ao contrário – estão “em espera”, “à deriva” – senão em busca de referência que se subtrai e desaparece. Para ela, essa juventude contemporânea não parece diante de uma escolha, entre a Modernidade que poderia ser o seu mundo e uma tradição que permaneceria o domínio dos mais velhos (2003, p. 81).

Talvez essa condição seja aquilo que sugere Maffesoli (2006), sobre o tribalismo. Os indivíduos nessas circunstâncias se agrupam, se aglomeram, e deixa a vida levar..., encontrando nessas tribos, um mínimo de contorno e de razão de viver.

A respeito disso, Bauman cita o que observou Arnold Gehlen, sobre os homens e mulheres pós-modernos:

Cada vez menos pessoas agem na base da orientação pessoal e de valores interiorizados... Mas por que há cada vez menos pessoas assim? Obviamente porque a atmosfera econômica, política e social se tornou difícil de entender intelectualmente, e de cumprir moralmente, e porque ela muda num passo acelerado... Num mundo em que tais coisas prosseguem, qualquer crença em princípios de orientação constantes corre o perigo de, recusar esse mínimo de confirmação externa sem o qual ela não pode sobreviver (Gehlen, citado por Bauman, 1998, p. 220).

Voltemos agora às questões históricas, que nos remetem a algumas transformações associadas à Modernidade. Como o exemplo do Humanismo Renascentista, que trouxe a soberania do homem da razão, a Reforma, o Protestantismo, e as revoluções científicas, no Iluminismo centrado na imagem do homem científico libertado do dogma e da intolerância, ou seja, a filosofia ocidental de Descartes etc.

Hall (1997) diz que a virada da Era Clássica para a Modernidade era um tempo em que se tinha como princípio de pensamento a noção de “indivíduo soberano” – que nasceu entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII – representando uma importante ruptura com o passado.

Para ele esse foi o motor que colocou o sistema social da Modernidade em movimento e libertou o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas crenças divinamente estabelecidas, associadas à idéia de que a razão o fazia senhor de uma identidade plenamente unificada e coerente (Hall, 1997).

Sendo assim, na explicação de Hall, a época moderna fez surgir uma nova e decisiva forma de individualismo, no centro do qual erigiu uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade.

O que podemos ver desse contexto histórico, é que as instituições sociais permitiam uma subjetividade com uma consciência de identidade – na forma reflexiva cartesiana – numa realidade relativamente estável e amparada pela memória do passado, que dava uma substancialidade à construção identitária do sujeito, de um modo em que era possível reconhecer-se e ser reconhecido pelos outros na trama social. Nessa sociedade o lugar, o papel e a função do indivíduo eram reconhecidos em uma forma de organização social estável.

É importante mostrar por isso tudo que levantamos anteriormente, algumas considerações de Hall (1997), que descreve as profundas mudanças e avanços nas descobertas científicas na segunda metade do século XX.

Hall (1997) diz que houve cinco grandes “descentramentos” do sujeito moderno que colocaram em “cheque” as verdades tidas como absolutas, e tiveram então, fortes impactos e rupturas nos discursos do conhecimento e, conseqüentemente, causaram deslocamentos e desagregação das identidades modernas do homem cartesiano. E foram eles: os escritos de Marx, Freud e o inconsciente, Saussure com o trabalho lingüista estrutural, Michel Foucault com a teoria das práticas disciplinares e de poder, e, por fim, o movimento feminista, que questionou a clássica distinção entre o “dentro e o fora”, o “privado e o público” e a questão de “gênero” e do “papel” da mulher e do homem na sociedade.

Portanto, na perspectiva de Hall (1997), segundo Dumont, (1997) esses foram os importantes movimentos que formaram o “marco” da cultura moderna, deslocando o homem de referências ilusoriamente estáveis e sólidas, para lançá-lo à responsabilidade de reger e dar conta da sua própria existência, surgindo uma decisiva e nova forma de individualismo.

Para Hall, essas mudanças ilustram a afirmação básica de que as conceituações do sujeito mudam, como mudam a sua experiência nas sociedades, portanto, cada contexto tem uma história. Lembremos que a noção de infância e adolescência nem sempre existiram.

Ora, a adolescência inventada na Modernidade era vivenciada num mundo em que as organizações eram respaldadas por referências e instituições impessoais com percepções e sentidos de um viver coletivo. E na Contemporaneidade, isso não se dá mais dessa forma. Com o nascimento da identidade individual, significa dizer que, de agora em diante, são habilidades do indivíduo inatas e adquiridas desde a tenra infância (Winnicott, 1975) a “acontecência” e a capacidade de julgamento e sabedoria de escolha, das referências pessoais e culturais, transitórias e ambivalentes, infinitamente múltiplas (Bauman, 1998, p. 221).

De fato, as decisões de foro íntimo, numa cultura individualista, na perspectiva de Dumont (1997), nos colocam num lugar sofrido, em que cada sujeito é incumbido de escolher; integrar ou afastar; obedecer ou resistir às múltiplas e infinitas narrativas.

O lado sombrio da realidade contemporânea é que estamos eternamente com um sentimento de uma inadequação aos ideais culturais de sucesso, com um sentimento de insatisfação, que na pior das hipóteses, paralisa o indivíduo com um sentimento de falsidade, que desemboca numa intensa angústia, de um não se sentir real e de não sentir que vale a pena a vida ser vivida (Winnicott, 1975).

Vejamos como Dumont (1997) explica o nascimento do Individualismo Moderno. Para ele, a gênese do Individualismo Moderno está no Cristianismo, uma vez que promove a idéia do homem em relação direta com Deus. A absoluta submissão a Ele tem como objetivo um desenvolvimento espiritual, e assim, implica numa autonomização em relação à ordem social,

nos moldes do “renunciante indiano”, relativizando os laços sociais e a vida mundana, já que os cristãos cumprem os desígnios divinos por um valor transcendente e pela vontade de Deus (Pinheiro, 2001, p. 99). Ou seja, diante disso, a vontade do indivíduo é identificada com a vontade de Deus, uma vez que a purificação e a autonomização implicam numa relação consigo mesmo e o mergulho para as profundezas de si.

Portanto, com a construção da moral individualista que se configurou na Modernidade, houve a fragmentação no campo do saber e o surgimento da autonomia nos diversos planos da vida social.

Em síntese, diante dessa breve explanação da virada do indivíduo tradicional para a nova modalidade de existência do indivíduo autônomo moderno – na moral individualista – procuramos explicar o fundamental papel do individualismo, que serviu como idéia-chave para situar a condição transitória de lugar e função social, que se estabeleceu na Modernidade.

Dando continuidade ao nosso pensamento, para esse mesmo fim, utilizaremos como instrumento facilitador de nossa tarefa em contribuir para reflexões sobre a posição e a condição do homem moderno contemporâneo, o texto de Contardo Calligaris em *A Psicanálise e o Sujeito Colonial*.

Calligaris (1999) escreveu que os fatos históricos da Modernidade fizeram efeito nos modos de subjetivação ao longo dos tempos e demonstra que o homem moderno passou a viver um período impulsionado por rupturas e perdas, a serviço de um projeto individual que pressupõe ganhos, mas que também traz sofrimentos bem próprios de nossa época.

Isso porque, o indivíduo passou a experimentar a instabilidade, o risco e o autocontrole, abandonando definitivamente o conforto do lugar pré-determinado, fixo e protegido pelas verdades absolutas da tradição.

Calligaris (1999) ao falar a respeito do homem moderno, diz que esse homem não se define pelo mundo que encontra – da tradição – mas tem um perfil renovador e é movido por ideais revolucionários e transformador que dão sentido a sua existência, pelos feitos que ele mesmo faz e transforma na realização de projetos futuros.

Ao falar da Modernidade nesse texto (1999), utilizou como ilustrativo as grandes explorações e, com isso, elegeu em específico a viagem de Colombo, que segundo seu olhar, ocupa um lugar muito especial e de maior alcance simbólico para a Humanidade. Esse pensador escolheu uma metáfora para definir o começo da Modernidade e para explicar o que isso trouxe de grande mudança nas organizações psíquicas e nas novas subjetividades.

Calligaris viu na colonização das Américas a metáfora da Modernidade e de uma nova subjetividade e organização psíquica. E diante disso escreveu:

Trata-se de uma subjetividade eminentemente histórica: o sujeito moderno não se define pelo mundo que encontra, mas pelo mundo que ele mesmo faz ou transforma. Não se define pelo lar onde nasce, mas por suas aventuras: é o sujeito saído de casa o que implica uma nova experiência do tempo: a oportunidade, a

potencialidade, enfim o projeto vem a fazer parte integral do ser.
(...) trata-se de uma subjetividade eminentemente histórica
(Calligaris, 1999, p.18).

E a razão que atribuiu à escolha da aventura de Colombo, é que para ele, dentre tantas outras explorações que os homens se arriscaram e se aventuraram por intenção materialista, idealista ou para recompor uma caricatura das hierarquias deixadas atrás, as viagens de Cristóvão Colombo no Mediterrâneo representaram a melhor metáfora do fim do mundo fechado e do abandono da tradição. Portanto, escolher a viagem de Colombo como o início da Modernidade é, em suma, adotar uma metáfora que salienta alguns traços decisivos da subjetividade moderna. A materialista, procura de novas riquezas e necessidade de conquistas, e a ideológica ou mesmo idealizada, o indomável desejo de saber e conhecer novas coisas (Calligaris, 1999, p.12).

... as caravelas de Portugal, em busca de novos mundos, (...) necessidades de subsistência, ou sonho moderno de se fazer valer?" (...) A oposição assim colocada evoca imediatamente o começo da Fenomenologia do espírito de Hegel – que é de fato a melhor interpretação antropológica da subjetividade moderna no instante do triunfo. A humanidade (entenda-se: a modernidade) – na descrição de Hegel – começa quando acaba o reino da necessidade, ou seja, quando o desejo não encontra mais sua satisfação nos objetos procurados e finalmente consumidos mas

se projeta e prolonga indefinidamente na procura do conhecimento (Calligaris, 1999. p.14).

E continua:

Não há melhor descrição do fim da sociedade tradicional: O lugar social de cada um, passa a ser decidido pelo reconhecimento que ele obtém dos outros, e os objetos de desejo passam a valer como meios para conseguir um lugar ao sol. De repente, nenhum deles pode apagar um desejo que transcende qualquer necessidade (Calligaris, 1999, p.14).

Para ele, o sujeito moderno vive uma tensão incurável entre o “Ser” e o “querer Ser”, que passa pelo desejo sedento de luxo, de aventura e de um reconhecimento social, que só poderá ser obtido pelo crivo do olhar do outro, que é indefinidamente perseguido e insatisfeito por definição, já que nenhum reconhecimento será suficiente, quanto ao seu Ser, como o que a tradição perdida lhe dava.

O futuro, nessa perspectiva de Calligaris é que dá sentido ao presente e, o passado, é ou deveria ser apenas memória. Quando o passado é tomado como história viva, de verdades perdidas e cânones a serem seguidos, impõe uma paralisação da criatividade.

Mas o Ser desse homem moderno está no futuro e no projeto individual, acompanhado de um mal-estar, que Freud já constatava no começo do século XX. O sujeito moderno segundo o pai da Psicanálise, padece de reminiscências, lembranças do passado como se fosse sua verdade perdida. E nesse sentido, Calligaris diz que um "hiato" se instaura na vida deste homem, como um lugar preferido de residência e de sofrimento.

O problema, de acordo com Calligaris (1999), é que o sujeito moderno vive esse hiato, ou seja, uma divisão subjetiva entre o projeto e a nostalgia do passado como uma tensão incurável entre ser e querer ser, que é o lugar preferido da residência de sofrimento, como se fosse uma ressaca no meio do oceano Atlântico.

E após essa breve explanação do pensamento de Calligaris sobre as subjetividades modernas, vamos refletir agora sobre o testemunho da adolescência sobre a condição do homem contemporâneo de viver em trânsito constantemente e com sentimentos contraditórios e ambivalentes que expressam o drama social.

Segundo Freire (2004), a adolescência é com certeza um momento privilegiado na transição "entre" o passado e o futuro. E estar em travessia entre o passado e o futuro, vai direto ao coração da vida subjetiva.

De acordo com as idéias de Calligaris, a sociedade moderna contemporânea impõe uma "moratória", um "hiato" ao jovem. Podemos arriscar e dizer que do lado da vertente sombria, essa moratória pode ser relacionada ao lugar da imaturidade que impossibilita o indivíduo ocupar um papel e uma

função na cena social, que o leva a um movimento regressivo, que paralisa o indivíduo entre o projeto futuro e a nostalgia do passado, uma espécie de apatia e sentimento de estar à deriva, em plena ressaca no meio do oceano. Ou, na melhor das hipóteses, funciona como um lugar de repouso, de relaxamento, um “entre” dois, que impulsiona o navegante a se mover e a se deslocar rumo a um novo destino de terras desconhecidas. É o próprio “espaço potencial” de Winnicott (1975), que em outros termos é a terceira área do viver que não se encontra dentro do indivíduo, nem fora, mas no mundo compartilhado, que conduz aos relacionamentos grupais (Winnicott, 1975, p. 152).

É nesse espaço potencial que ocorre o que ele chama de “fenômeno transicional”, que é o brincar. O natural para Winnicott (1975) é o brincar. É a brincadeira que é universal e que facilita o crescimento e, portanto, a saúde. E a experiência cultural é um derivado da brincadeira. São coisas que vinculam o passado, o presente e o futuro e que ocupam tempo e espaço (Winnicott, 1975, p. 151).

Mas a moratória observada em primeira mão por Erikson (1968) e muito bem reproduzida por Calligaris, significa uma espécie de suspensão imposta aos indivíduos que ainda não alcançaram o patamar para serem reconhecidos como prontos e pertencerem como pares na sociedade.

E isso poderá funcionar como uma espécie de comando silencioso e contraditório: “Espere. Você deve fazer o que eu digo, mas não faça o que eu faço, pois não está pronto ainda!”. Imperativo que confunde os adolescentes e faz com que se sintam desenraizados, deslocados e fora do laço social por

ainda não serem nada e nem saberem o que poderão ser no futuro. Assim, diante da particularidade do adolescente, que está se preparando para ingressar na sociedade, na pior hipótese, encontra-se sozinho, desamparado, à deriva seguindo sem a transmissão de referências confiáveis, que não encontraram nos pais ou substitutos, como vimos no sub-capítulo 2.2 com o exemplo ilustrativo do filme *Aos treze*.

O ambiente quando falha na sua função de transmissão intergeracional promove ordens e contra-ordens perturbadoras e instala uma confusão no universo psíquico, que pode minar a esperança do jovem um dia crescer e se emancipar (Cintra, 2006).

Certamente a marca que nos situa como homens modernos é a coexistência com a contradição e com a desordem permanente, sugerem as palavras de Adauto Novaes (2004) em “Crepúsculo de uma Civilização”. E sendo assim, torna-se complicado desenvolver o sentimento de confiança em si mesmo e no outro, que Winnicott (1993) pôde explicar tão bem em sua teoria sobre o brincar, o verdadeiro-*self* e o meio ambiente que é satisfatório e que dá uma boa provisão ambiental

Então vejamos em que sentido a falha do ambiente moderno contemporâneo é a “deusa necessidade” que em nada a satisfaz e carece de dispositivos compatíveis, para que o sujeito se constitua confiante em si e no mundo.

A engrenagem que leva o homem moderno a ter sede material e de ideais novos, insistimos em dizer, poderá levar a dois destinos: entrar na

armadilha falaciosa de um terreno sedutor e fértil da “mãe modernidade”, que nutre as experiências estritamente voltadas a interesses individuais, gerando a intolerância, a incapacidade de renúncia e doação ao outro, ou seja, de solidão, apatia, e desencantamento, ou poderá impulsionar o despertar de um mecanismo que por vezes entra no automático e que cega ao mundo e as coisas a sua volta mais essências à vida – o agir criativo que pensa na coletividade.

E vejam como é problemático para os jovens, quando são abandonados à própria sorte nessa realidade cultural, em que o adulto cuidador e educador não tem tempo e nem olhos para eles, colocando-os em moratória, num lugar de *outsiders*, já que não são nem crianças e nem adultos.

E ainda mais, quando só encontram no olhar desse adulto um ar de descrença e de desilusão, pedindo para que esperem um pouco, porque é para o seu bem. E ainda ficam cegos a todos os adolescentes a sua volta, se só conseguem olhar com inveja dessa “feliz-idade”, que na realidade escancara as duas vertentes do drama pessoal e cultural, impondo uma condição, que poderá ser satisfatória ou não!

Portanto, do nosso ponto de vista, a errância dos jovens nas andanças e experiências vividas, difere da errância dos adultos em certa medida, porque de modo geral, eles não estão tendo sequer a oportunidade de se constituir com o sentimento de confiança experimentada por um período suficientemente longo, cumprida por aqueles que cuidam da criança na fase de desenvolvimento, antes que sejam colocados em contacto com os elementos

da herança cultural, de modo apropriado, de acordo com a capacidade em cada idade emocional e fase do desenvolvimento (Winnicott, 1975).

Na pior das hipóteses, os adolescentes fragilizados e inseguros de si e do mundo, bloqueados na sua capacidade inata criativa para poder experimentar um lugar ao sol, ficam apáticos e isolados do mundo. Nesses casos, não encontraram no ambiente familiar ou substitutos parentais, o suporte necessário para que possam acreditar em si mesmos e no projeto futuro. Para tal, eles precisam encontrar nos pais ou num adulto, alguém que invista e se responsabilize por eles (adolescentes), dando-lhes o suporte necessário para que adquira a independência satisfatória do outro. Assim sendo, obtendo a provisão ambiental, podem se arriscar e com a disponibilidade de mudar de lugar a qualquer momento, capacitando-se a assumir uma posição independente,⁵ nem que seja a duras penas e enfrentando as vicissitudes da vida, o que não é nada fácil!

Freire (2006), entrevistado por Marta Rezende Cardoso diz:

O adolescente começa a imaginar o futuro como um horizonte no qual os ideais dos pais são apenas uma entre muitas outras formas de realização possível. É importante, portanto, que eles tenham à disposição um acervo de experiências históricas que os ajudem a seguir em frente com segurança, mesmo quando aspiram a mudar as visões de mundo e os padrões de conduta dominantes (Freire, 2006, p.17).

⁵ A independência que se fala, nunca se dá de forma total, sempre somos, de certo modo, dependentes do outro.

E podemos indagar qual futuro reserva a cultura atual aos adolescentes, numa sociedade cada vez mais incerta e sem as garantias em longo prazo, que coloca o homem contemporâneo numa outra modalidade de relacionamento com o outro.

E mesmo ao adulto, o quê dizer daqueles que supostamente se enquadram ao estatuto de adulto, mas que se encontram incapacitados em sua função de transmissão com dificuldade de manejar a sua própria vida? Àqueles indivíduos cujo tempo é prioritariamente dedicado ao projeto individual, sobrando pouco para o encontro com o outro, hoje, substituídos pela relação com objetos (computador, papéis do trabalho, livros, jogos eletrônicos etc.) num modo de existência autista, que subtrai a presença do outro.

Mesmo que inevitavelmente, sejamos levados, algumas vezes a ter uma percepção sombria quanto ao presente e ao futuro, devemos ter o cuidado de combater o engodo maniqueísta, apesar de nos reservar o direito da perplexidade diante de tantas mudanças. Contudo, temos a convicção na capacidade criadora do homem de encontrar outras formas de viver na busca de felicidade.

Sennett (2005) como vimos no capítulo anterior, descreveu as formas rígidas de burocracias e os males da rotina cega do mundo do trabalho. Hoje a nova lógica flexível dos objetivos, a curto prazo, mudam o significado do trabalho como uma possibilidade de carreira, para algo instável, imprevisível, altamente competitivo e que exige um alto nível de qualificação e disponibilidade para mudanças.

As conseqüências dessas mudanças, diz Bauman (2004) e das intensas transformações sociais nas diversas esferas, exercem sobre a mente humana um movimento de fragmentação e de outra organização têmporo-espacial e relacional, gerando níveis de insegurança sempre maiores.

E, segundo Costa (2004), estamos diante de um remanejamento profundo e perturbador na esfera dos valores que trazem uma angústia de destradicionalização ou temor de perda de valores. Entretanto, sabemos que é a tradição ao iluminar o futuro com as luzes do passado permite às novas gerações ingressarem no mundo com a confiança dos que pisam em terreno conhecido.

E como diz Cardoso, a exigência de abertura ao novo é inevitável – temida e ao mesmo tempo desejada – o quê configura a própria essência da desorientação da adolescência e, é também, de certa forma, onde a própria cultura contemporânea encontra-se imersa (2004, p. 22).

E, nesse sentido do aspecto indesejável e sombrio dos tempos atuais, especialmente o jovem, que está em crescimento emocional e engajado em sua própria experiência rumo ao projeto futuro, num “querer ser”, indo na busca de “ser alguém” reconhecido como adulto, se depara ao mesmo tempo com um “não querer ser” adulto, já que só encontra no olhar dos mais velhos a nostalgia do passado e a insatisfação e inadequação com o projeto infundável e a sua impossibilidade de satisfação plena.

Em síntese, de acordo com Bauman, há na atualidade a excentricidade de expectativas, que sempre mudam; a inconstância das

normas que continuam se alterando antes de o jogo terminar; há a cacofonia das vozes em que é difícil determinar o motivo dominante; traz desafios à compreensão. Todas as tentativas a “saber como prosseguir” são produtos das faculdades humanas, demasiado humanas (Bauman, 1998, p. 220).

Portanto, finalizando a condição do que é o mundo hoje, a fragmentação dos saberes, das instituições “desinstitucionalizadas”, o processo penoso de subjetivação, que se desenrola em diversos modos, na vida social contemporânea, é o terreno fértil que permite possibilidades múltiplas, mas é também a realidade que pode fabricar tanto heróis como vítimas (Bauman, 1998, p. 106).

A Contemporaneidade é o cenário em que podemos ver diversas possibilidades de existência e de organização psíquica, que determinam as pluralidades de modos subjetivos e o direito de se encontrar desde o seu estar no mundo.

3.2 Contemporaneidade: abertura e risco. Destino: criatividade ou repetição (À guisa de conclusão)

“Um homem livre pensa em tudo menos na morte, e sua sabedoria é uma meditação não sobre a morte, mas sobre a vida.”

Baruch Spinoza, *Ética*

A articulação do pensamento psicanalítico – ao analisar o interjogo sujeito e cultura – vê o quanto as crenças e os ideais sociais modelam o imaginário social e estão diretamente entrelaçados aos aspectos das crenças e valores tanto individual e familiar, quanto social.

O aspecto da transitoriedade, de viver mudanças constantes, o risco de inovar e a instabilidade do homem contemporâneo, vale lembrar, tem um denominador comum com o indesejável modelo do sujeito adolescente inseguro sobre o futuro e a deriva.

E a adolescência é um fenômeno, ou melhor, dizendo, uma condição social, um lugar do indivíduo no mundo, que teve sua origem e expressão significadas pela sociedade, através dos grupos adolescentes em

reação com o social, num tempo em que o discurso moderno inaugurou o valor no indivíduo.

Dumont (1997) diz que a cultura moderna é que constrói a identidade a partir da idéia, que somos indivíduos. O universo moderno dá ênfase à identidade pessoal, não mais amparava simbolicamente pelas organizações institucionais, que davam o sentimento de identidade já pronta, acabada e imutável.

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada - que ditava o que era a felicidade e a verdade - que não convencia mais. Prometia uma identidade que condizia com o projeto futuro do indivíduo passível de alcançar num ponto longínquo, com final feliz; a sua felicidade e a sua verdade. Mas, não se deu assim. Não tornou a identidade do homem moderno, construída e pronta em algum lugar no futuro. Não tornou a identidade em algum lugar, sólida e imutável. A identidade passou a não mais se constituir pela atribuição e sim pela realização contínua, individual e de responsabilidade do indivíduo (Bauman, 1998).

Encontramos no pensamento (autor desconhecido), que vem sendo veiculado na internet como “mensagens” (1.360 *sites*) com vários arranjos e títulos diferentes sobre a felicidade. Esse pensamento nos chamou a atenção por ilustrar um sentimento que é muito comum hoje e que parece mais um desabafo e uma confissão de uma identidade íntima, pessoal e cultural. A citação desse autor desconhecido se assemelha ao que expressa magnificamente Freud (1930/1995d, p. 108) quando disse: “A felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo”.

Se tudo na vida é relativo, relativa também é a idéia, que cada um faz da felicidade. Para uns, felicidade é dinheiro no bolso, cerveja na geladeira, roupa nova no armário... Para outros a felicidade representa o sucesso, a carreira brilhante, o simples fato de se achar importante, (ainda que na verdade as coisas não sejam assim)... Para outros tantos, ser feliz é conhecer o mundo, ter um conhecimento profundo, das coisas da terra e do ar... Mas para mim, ser feliz é diferente...ser feliz é ser gente, é ter vida, que como dizia o poeta: “é bonita, é bonita e é bonita”...Felicidade é a família reunida, é viver sem chegada, sem partida, é sonhar, é chorar, é sorrir...Felicidade é viver cercado de amor...(...). Ser feliz é enxergar o outro (E sabe lá quantos outros que cruzam nossa estrada)...Ser feliz é fazer da vida uma grande aventura, a maior loucura, um enorme prazer.” (Autor desconhecido).

Esse testemunho parece ser uma exacerbada consciência de identidade que Erikson chamou em 1968 de: “postura relativista” da juventude de hoje. Ele já dizia que a adolescência é uma fase em que o indivíduo está muito mais próximo do dia histórico do que das fases mais primitivas do desenvolvimento infantil. E, para ele, o próprio problema de identidade transforma-se com o período histórico. E no tocante a moratória psicossocial, os adolescentes certamente, não têm pressa, gastam seu tempo furiosamente, até estarem certos de querer ou não a identidade que lhes é oferecida num mundo conformista (Erikson, 1976).

Então, voltando ao nosso objeto de estudo, de acordo com Cadoret (2003), pensamos que com a nova moral do individualismo, em que os indivíduos se encontravam artífices de si mesmo, e num exercício de reapropriação de lugar, os atores sociais que passaram a chamar mais atenção da sociedade, são os adolescentes, porque em suas peculiaridades e características de mudanças físicas e psicossociais, espelham espantosamente, um modo de ser volátil, ambivalente, contraditório e instável do indivíduo da sociedade moderna contemporânea.

A citação da estória infantil “Alice no País das Maravilhas”, escrita em 1865, retrata tão bem essa instantaneidade do mundo atual:

Ai, meu Deus! Está tudo tão esquisito hoje! E ontem estava tudo tão normal. Será que mudei durante a noite? Deixe ver: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase jurando que me sentia um pouquinho diferente. Mas, se não sou a mesma, então que é que sou? Ah, aí é que está o problema! (Carroll, 2002).

Esse indivíduo contemporâneo que busca “se fazer” e saber sobre si e sobre o mundo na realização de um projeto, “rompeu”⁶ com o já estabelecido, mas vive, contraditoriamente, oscilando na dependência da ciência e do saber com posições totalitárias, que bem ou mal, apaziguam o sentimento de

⁶ As aspas são um artifício intencional, para dizer que a ruptura não significa apartar com a tradição e com o passado radicalmente, e sim tê-la na memória como uma herança que nos é útil para desconstruí-la e reconstruí-la através da ação viva e criativa.

desamparo ao prometer a solução para os avatares humanos, embora, com uma inevitável sensação de enganação e mal-estar, às custas de dúvidas incontornáveis.

Freud (1930/1995d) já nos ensinou isso, em seu escrito *O Mal-Estar na Civilização*, ele diz:

Já é tempo de voltarmos a nossa atenção para a natureza dessa civilização, sobre cujo valor, como veículo de felicidade, foi lançado dúvidas. (...) através da ciência e da tecnologia, (...) com o intuito de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os relacionamentos mútuos (...) o homem fez surgir na Terra o princípio onde cada indivíduo de sua espécie deve, mais uma vez, fazer sua entrada (Ó polegada da natureza) como se fosse um recém-nascido desamparado – essas coisas não apenas soam como um conto de fadas, mas também constituem uma realização efetiva de todos – ou quase todos – os desejos de contos de fadas. (...). Há um tempo atrás, ele formou uma concepção ideal de onipotência e onisciência que corporificou em seus deuses. (...) estes deuses constituíam ideais culturais (...). Hoje, ele se aproximou bastante da consecução desse ideal, ele próprio quase se tornou um deus. (...) O homem por assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de prótese”. (...). Quando faz uso de todos os seus órgãos auxiliares, é verdadeiramente magnífico esses órgãos (...) as vezes lhe causam muitas dificuldades. (...). o

homem não se sente feliz em seu papel de semelhante a Deus (Freud, 1930/1995d, pp. 108-109 e 111-112).

Na atualidade, os diversos cientistas, pesquisadores e profissionais, por exemplo, os da área de saúde (médicos e psiquiatras) – dos mais conservadores aos inovadores – em suas múltiplas correntes e especialidades, encontram-se num estado de pane epistemológica e de instabilidade frente a seus parâmetros e critérios de análises e de diagnósticos para as intervenções terapêuticas, antes não vividas pelos seus antepassados.

Winnicott (1999), como médico, psiquiatra e pediatra, criticou ao perceber erros flagrantes nas atitudes médicas, quando a cura, no sentido do tratamento, da bem-sucedida erradicação da doença e sua causa, que segundo ele, sobrepunha ao cuidado. E ele diz o seguinte:

Em termos da doença social, o “cuidar-curar” pode ser mais importante para o mundo do que a “cura-tratamento” e do que todo diagnóstico e prevenção que acompanham aquilo que geralmente se denomina abordagem científica” (Winnicott, 1999a, p. 113).

Freud já dizia que o conhecimento científico nos ensinou muito e ainda vai nos ensinar mais. Para ele os homens terão de admitir para si

mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo, é verdade que essa não é uma situação fácil e sim muito incômoda e penosa. É a condição de uma criança que abandonou a casa paterna, onde se achava tão bem instalada e tão confortável. Ele chama isso de um infantilismo destinado a ser superado, ou uma “educação para a realidade” (Freud, 1930/1995b, pp. 63-64). E Sigmund Freud num discurso proferido em Viena, em 1926, disse o seguinte:

Porque era judeu, encontrei-me livre de muitos preconceitos que me restringiam, em outros, o uso do intelecto; e como judeu, estava preparado para aderir à Oposição e dispensar qualquer acordo com a maioria compacta (Freud).

Voltemos então agora a uma análise desse homem da atualidade, com o olhar focalizado novamente nas duas vertentes e que destina o homem a essa posição subjetiva em transição permanente, o “entre” dois, em travessia contínua de um lugar a outro.

O testemunho da adolescência nos serviu como o modelo ou como o ponto central da nossa perspectiva sobre a condição do sujeito na Contemporaneidade. E isso significa dizer que a adolescência como foi tomada nesse estudo é o testemunho do espaço potencial (Winnicott, 1975), do lúdico, da brincadeira, da experiência cultural que é a própria saúde e as múltiplas possibilidades do existir criativo. Embora saibamos que existam múltiplas

possibilidades do desenrolar de posições subjetivas, que o indivíduo poderá se encontrar.

Uma delas satisfatória, na vertente satisfatória, de abertura, e como tal, faz resistência a qualquer imposição autoritária, por exemplo, a imposição do ditador tirano de algumas organizações sociais. Nessa vertente o indivíduo tem sede de ser autor de seu projeto e, para isso, ele se arrisca à inovação, à criação, mas com um sentimento de continuidade de existência.

E a outra vertente a sombria, que define uma posição de submissão que desembocará na apatia, na imobilidade, desorientação, sentimento de falsidade e de desilusão, arruinando a própria existência.

Na perspectiva satisfatória, se reconhece o mal-estar inerente a condição humana, que se potencializou na Modernidade, ao colocar uma tarefa ao indivíduo para agir sobre o conhecimento de si e do mundo com responsabilidade, mas “livre”,⁷ que na pior das hipóteses, poderá levar a um destino crítico, paralisando-o e imobilizando-o, no sentido psicopatológico do termo. E nessa perspectiva, reconhece-se uma condição de liberdade, um fator angustiante, porém, ao mesmo tempo favorável e enriquecedor da criatividade e da flexibilidade para inovar e reinventar-se. É o que cita Bauman (1998, p. 93), sobre a memorável frase de Hannah Arendt: “A autonomia do homem transformou-se na tirania das possibilidades”.

⁷ Lacan em sua conferência de Louvain, em 1972, diz que nunca fala de liberdade (...), e que na maioria das vezes, associa o termo ao termo loucura para significar que o ser do homem só pode ser compreendido “porque carrega consigo a loucura como limite de sua liberdade”. Defende igualmente que a liberdade do homem é uma ilusão, um fantasma, uma “horrível liberdade”, mas a associa ao desejo, à morte e à Revolução. (Derrida, 2004, p. 65).

Como ilustrativo de uma confusão mental dos adolescentes o pensamento dessa adolescente, que expressa tão bem o modo subjetivo do homem contemporâneo. Ela diz:

Eu já tenho 16 anos, e ainda não consegui me encontrar... Há dias em que paro, penso e reflito para descobrir quem eu sou e como sou. De certa forma, não consegui me descobrir totalmente. Será que sou diferente? Passam tantas coisas pela minha cabeça, tantos sonhos, tantas ilusões e desilusões que nem eu mesma sei como decifrar ou realizar tudo. Talvez assim eu seja uma sonhadora ou algo parecido. Daí, eu me pergunto o que há e quem há dentro de mim. Não sei bem quem eu sou de verdade. Ajo de tantas formas que não sei uma definida para citar e confirmar que esta é a certa. Talvez por eu ser adolescente esteja acontecendo isso comigo... Mas será se é mesmo só comigo? Desde então eu me pergunto também até quando serei assim, e se no futuro, do qual eu tenho muito medo devido às interrogações que ainda pairam sobre minha cabeça, sem resposta alguma, continuarei agindo e pensando desta forma. No decorrer do tempo, quem sabe, estas respostas venham naturalmente e assim poderei me definir e descobrir quem realmente sou... (Pensamento de uma jovem desconhecida).

Tudo nos leva a crer que o modo de indefinição, de incertezas e da dita crise psíquica e identitária, costumeiramente relacionada ao adolescente,

não define somente essa faixa etária, mas também, o modo de ser do homem contemporâneo nos últimos tempos. Embora saibamos, de acordo com a perspectiva que adotamos, ao apreender a adolescência como paradigma do sujeito moderno, que o problema da constituição identitária na Modernidade e mais especificamente na Contemporaneidade, é o problema de lugar, função e transmissão intergeracional (Cadoret, 2003).

O “tribalismo” de Maffesoli (2006) ao nosso ver, é a solidão, a ausência de contornos afetivos e de bagagem adquirida da transmissão intergeracional, que leva as pessoas a buscarem sentimentos de pertença nas tribos ou grupos de pessoas, que se juntam por interesses ou características comuns, mas na superficialidade, sem vínculos estreitos entre eles.

O pensamento acima, da adolescente desconhecida, se assemelha ao que J. D. Salinger (1999), escreveu pós-segunda guerra (1945) em: “*The Catcher in the Rye*”⁸ (O Apanhador no Campo de Centeio).

Esse romance trata das inquietações de um adolescente chamado Holden, que se via a deriva e em busca de se sentir que a vida valia a pena de ser vivida, de modo que procurava nas coisas a sua volta, o sentido e a razão para se sentir em continuidade com a existência, tentando encontrar sentido à vida.

Esse jovem (Holden) era de família abastada estudava em um bom colégio tradicional interno e tinha uma sensibilidade e uma acuidade profunda da realidade a sua volta. Holden tinha um olhar crítico sobre o teatro

⁸ Poema de Robert Burns, que diz de um campo de centeio, onde uma porção de garotinhos está correndo sem saber onde estão indo, mas lá se encontra um adulto que têm a função de apanhar àqueles que estão à beira de desabar no precipício.

quotidiano, as guerras, os papéis, posições e lugares que os adultos ocupam, ou mesmo colegas e seu irmão mais velho que já estava fixado numa profissão. Nada para ele faz sentido. Um bom trabalho, para ele aliena e escraviza, um bom colégio não significa que transforma ninguém mais do que qualquer colégio, as porcarias de festas, as mulheres etc.

Os pais, só aparecem nesse romance para cumprir com as obrigações estritamente de prover a educação, naquilo em que eles acreditam ser o melhor para os seus filhos, ou seja, um bom estudo, o suprimento das coisas materiais etc. A presença afetiva e de proximidade com Holden, de diálogo (alguém que escuta seus anseios), não aparece, exceto com sua irmãzinha Phoebe. Ela era a única pessoa que lhe dava alguma sustentação e sentido na vida. Em uma conversa com ela, Holden disse que não queria ser advogado como seu pai e outros, que ganha um dinheirão, joga golfe, compra carros, bebe martinis e tem pinta de bacana, que salva vidas de pessoas, mas quem garante que os advogados querem mesmo salvar a vida de pessoas ou estão fazendo esse troço porque quer ser um bom advogado para ganhar o retorno esperado, os parabéns no tribunal, quando vence uma causa e aparece no filme, com repórteres e tudo... Como vai saber se o cara é na verdade um cretino...

Para ele nada disso faz sentido... A única coisa que Holden queria ser na vida era ser alguém que agarra todo mundo que vai cair no abismo. E ele diz: “Eu fico na beirada do precipício maluco e agarro os garotos que iam cair... Se um deles começar a correr sem olhar onde está indo, eu tenho que aparecer de algum canto e agarrar o garoto!”.

E em seguida Holden escuta a irmãzinha dizer que o pai deles ia ficar muito bravo com essa idéia maluca e ia matá-lo se ouvisse isso. Holden diz que tá pouco ligando se ele o matar...

Vejam através desse romance, que no período pós-segunda guerra, na sociedade moderna, a juventude já era pensada por sua capacidade de ver as aparências de uma suposta solidez e continuidade da cena social, ou seja, o indivíduo vivia uma volúvel escolha individual dos papéis, da profissão etc., que no contexto social pós-moderno, deixou de ser vista por um mero inconveniente temporário. E Bauman diz:

Os projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora, e os esforços de constituição da identidade individual, não podem retificar as consequências do "desencaixe" de ter o eu flutuante e à deriva" (Bauman, 1997, p. 32).

Esse romance nos remete a reflexões sobre a Atualidade, em relação aos modos de constituição subjetiva que vem produzindo outras formas de vínculos e inserção social. A sociedade atual, segundo Debieux Rosa (2002), predomina a busca do triunfo do "Eu", e vem construindo sujeitos como se pudesse prescindir do investimento do outro, ou seja, o individualismo ofusca e impossibilita a transmissão que garanta um suporte identificatório e um lugar social que permita um reconhecimento como membro do grupo social.

Hoje o corpo se tornou o objeto privilegiado não como o meio da relação com o mundo, mas o fim mesmo, e um meio de se fazer e encontrar um lugar como suporte de um sentimento de continuidade de ser.

Segundo Le Breton, (2003), o homem dispõe do mesmo corpo e dos mesmos recursos físicos do homem neolítico e o que mudou foi à relação com o mundo. Antes, a relação do homem com o mundo era uma relação “pelo corpo” em suas capacidades motoras e de resistência, e hoje, se vê “no corpo” o instrumento fundamental usado para mediar a relação com o mundo.

Isso significa dizer, que, antes a dignidade ontológica estava na tradição, na alma, nos sentimentos e nos atos públicos e coletivos. E que hoje, a existência e a organização do indivíduo se dá nele mesmo, só e desamparado no corpo esmiuçado, submetido à estética da presença, como artifício e meio de se fazer ver e poder encontrar um sentido de identidade encarnada, mesmo que fugaz, mas que traz um mínimo, que seja, de sentimento de existência. Le Breton diz o seguinte:

O corpo na contemporaneidade, para numerosos sujeitos, tende a tornar-se uma matéria-prima, um acessório da presença, um lugar de encenação, um objeto separado de si, mas especificamente investido de ser substituto de si próprio. Se antes o corpo encarnava o destino da pessoa, a sua identidade intangível, hoje, é uma proposição a afinar e a restaurar permanentemente (Le Breton, 2004, p. 67).

Ora, as transformações históricas dos discursos dos homens e o enfraquecimento da tradição e das crenças indubitáveis respaldadas pela ciência, segundo Stuart Hall (1997), causaram mudanças significativas aos processos de identificação do homem moderno.

As identificações para a psicanálise são vias na qual o sujeito se constitui. E sendo assim, e de acordo com Le Breton (2004), as identificações e os movimentos identificatórios, predominantes na Contemporaneidade, não se dão mais pela tradição e pelos referenciais simbólicos, mas pelo corpo do indivíduo.

Em nossa hipótese, respaldados pelo conceito do individualismo de Dumont (1997) e de acordo com o que diz Le Breton (2004), o processo identificatório nos últimos tempos se dá na materialidade corpórea e na capacidade do indivíduo se fazer visível, aceitável e reconhecido, pela imagem que esse corpo reflete, em busca de identificações, para obter um sentimento de pertencimento, dentro das escalas de ideais e de valores de nossa cultura capitalista ocidental. Ou até mesmo, se busca o sentimento de pertença fora do ideal esperado, como já foi dito, dos agrupamentos em tribos de grupos identitários diversos, dos estigmatizados e excluídos (Mafessoli, 2006), como do exemplo do filme de *Art Linson*: “O Clube da Luta”.

E neste sentido, podemos dizer que o lado obscuro do mundo contemporâneo, diante das grandes transformações nas diversas esferas da cultura ocidental, tanto nas organizações familiares, como das instituições disciplinares político-econômicas, deslocadas e abaladas em suas bases, na

moral individualista, fabrica pessoas com pouca disposição de renúncia ao outro, já que o interesse é no projeto individual.

Pode-se dizer que a provisão ambiental da instituição – família – com configurações diversas nesse contexto social, muitas vezes, falha em sua função organizadora do processo de constituição subjetiva das crianças e dos adolescentes. E essas são características de nossa sociedade individualista com a lógica do capital e do poder econômico, que já ressoava suas fraturas e falhas há décadas, como o exemplo do romance de Salinger, escrito em 1945.

Os pais, hoje em dia, mais que nunca, se encontram desautorizados e incapazes de assumir a tarefa de cuidar, de “tomar conta” e educar seus filhos. O exemplo a seguir utilizado por Erikson mostra a disposição de Sócrates de amparar e segurar os jovens. Podemos dizer, que esses jovens buscavam um “Apanhador no campo de centeio” em que confiassem e, com a sua presença, teriam a proteção e o suporte de que necessitavam para ir em frente, seguros para não cair nos precipícios e de que não estariam nas mãos de cretinos, que agem apenas por interesse em seu projeto individual.

Sócrates, o filósofo, decidiu tomar à cicuta e morrer ao ter que calar e voltar atrás com suas idéias, considerando a morte a única cura para a condição de existir em coerência com o que pensa, com as suas ações e sentimentos. E fez isso não apenas por si mesmo, mas talvez pela disposição a renunciar em favor de seus discípulos a quem estava vinculado e exercendo uma função de cuidado, de interlocutor, que servia como uma referência, um “tomar conta” daqueles que estavam ávidos por aprender o jogo da vida com aquele a quem podiam acreditar e confiar Erikson (1976).

Ou seja, as falhas das instituições em sua função de transmissão; o adulto em sua função de “tomar conta” quando se abstrai ou se desimplica da sua responsabilidade de cuidar, servir de modelo e de referência confiável aos que estão em crescimento emocional rumo à maturidade, deixam os jovens com um sentimento e uma sensação de estar à deriva e sem a segurança e a confiança para fazer as escolhas do melhor caminho para correr no “campo de centeio”, ou seja, na estrada da vida.

E isso pode gerar a falta do sentimento de confiança nos indivíduos, em si mesmo e no mundo e a incapacidade de sentir que a vida vale a pena ser vivida. Quando, ao contrário disso, do lado positivo, se o ambiente dá o suporte necessário, impulsiona o indivíduo a inovar e ao ato criativo.

Abordando a perspectiva do destino sombrio, reconhecemos que a própria dinâmica das sociedades capitalistas e do discurso tecno-científico, poderá causar danos na vida dos indivíduos. A indústria da moral do mercado e da ciência, oferta um cardápio de “mal-estares”, antecipa o fracasso e a certeza evitada, de que neste mundo de milhões de dólares, sobra pouco tempo para o investimento na família e para um ambiente afetivo satisfatório e facilitador do processo de subjetivação daqueles que estão em crescimento e amadurecimento emocional e até mesmo dos que já se encontram maduros e independentes.

Ou seja, o adolescente na Contemporaneidade, em sua peculiaridade na busca de um novo lugar social, e de reconhecimento, encontra um “não reconhecimento” e uma “moratória”, que os deixam frágeis e

confusos, e em situação de risco frente à suspensão imposta, que não o autoriza a ingressar neste novo mundo (Calligaris, 2000).

E essa condição de ainda “não prontos” de ser, a cada instante, um indivíduo que se aventura num mundo desconhecido, é a própria condição do sujeito contemporâneo que parece estar colocando em “moratória” também os adultos, que estão tendo dificuldades de alcançar o ideal que se espera deles na moral do mercado capitalista.

O adolescente em crescimento emocional, quando faz oposição à idealização cultural totalizante, num movimento contra-cultura, funciona como uma resistência a esse ideal social que escancara as dificuldades e sofrimento dos adultos em sua condição de busca de sucesso econômico.

A resistência segundo Caniato e Cesnik (2005) em seu artigo: “Adolescência e resistência” se processa como reafirmação da vida, nessa realidade de condições adversas de existência, com profundas mudanças, que implicam na reorganização no tempo e no espaço em circunstâncias de incertezas.

Segundo Caniato e Cesnik (2005) o atributo básico do homem é a possibilidade de perpetrar e criar novos caminhos e alternativas que privilegiem a busca de felicidade, a diminuição do sofrimento e a dignidade reservada ao homem.

Essa autora ao falar da adolescência, tem como objetivo caracterizar algumas maneiras encontradas pelos adolescentes para marcar outras formas de viver que estejam associadas à produção e à manutenção de sua

singularidade, e diz de suas tentativas de sobreviver e não se conformar à imposição de formas de inserção social autoritárias. Ou seja, encontramos no ângulo de visão dessa autora os argumentos que nos ajudaram a fundamentar as idéias que quisemos defender neste trabalho.

Estamos de acordo com o olhar e com a perspectiva positiva de Ângela Caniato e Cláudia Cesnik (2005), que entendem as dificuldades, as contradições e paradoxos insolúveis da experiência humana e vê na adolescência uma resistência e uma necessidade de reagir, defender-se, conservar-se, substituir e sobreviver a condições adversas, mesmo que colocando sua própria vida em risco, mas possibilitando também produzir algo novo, mostrando que é possível viver sob a regência de outros valores, que faz mais sentido a cada um e que não segue cegamente ao que é pregado e imposto pelo discurso autoritário vigente.

E, cada vez mais, certificamos de acordo com o pensamento de alguns autores pós-freudianos como Penot (1995) e Cadoret (2003), que os impasses da adolescência são tipicamente a revelação dos dois lados da moeda: da abertura e criatividade e dos impasses do sujeito contemporâneo nos moldes das relações sociais do individualismo (Dumont, 1997), que acentua e agrava o problema da incapacidade do sentimento de confiança (Winnicott, 1975).

Os jovens contemporâneos estão cada vez mais se deparando com dificuldades de encontrar sinais que os permitam sair desta condição a deriva, para serem reconhecidos e aceitos como pares e pertencentes ao estatuto dos adultos em nossa sociedade.

Propomos com esse estudo, possibilitar reflexões e contribuir para pensar a pertinência da psicanálise como uma ferramenta prática, clínica e empírica, que sendo dinâmica e metáfora viva, permite novas formulações que justifiquem a sua atualidade frente às mutações e diversos modos e configurações de sofrimento psíquico do sujeito, seja criança, adolescente e/ou adulto ao longo da história.

Os modos como se apresenta o sofrimento psíquico na Contemporaneidade, as queixas dos pacientes que chegam aos nossos consultórios, cada vez mais, nos mostram uma espécie de descrença de incapacidade de construir sentidos à vida. Esses novos modos de sofrimento e de subjetivação, não correspondem mais aos conflitos das históricas do tempo de Freud.

Por essa razão, buscamos a contribuição de Winnicott para a nossa prática no exercício da clínica psicanalítica. Winnicott, por ter sido marcado por uma clínica pediátrica, trouxe-lhe a condição de lançar um olhar original sobre as relações primárias entre o bebê e o meio ambiente. As suas idéias sobre a criatividade, limite e espaço, o psicossomático e o redimensionamento sobre a sexualidade e da morte na economia psíquica, são algumas das suas contribuições mais originais.

Entretanto, se faz importante esclarecer novamente que não é a nossa intenção neste estudo, tratar dos impasses metapsicológicos e tomar uma posição de defensores da causa psicanalítica, nem como continuadores e fiéis discípulos de Freud. Nem mesmo, como seguidores de teóricos que ampliaram o pensamento da Psicanálise. Não temos a intenção de ocupar uma

posição dos ditos “ianos” (ex: freudianos, kleinianos, lacanianos, Winnicottianos), no sentido de serem irreduzíveis repetidores fiéis, de alguns desses teóricos. Achamos que um não invalida o outro, pode somar e facilitar a nossa apreensão das plurais organizações psíquicas.

A adolescência – paradigma do sujeito moderno – em seu testemunho da problemática de lugar e função na cena social indica que na desestabilização do nosso teatro cotidiano, que se situa “entre” dois e está sempre se reorganizando num contraditório movimento de “vaivém”, é o momento privilegiado da história da Humanidade, apesar de ser ambíguo e difícil potencializando os dois pólos e as duas vertentes que tratamos no decorrer do trabalho.

Hoje vivemos tanto a democratização do pensamento e a liberdade da experiência de si e do mundo que possibilita outras formas de viver, sem apagar a memória do passado. Essa é uma forma de independência (sair de casa e arriscar o novo) e, do contrário, quando há a insistência do retorno ao autoritarismo, significa forças que manejam a dependência (daqueles inseguros que querem estar novamente protegido em casa).

Duas facetas simultâneas que podem levar a dois destinos do existir: a imaturidade (dependência e a submissão paralisante) e a maturidade (independência e abertura que autoriza o indivíduo), que impulsiona à criatividade.

A adolescência ancorada na percepção tradicional, como um fenômeno individual, universal e transitório, não garante que passará (Calligaris, 2000).

Isso porque o que se chama de subjetividade adulta (como outra fase da vida), constitui uma experiência permeável, que poderá conter todos os símbolos de autonomia e de independência do outro, mas na realidade não corresponde com a posição subjetiva da maturidade. E se quisermos identificar o traço predominante da personalidade do sujeito para situarmos parcialmente a posição subjetiva em relação à dependência e à independência do objeto, só será possível essa análise, como tal, caso a caso, na singularidade, em cada contexto, já que sabemos da impossibilidade de definir qualquer fenômeno humano, de forma universal e totalizante.

A adolescência vista de uma outra perspectiva no ocidente e de acordo com Cadoret (2003), não é unicamente uma fase singular e sim uma condição social, ou seja, podemos ver a adolescência como um espelho da mais democrática relação dos indivíduos e em interconexão direta com as várias dimensões da sociedade moderna contemporânea. E isso pressupõe também, considerar forças contrárias de posições que necessitam do poder autoritário em seus eixos de sustentação imutáveis, que amenizam e apaziguam a instabilidade, a transitoriedade, a ambigüidade, a ambivalência, a contradição etc.

Portanto, recapitulando o que dissemos no início, a adolescência como testemunho da condição social é ao mesmo tempo, individual e social,

particular e geral, pulsional e cultural, atual e histórico, da transmissão e da criatividade.

E o recente termo e conceituação da adolescência prolongada, “adulescência”, pode ser vista como uma forma progressiva da experiência do indivíduo que reage a imposições rígidas e absolutas do saber e de inserção social autoritárias; o grito de liberdade em prol da manutenção de sua singularidade e tentativas de sobreviver e não se conformar com o que dita o discurso hegemônico. Ou então, o ato de rebeldia e transgressão, poderá funcionar como um acerto de “contas agressivo” com os pais, (Cintra, 2006, p. 58), um pedido de socorro, um S.O.S (Winnicott, 1999a), dirigido à família que não está atenta às suas necessidades.

Vejam o que nos remete o filme de Bernardo Bertolucci (2004) “Os sonhadores”. Os jovens rebelavam-se, porque além de ter a peculiaridade de ser animado de um grande espírito reformador, acreditavam e apostavam no futuro, já que existia um ideal em que acreditavam e um longo futuro pela frente. Além de ter a acuidade e a sensibilidade de captar as dificuldades da sociedade, plena de falsas soluções, desvelando um quadro social instável, que dita receitas totalitárias para os avatares humanos. Na década de 60, a confiança no futuro estava sempre presente e se disseminava por toda parte.

No filme “Os sonhadores” as barricadas de maio de 1968, nas ruas de Paris e das capitais de todo mundo, ecoavam com os gritos dos jovens “é proibido proibir”! Foi nesse contexto histórico que ocorreu a revolução da juventude.

Nesse cenário festivo, regado de alegria, a confiança no futuro estava sempre a se disseminar por toda a parte. A ruptura com a dependência infantil e busca frenética pela aventura, enfim, impulsionava a cultura do risco e da rebeldia (Birman, 2006, p. 25).

Em contrapartida, o lado obscuro do poder do autoritarismo e das organizações ditatoriais, vão agindo a coerção que fabrica indivíduos massificados e submissos a uma adaptação seriada, ressentidos e desencantados em sua existência plastificada, análoga a uma parcela representativa da experiência daqueles sujeitos que se dobram aos poderes disciplinares, normativos e higiênicos na Contemporaneidade, que contraditoriamente, sentem inveja e têm medo da liberdade dos sujeitos criativos.

O homem vive a contradição, (Calligaris, 1999), já que se divide “entre” as lembranças do passado como algo bom que se perdeu, e o desejo do projeto futuro como algo que promete um ideal de uma realização pessoal plena, mas jamais alcançada. A ruptura com o passado, que caracteriza a Modernidade e a adolescência, não significa o rompimento e nem o esquecimento da herança da tradição.

Portanto, a Modernidade, do nosso ponto de vista, inaugurou uma existência do “entre” dois (Cadoret, 2003), e em metamorfose. Transição permanente, que poderá impulsionar a capacidade criadora do homem a se reinventar, quando esse se encontra integrado e com o sentimento de

unicidade de ser, já que a Modernidade possibilitou uma maneira de viver mais democrática, menos verticalizada, potencializando o agir espontâneo e genuíno (Winnicott, 1975).

Ou ao contrário disso, o desejo de mobilidade ascendente pode levar o indivíduo a uma submissão e a um processo de perda de sentimento de ser real e de achar que a vida vale a pena ser vivida, o que significa a ausência do viver criativo, uma condição de proteger-se através da armadura da burocracia (SENNET, 1999). Ou, pode-se dizer, por traz da ciência que encarnou a onipotência.

Winnicott diz que:

A submissão traz consigo um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida. Muitos indivíduos experimentam suficientemente o viver criativo para reconhecer, de maneira tantalizante, a forma não criativa pela qual estão vivendo, como se estivessem presos à criatividade de outrem, ou de uma máquina (Winnicott, 1975, p. 95).

Defendemos a capacidade criadora de corajosos como Freud, que se permitiu pensar e defender suas idéias a partir de sua prática clínica e de seus estudos, como também de Winnicott, corajoso e seguro o bastante para romper com o paradigma freudiano e ampliar o conhecimento da psicanálise.

Portanto, se de fato é útil saber que o sujeito da psicanálise é o sujeito do dia-a-dia da cultura, com efeito, poderemos chegar à compreensão que só a história nos permite decompor uma instituição em seus elementos constitutivos, uma vez que nos mostra esses elementos nascendo e se diversificando no tempo uns após os outros.

Essa perspectiva faz toda uma diferença na prática clínica, pois nos leva a interrogar nossa compreensão habitual das figuras psicopatológicas tradicionais, como também, nos permite olhar a adolescência em outra direção, diferente da visão tradicional, que levou muitos psicanalistas a pensarem na clínica para o sujeito adolescente.

Com essa visada, abordamos a clínica psicanalítica no cenário contemporâneo, com um desafio permanente e instigante dado à complexidade dos modos de subjetivação e das diferentes demandas e manifestações de sofrimento psíquico que surgem dia-a-dia nos nossos consultórios.

As formas de sofrimento psíquico hoje representam os verdadeiros impasses do saber psicanalítico, provocando uma espécie de pane epistemológica, que nos obriga a fazer trabalhar o pensamento freudiano, para encontrar aí alguma atualidade.

Dessa maneira e nessa perspectiva, se reconhecem as limitações do conhecimento e a impossibilidade de representar e descrever as operações psíquicas em sua totalidade de forma universalizante, permitindo redescrever a Psicanálise, cientes de que a teoria não é o espelho da realidade e sim configurações da realidade.

O pensamento de Winnicott muito nos inspirou e nos ajudou a pensar e a atuar numa clínica psicanalítica, onde o horizonte ético, diz da ampliação da normatividade e de uma clínica do cuidar, que possibilite ao indivíduo a capacidade de alargar os meios de se revelar e de se contar, redescobrimo ou descobrimo “o sentimento de que a vida vale a pena de ser vivida”.

Benilton Bezerra Jr. diz:

O que determinará o lugar da psicanálise no cenário social das próximas décadas será sua capacidade de atualizar aquilo que está na origem de sua clínica: a sustentação de um campo de prática que põe qualquer tipo de experiência humana sob o crivo da interrogação (Bezerra Junior, 2002, p. 238).

Nesse sentido, a contradição e o paradoxo da palavra e das narrativas são aceitas e não precisamos tentar resolvê-las. Faz parte do processo contínuo e permanente do agir e do estar no mundo em toda sua complexidade, que pressupõe uma condição de estar em transição e em trânsito, para outras descobertas e formas de narrar à realidade e as plurais modalidades subjetivas. E sendo assim, arriscamos chamar o mundo moderno de “mundo adolescente”, já que essa condição é tão bem caracterizada para ambos: o adolescente e o sujeito contemporâneo.

A imaturidade e a dependência poderão gerar um conflito e um sentimento de intensa angústia, que pode paralisá-los, deixando-os fora do jogo. Ou ao contrário disso, a maturidade e a independência, que se desenvolve a partir do suporte ambiental desde criança, pode possibilitar uma subjetividade, em que se permite viver os “fenômenos transicionais”, o agir criativo (Winnicott, 1975), com um sentimento de identidade (“Eu sou”), podendo contribuir à sociedade (“Eu faço”).

Em outras palavras, essa liberdade do agir genuíno pode ser lida de outra maneira a partir do que diz Costa (2002, p. 66):

Em síntese, ao agir podemos aceitar o jugo da moral hegemônica ou recusá-la. Em caso de recusa, é possível oscilar da ‘reação ressentida’ à ‘afirmação ativa’. Só o ressentimento tem a ver com a intenção transgressora, pois a atitude afirmativa busca outros desafios que não a transgressão. Sua finalidade é fazer do obstáculo, a resistência que estimula a criar novas coisas e sentidos do mundo. O agir ético, obviamente, não é um passeio através do arco-íris. O opositor é um outro com densidade própria a quem se tenta convencer e com quem, eventualmente, se luta e polemiza. Existe, contudo, grande diferença entre agir a favor de si e agir contra outros. O transgressor visa, de modo prioritário, a inverter, contrariar, negar ou desqualificar a moral alheia; o criador, a começar, dar início, inaugurar algo em cuja verdade, beleza, potência, relevância ou excelência ética acredita.

Segundo Winnicott “descobrimos que os indivíduos vivem criativamente e sentem que a vida merece ser vivida ou, então, sentem que não podem viver criativamente e têm dúvidas sobre o valor do viver”. Essa variável nos seres humanos afirma Winnicott, “está diretamente relacionada à qualidade e à quantidade das provisões ambientais no começo ou nas fases primitivas da experiência de vida e de cada bebê” (Winnicott, 1975, p. 102-103).

Winnicott (1975, p. 142) nos diz o seguinte:

Localizei essa importante área da experiência no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente, aquilo que, de início, tanto une quanto separa o bebê e a mãe, quando o amor desta, demonstrado ou tornando-se manifesto como fidedignidade humana, na verdade fornece ao bebê sentimentos de confiança no fator ambiental.

É no espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo que trará a condição para a criatividade e que só se desenvolverá em circunstâncias que depende da experiência vivida que conduz à confiança (Winnicott, 1975).

A dimensão problemática para o sujeito adolescente e/ou para o sujeito contemporâneo no ambiente cultural da Atualidade, do nosso ponto de vista e de acordo com Winnicott (1975), como já dissemos, aponta para falhas

do ambiente em dar o suporte necessário para que o indivíduo se desenvolva emocionalmente, seguro e confiante para seguir no processo da experiência da vida, experimentando a potencialidade criativa do brincar compartilhado na “acontecência” e na experiência cultural.

Ao analisar o passado à luz do presente, Elias (1993) diz que o que muda no curso do processo histórico são as relações mútuas, as configurações de pessoas e a modelação que o indivíduo sofre através delas.

As explosões graças às quais a existência e atitudes de pessoas isoladas mudaram bruscamente e puderam, por isso mesmo, ser percebidas com clareza, nada mais foram do que determinados eventos ao longo de mudanças sociais bastantes lentas e, com freqüência, quase imperceptíveis, cujos efeitos são compreendidos apenas comparando-se diferentes gerações, colocando-se lado a lado os destinos sociais de pai, filho e netos (Elias, 1993, p. 221).

Freud ao perceber a caduquez de coisas que pareciam permanentes, apostou no valor da transitoriedade. E a transitoriedade do belo não implica a perda de seu valor e é justamente dessa fragilidade que podemos extrair a preciosidade da vida. Essa é a experiência e o exercício constante de construção e de reconstrução no processo da constituição subjetiva. Ele vê com otimismo que a vida é um exercício constante de reconstrução, mesmo diante da desilusão da guerra, apostando, assim, no

valor da transitoriedade, e desconfiando das coisas que pareciam permanentes e imutáveis (Prata, 2002, p. 133).

Freud (1915/1996) escreveu em caminhada num belo campo na companhia de dois amigos; um amigo taciturno e um poeta jovem, mas já famoso, ele observou o seguinte: o poeta admirava a beleza do cenário a sua volta, mas não extraía disso qualquer alegria. Perturbava-o um pensamento de que toda aquela beleza estava fadada à extinção, de que desapareceria quando chegasse o inverno. Tudo aquilo que ele teria amado e admirado, pareceu-lhe despojado de valor por estar fadado à transitoriedade.

A propensão de tudo que é belo e perfeito à decadência, pode, como sabemos, dar margem a dois impulsos diferentes na mente. Um leva ao penoso desalento sentido pelo jovem poeta, ao passo que o outro conduz à rebelião contra o fato consumado (Freud, 1915/1996, p. 345).

O sentimento desse poeta jovem, pelo o que Freud escreve, podemos dizer que é a própria desilusão e desencantamento com a natureza mutável das coisas, já que se transforma e muda incessantemente, não garantindo uma imobilidade (dita ideal) daquilo que se acredita, belo e apaziguador às nossas almas. Ou seja, a mutação, transitoriedade e a ambigüidade – presentes em todas as coisas – pressupõe o lado agradável e desagradável permanentemente da existência.

Ou seja, a conduta do homem em geral e a maneira de ver as coisas e as pessoas é extremamente maleável e variável de conformidade com a transformação da sociedade no processo civilizador, na interdependência das relações do ser humano uns com os outros e na contingência.

E o que chamamos de Modernidade é exatamente a idéia de abertura que introduziu outras formas de inter-relacionamentos e de conhecimento, constituindo um sujeito livre das autoridades totalitárias, do simbólico absoluto e da tradição dogmática, construindo pessoalmente na “acontecência” a sua ação na relação com o mundo e com os outros, que implica ruptura, transição, instabilidade e criatividade.

E finalmente, finalizamos fazendo uma análise reflexiva da experiência do homem contemporâneo, em sua maneira de agir e de percepção do mundo e de si mesmo, ressaltando a necessidade de uma reflexão da dimensão ética, que hoje, é cada vez mais difícil e complexo pensar, mas fundamentalmente necessário.

Concordando com Elias (1993), encontramos nele e em outros autores, a contribuição para pensar o sentido ético que consideramos pertinente e válido, para que o humano possa dirigir as ações, pensamentos e invenções, que vão de encontro também com as idéias de outros autores eleitos por nós neste estudo.

Costa (2002) em seu artigo “Criatividade, transgressão e ética” diz que o ato ético sinaliza a existência livre, autônoma e indeterminada do sujeito. E continua:

O fundamental na criação ética não é o assalto à crença do próximo, mas antes, o compromisso com o alargamento e a mobilidade da moldura expressiva do sujeito. A transgressão é um efeito colateral, uma decorrência, por vezes incontornável, da positividade da ação que não se contente em dizer “não” ao que é, mas “sim” ao que pode ou deve ser (Costa, 2002, p. 63).

E de acordo com Tales Ab’Saber, na revista “Viver - Mente e Cérebro” da coleção “Memórias da psicanálise”:

Podemos observar claramente o quanto a textura de criatividade universal de Winnicott está informada por uma posição ética de caráter moderno e democrático, onde as diferenças de potencial e estatuto das várias formas e posições humanas não cedem o lugar vital na criatividade, aberta do viver, a qual todos têm o direito de encontrar desde o seu estar no mundo humano.

E, do nosso ponto de vista, o melhor cenário ético da Contemporaneidade – em que se instala insidiosamente uma sociedade que tenta produzir convicções e certezas com base em um saber sem dúvidas (a razão, a ciência ou atualmente o mercado) - seria a ética da invenção responsável.

Um posicionamento que admite um saber dinâmico e construído na experiência e no processo relacional em todas as suas dimensões, sócio-cultural-econômica-política-familiar. Essa posição tem na ação, o cuidado e o auxílio mútuo co-responsável e na co-existência o projeto coletivo que conjuga o verbo na segunda pessoa do plural – “nós” – com atitudes que estreitam e mantêm os vínculos inter-humanos, da troca, pessoal, social e profissional multi-interdisciplinar, que soma e traduz direitos em obrigação de compartilhar e pensar no coletivo pelo bem-estar de todos.

REFERÊNCIAS

- Ab'Saber, T. Criatividade de Winnicott. *Revista Viver - Mente e Cérebro*, 5. Coleção Memórias da psicanálise.
- Alberti, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relumí-Dumará, 1996.
- Aos treze. (2003). Direção: Catherine Hardwicke. Produção: Catherine Hardwicke e Eliot Davis. Roteiro: Catherine Hardwicke e Nikki Reed. Intérpretes: Evan Rachel Wood (Tracy); Holly Hunter (Melanie); Nikki Reed (Evie); Jeremy Sisto (Brady); Brady Crbet (Mason). Estados Unidos; Reino Unido: Fox Film. 100 min, son., color.
- Áries, P. (1973). *História social da criança e da família*. Paris: Editions du Seuil.
- Bauman, Z. (2004) *Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bezerra Junior, B. (2002). O caso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: Plastino, C. A. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Birman, J. (2006). Tatuando o desamparo: a juventude na atualidade. In: Cardoso, M. R. (Org.) *Adolescentes*. São Paulo: Escuta.
- Cadoret, M. (2003). *Le pardigme adolescent*. Paris. Dunod.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Calligaris, C. (1999). A psicanálise e o sujeito colonial. In: E. L. A. de Souza. *Psicanálise e colonização. Leituras do Sintoma Social*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.

Caniato, A. M. P.; Cesnik, C. C. (2005). Adolescência e resistência. (pp. 1-6). In: *Anais, 1. Simpósio Internacional do Adolescente*, 2005, São Paulo: [s.n.].

Cardoso, M. (Org.). (2006). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta.

Carroll, L. (2002). *Alice no país das maravilhas*. São Paulo: Ática.

Cavalcanti, A. E.; Rocha, P. S. (2001). *Autismo: construções e desconstruções*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Cintra, E. M. U. (2006). Adolescência prolongada. In: M. R. Cardoso (Org.) *Adolescentes*. São Paulo: Escuta.

Costa, J. S. F. (2004). *O vestígio e a aura Corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.

Costa, J. S. F. (2002) Criatividade, transgressão e ética. In: C. A. Plastino (Org.). *Transgressões*. Vol. 1. (pp.63-77). Rio de Janeiro: Contra Capa.

Deluz, A. et al. (1999). *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas e antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Derrida, J. (2004). *De que amanhã...Diálogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001). São Paulo: Objetiva.

Dolto, F. (1990). *A causa do adolescente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Dumont, L. (1997). *Homo hierarchicus. O sistema de castas e suas implicações*. São Paulo: EDUSP.

Elias, N. (1993). *O processo civilizador. Formação do Estado e Civilização*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Figueiredo, L. C. (1996). *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação*. São Paulo: Educ; Escuta: São Paulo.
- Figueiredo, L. C. (2001). Mal-estar e subjetividade brasileira, *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 57-72.
- Freire, J. (2004). *O Vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Freud, S. (1995b). *O Futuro de uma Ilusão*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1995d). *O Mal estar na civilização*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- Freud, S. (1976). *Três ensaios sobre a teoria sexual*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 6. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1996) *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 14. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914-1916).
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Granville, B. de. (1556). *Lê grand propriétaire de toutes choses, très utile et profitable pour tenir le corps en santé*. Traduzido para o francês por Jean Corbichon. [S.l.: s.n.].
- Hall, S. (1997). *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

- Jeammet, P. & Corços, M. (2005). *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Justo, J. S. (2005, janeiro/junho). O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia UFF*, 17 (1), 1-15.
- Le Breton, D. (2004). *Corpo, técnica, subjetividades*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Levisky, D. L. *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (1998). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lipovetisky, G. (2004). *Metamorfoses da cultura liberal Ética/Mídia/Empresa*. Porto Alegre, RS: Sulina.
- Mafessoli, M. (2006). *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Manoni, O. (1999). A adolescência é analisável? (p. 22). In: A. Deluz, et al. *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas e antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Martins, J. C. (2002, março). Festa e ritual, conceitos esquecidos nas organizações. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 118.
- Mead, M. (1995). *Adolescência y cultura en Samoa*. Barcelona: Editora Paidós.
- Novaes, A. (2004). Crepúsculo de uma civilização. In: Novaes, A. (Org.) *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das letras.
- Outeiral, J. (2003). *Adolescer*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Penot, B. (1995). A importância de adolescência para uma concepção psicanalítica de sujeito. *Adolescência (Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre)*, 5 (11), 31.
- Perrot, M. (1993). O nó e o ninho. *VEJA 25 anos Reflexões para o futuro*. São Paulo, 75.

- Pinheiro, T.; Barbosa, M.; Venturino, C. (2006). Vergonha e Adolescência. In: M. R. Cardoso (Org.). *Adolescentes*. São Paulo: Escuta.
- Pinheiro, C. V. Q. (2001, setembro). Indivíduo e sociedade: um estudo sobre a perspectiva hierárquica do de Louis Dumont. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 1 (1), 94-104.
- Prata, M. R. S. (2002). Pulsão de morte e transgressão da ordem. Vol. 1: Vidência e atualidade. In: A. C. Plastino (Org.). *Transgressões*. pp. 127-134. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Rassial, J-J. (1997). A passagem adolescente da família ao laço social. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios.
- Rosa, M. D. (2002). Adolescência: da cena familiar à cena social, *Revista de Psicologia da USP*, 13 (2), 1-9.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rufino, R. (1999). *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre, RS: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Artes e Ofícios.
- Salinger, J. D. (1951). *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- Sennett, R. (2005). *A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Sevcenko, N. (1998, 20 de setembro). O grande motim. *Folha de São Paulo*. p. 1-3.
- Tubert, S. (1999). *A morte e o imaginário na adolescência*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Versiani, I. (1998, 20 de setembro). "Adultescência", *Folha de São Paulo*, Caderno Mais.

Winnicott, D. W. (1993a) *O ambiente e os processos de maturação. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro. Imago, 1975.

Winnicott, D. W. (1993d). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1990). *A natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. W. (1999a). *Privação e delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1999b). *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Arendt, H. (2001a). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária

Arendt, H. (2001b). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.

Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.) (2004). *Adolescência: um problema de fronteiras*. Porto Alegre: APPOA.

Baudrillard, J. (2002). *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Calligaris, C. (1996). *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo: Ática.

Foucault, M. (2003). *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense.

Freud, S. (1995a). *Além do princípio do prazer*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1920).

Freud, S. (1995c). *Introdução ao Narcisismo*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (1995e). *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1912).

Gontijo, T. C. (1999). "Pai, não vêes que posso perder-te?". In: Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões, 1: O adolescente e a modernidade, 1999, Rio de Janeiro. *Anais do I Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Kats, G.; Costa, G. (1996). O adolescente e a família pós-moderna. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30 (2).

- Kehl, M. R. (Org.) (2000). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Kohan W. (2003). *Infância entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Levisky, D. L. (2000). *Adolescência e violência: conseqüências da realidade brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Melman, C. (1987). *Haveria uma questão particular do pai na adolescência?* Paris: Bulltin de l' Association Freudienne.
- Melman, C. (2003). *O homem sem gravidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Panarello, M. (2004). *100 escovadas antes de ir para a cama*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Rassial, J-J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. & Derrida, J. (2004). *De que amanhã...* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sousa, E. L. A. de. (1999). *Psicanálise e colonização: leituras do sintoma social no Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)